

**MARIA DO CARMO IVO DE MEDEIROS**

**Duas leituras do Fórum Social Mundial: *Caros*  
*Amigos e Catolicismo***

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

**(Nível de Mestrado)**

**Campinas (SP)**

**2004**



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUISTICA  
(Nível de Mestrado)

**Duas leituras do Fórum Social Mundial: *Caros  
Amigos e Catolicismo***

MARIA DO CARMO IVO DE MEDEIROS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística do IEL/UNICAMP, como registro parcial para a obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Área de Concentração: Análise do Discurso

Orientador: Prof. Dr. Sírio Possenti

Campinas (SP)  
MAIO/2004

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA  
BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

M467d Medeiros, Maria do Carmo Ivo.  
Duas leituras do Fórum Social Mundial : Caros Amigos e  
Catolicismo / Maria do Carmo Ivo Medeiros. - Campinas, SP : [s.n.],  
2004.

Orientador: Sírio Possenti.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas,  
Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Análise do discurso. 2. Semântica. 3. Fórum Social Mundial. 4.  
Tradição Família e Propriedade. I. Possenti, Sírio. II. Universidade  
Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

**Banca Examinadora**

---

Prof. Dr. Sírio Possenti – Orientador  
UNICAMP

---

Fernanda Mussalim Guimarães Lemos Silveira  
UFU

---

Waldemir Miotello  
UFSCar

---

Mônica Zoppi-Fontana (Suplente)  
Unicamp



## **Agradecimentos**

O trabalho que apresento aqui só conseguiu ser concluído graças à colaboração de um grupo de pessoas muito especiais.

Gostaria de agradecer ao orientador dessa dissertação, professor Sírío Possenti, cuja excelência profissional guiou meu trabalho com firmeza. Ao mesmo tempo, com uma humanidade enorme, soube compreender meu ritmo frente aos imprevistos que aconteceram no decorrer do trabalho.

Gostaria de agradecer à minha família, fonte de minha energia, sem a qual eu não teria como fazer esse trabalho.

Especialmente agradeço aos meus filhos: Marcelo, grande amor de minha vida, que tanto torceu para o “livro ficar bem grande” e Mariana, meu outro grande amor, que com seu sorriso lindo, cheio de energia, iluminou meu trabalho.

Agradeço também aos funcionários da secretaria da pós-graduação do IEL, especialmente agradeço à Rose pelas palavras de apoio e por toda atenção no acompanhamento burocrático de meu prazo de defesa.



## Sumário

<b>Resumo</b> .....	xi
<b>Abstract</b> .....	xiii
<b>Lista de Tabelas</b> .....	xv
<b>Introdução</b> .....	1
<b>Capítulo I - Sobre o Fórum Social Mundial</b> .....	5
1. Antecedentes.....	5
2. O que é o FSM, definido por ele mesmo.....	8
2.1. Carta de Princípios do Fórum Social Mundial .....	10
<b>Capítulo II - Considerações teórico – metodológicas</b> .....	15
1. Material: apresentando <i>Caros Amigos</i> e <i>Catolicismo</i> .....	15
2. O <i>corpus</i> selecionado .....	19
<b>Capítulo III - A Análise do Discurso Francesa e as hipóteses de Maingueneau em <i>Genèse du Discours</i> (1984)</b> .....	21
1. Análise do discurso francesa .....	21
1.1. Interdiscurso .....	22
2. Maingueneau (1984) e o primado do interdiscurso.....	26
2.1. Definição de discurso em Maingueneau (1984) .....	27
2.2. Hipóteses propostas em <i>Genèses du Discours</i> .....	29
2.2.1. O primado do interdiscurso .....	31
2.2.2. Competência Discursiva .....	32
2.2.3. Interincompreensão Regrada.....	34
<b>Capítulo IV: Como nasceu o discurso do Fórum Social Mundial. (O primado do interdiscurso)</b> .....	37
1. Constituição do discurso do FSM.....	39
2. Metáforas que ocorrem nos enunciados usadas pelo FSM para se caracterizar e para caracterizar o FEM.....	62
3. A Organização Mundial de Comércio (OMC) definida por ela mesma..	66
4. Leitura do FSM feita pela Esquerda radical .....	68
<b>Capítulo V - Análise do discurso da TFP sobre o lema do FSM: “Um Outro Mundo é Possível”. (<i>Interincompreensão</i>)</b> . .....	77
1. O que significa a proposta do FSM: “Um outro mundo é possível”: Leitura de <i>Catolicismo</i> .....	78
2. Enunciados que demonstram a realização dos traços da TFP.....	90
3. Metáforas usadas pela TFP para se caracterizar e para caracterizar o FSM e o FEM .....	99
<b>Capítulo VI – Um esboço da semântica global da TFP e das esquerdas</b> .....	105
1- Sistema de Restrições Semânticas Globais do Discurso da TFP .....	107
1.1. Símbolo da TFP: o leão.....	108
1.2. Algumas capas de <i>Catolicismo</i> .....	112

1.3. Catálogo de livros .....	115
1.4. Seção da revista <i>Catolicismo</i> : “Costumes . Ambientes . Civilizações” .....	117
2- Sistema de restrições semânticas globais de discursos da esquerda.....	124
2.1. Arquitetura .....	126
2.2. Teatro.....	133
2.3. Música.....	136
2.4. Igreja .....	139
2.5. Fotografia.....	146
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>149</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>151</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>153</b>

## Resumo

Neste trabalho, seguindo a abordagem proposta por Maingueneau (1984), analisamos o discurso de duas revistas – *Catolicismo* (porta-voz da TFP) e *Caros Amigos* (revista comprometida com a esquerda) – sobre o Fórum Social Mundial (FSM). Analisamos especialmente os discursos construídos sobre o lema do FSM (“Um Outro Mundo é Possível”), procurando explicitar alguns dos traços semânticos que definem o discurso da TFP e o discurso das esquerdas no Brasil.

Através da análise de enunciados contidos nas matérias das referidas revistas, mostramos como se organiza o conflito entre esses dois discursos. A revista *Caros Amigos* dá voz aos organizadores e participantes do FSM, e a revista *Catolicismo* vai ler o FSM segundo sua semântica, resultando disso uma leitura em forma de simulacro do discurso do FSM.

A análise que foi desenvolvida mostrou como se constrói o discurso do FSM. Ficou claro que, como propõe Maingueneau em *Genèses du discours* (1984), um discurso nasce de um trabalho sobre outros discursos: no caso, o FSM se define a partir da negação do que representa o FEM.

Em seguida, explicitou-se a interação semântica entre os discursos como um processo de *interincompreensão regrada*, ainda no sentido de Maingueneau (1984), através da forma como a TFP lê o discurso do FSM: em especial, qualquer proposta do FSM de mais igualdade é lida pela TFP - que tem como traços principais a hierarquia e a desigualdade harmônica - como “comunismo escamoteado”.

Por fim, esse trabalho mostrou a validade de outra hipótese de Maingueneau exposta em *Genèses du Discours* (1984): que uma semântica global rege os discursos que se materializam em vários gêneros e em vários sistemas semióticos. A análise mostrou que a identidade de um discurso não é somente uma questão de vocabulário ou de proposições, mas que depende de uma coerência global que integra suas múltiplas dimensões textuais.

**Palavra-chave:** Interdiscurso, Semântica Global, Fórum Social Mundial (FMS), Tradição, Família e Propriedade (TFP).



## Abstract

In this work, according to the Maingueneau approach, it is analysed the discourse based on the World Social Forum published in two magazines - *Catolicismo* (Tradition Family and Property's expression) and *Caros Amigos* (a left-wing committed magazine). It is especially analysed the discourses originated from the World Social Forum's theme – "Another world is possible" – aiming to explain some semantic aspects that delineates the Tradition Family and Property (TFP) and the left-wing discourses in Brazil.

Through the analysis of the articles from the referred magazines, it is shown how the conflict is organized between both discourses. The magazine *Caros Amigos* is the expression of the World Social Forum organizers and members, while the magazine *Catolicismo* reads World Social Forum according to its semantic, resulting in a reading in the simulacrum form of the World Social Forum speech.

The analysis that was developed showed how the World Social Forum is built. It is clear, as Maingueneau proposed in his *Genesis du discours*, a discourse is derived from a work based on other discourses, in this case the World Social Forum definition is derived from the negation of what World Economic Forum represents.

In addition, it is explicated the semantic interaction between both discourses as a process of inter-incomprehension, still according to Maingueneau, through the reading that the TFP does of the World Social Forum discourse. Pointing out that any proposal of the World Social Forum for more equality is read by the TFP, which has as main characteristics the hierarch and the harmonic inequality, as "a disguised communism".

Finally, this work confirms the validity of another hypothesis of Maingueneau proposed in *Geneses du Discours* (1984), which says: "a global semantic rules the discourses that materializes into many genre and several semiotics systems".

Moreover, the analysis indicates that the identity of a discourse is not only a matter of vocabulary or propositions, but it also depends on the global coherence that integrates its multiple textual dimensions.

**Keywords:** interdiscourse, global semantics, World Social Forum , Tradition Family and Property (TFP).



## Lista de tabelas

	Páginas
Tabela 1: Enunciados reivindicados e enunciados rejeitados pelo FSM.....	40
Tabela 2: Constituição do discurso do FSM.....	43
Tabela 3: Tabela com os enunciados rejeitados e reivindicados pelo FSM.....	47
Tabela 4: Algumas metáforas construídas pelo FSM.....	65
Tabela 5: Quadro com os traços reivindicados e traços rejeitados pela TFP.....	84
Tabela 6 - Leitura feita pela TFP do mundo neoliberal (defendido pelo FEM) e do “outro mundo” proposto pelo FSM.....	89

## Introdução

O objetivo deste trabalho é analisar como duas revistas, bem marcadas ideologicamente, falaram sobre o Fórum Social Mundial (FSM). O objeto é o discurso construído sobre o lema do FSM - “Um outro mundo é possível”.

O Fórum Social Mundial (FSM) tem como proposta ser uma oposição ao Fórum Econômico Mundial (FEM), reunião da elite global para debater os rumos da economia internacional.

A oposição à globalização já vinha crescendo e se organizando. A década de 90 ficou marcada pelo maior enriquecimento de grandes conglomerados americanos e europeus e maior empobrecimento de países que já eram pobres. O projeto neoliberal, chamado genericamente de globalização, patrocinado por grandes corporações e governos, impera sobre mais de cem países no mundo sem cumprir o discurso de acabar com a pobreza gerando riqueza. Por isso, vem sofrendo crescente oposição. No discurso dos opositores<sup>1</sup>, a globalização tem outro nome: “neocolonialismo”, “globocolonização”, “globalitarismo”.

Em dezembro de 1999, os críticos da globalização conseguiram bloquear a Conferência Ministerial da OMC (Organização Mundial do Comércio), em Seattle, nos EUA: 50.000 pessoas se agruparam, em protesto contra o terceiro encontro anual da OMC, cercaram o centro de convenções e os hotéis em que os delegados se hospedavam, bloquearam as passagens e atrasaram as reuniões. Durante cinco dias, um confronto direto entre polícia e manifestantes atraiu a atenção da mídia mundial, que deu mais atenção ao “estardalhaço dos vândalos” que às reivindicações dos manifestantes. Desse ato contra a globalização participaram 1.387 entidades não-governamentais.

Em abril de 2000, em Washington, os críticos da globalização reuniram-se para protestar contra as reuniões de primavera do FMI e do Banco Mundial: depois de cercar o local das reuniões por um dia, quinhentas pessoas foram detidas. Em julho de 2000, em Millau (sul da França), aconteceu uma mobilização em solidariedade a José Bové e a mais nove agricultores da Confederação Camponesa e, ao mesmo tempo, um protesto contra os

---

<sup>1</sup> No capítulo IV, analisaremos o discurso do FSM e veremos a leitura que faz do mundo neoliberal.

efeitos predatórios da globalização; em outubro do mesmo ano, ocorreu o Grito dos Excluídos da América Latina e do Caribe.

Durante o ano de 2001, aconteceram algumas manifestações importantes: a principal, que ocorreu logo no início do ano, foi o FSM. Em abril de 2001, manifestantes protestaram em Quebec contra o Encontro das Américas, onde se negociava a criação da ALCA: milhares de pessoas protestaram diante de uma cerca de três metros de altura e quatro quilômetros de comprimento, erguida para manter a manifestação à distância dos chefes de Estado reunidos. Em julho do mesmo ano, na cidade de Gênova, aconteceu uma grande manifestação contra o G-8<sup>2</sup>, Grupo dos Oito, formado pelos países mais industrializados do planeta. Ainda no mesmo ano, em outubro, na cidade de Porto Alegre, aconteceu o Fórum Mundial de Educação (uma “extensão” do FSM), que atacou o neoliberalismo econômico por estabelecer relações de mercado em escolas e universidades, transformando o ensino em mercadoria.

O 1º Fórum Social Mundial ocorreu em janeiro de 2001, na cidade de Porto Alegre. Ao mesmo tempo, em Davos, ocorreu o já conhecido Fórum Econômico Mundial. Quando ocorreu o primeiro fórum social mundial, já houve um reconhecimento internacional de que se tratava de um movimento aglutinador de diferentes forças da esquerda que têm em comum a luta contra a globalização neoliberal. Nesse mesmo ano, o FSM elaborou sua Carta de Princípios e “oficializou” sua oposição ao FEM.

Embora o 1º Fórum Social Mundial tenha tido uma grande repercussão internacional<sup>3</sup>, foi pouco comentado pela grande imprensa no Brasil: nas revistas, ou foi ignorado ou foi comentado superficialmente; nos jornais, algumas poucas vezes se ocuparam do evento. As únicas revistas que dedicaram um grande espaço ao FSM foram *Caros Amigos* e *Catolicismo*.

---

<sup>2</sup> O G-8 se reúne todos os anos e tem por objetivo decidir as linhas políticas de intervenção global. Para muitos, os reais autores dessas decisões são o Banco Mundial (BM), o Fundo Monetário Internacional (FMI) e, desde 1995, a Organização Mundial do Comércio (OMC).

<sup>3</sup> O FSM apareceu com frequência em vários dos textos da primeira edição do “Fórum News Daily”, um jornal criado pelo FEM para circular apenas durante os seis dias de duração do encontro; a contracapa do “Financial Time” de 24 de janeiro de 2001 era “Elite do Poder em Davos pode ser eclipsada pelos que protestam”

O 2º Fórum Social Mundial contou com aproximadamente o dobro de representações em relação ao primeiro e não pôde mais ser ignorado pela grande imprensa<sup>4</sup>. E, novamente, o espaço reservado para o FSM pelas duas revistas - *Caros Amigos* e *Catolicismo* - foi muito expressivo: a revista *Catolicismo* dedicou um espaço em duas edições (edição de fevereiro e de março) da revista ao FSM; a revista *Caros Amigos* reservou um espaço na edição de março e lançou, no mesmo mês, uma edição especial sobre o FSM.

Depois da repercussão da primeira reunião do FSM, a mídia comercial<sup>5</sup> passou a reservar-lhe algum espaço, ao lado do já tradicional FEM.

Por dedicarem um grande espaço à cobertura do FSM, apresentando leituras tão diferentes do mesmo evento, o discurso de *Catolicismo* e o discurso das esquerdas/FSM (cujo “porta-voz” é *Caros Amigos*) foram escolhidos para esta análise. *Catolicismo* é porta-voz da TFP; *Caros Amigos* não é oficialmente porta-voz do FSM, mas é a revista que dá voz a participantes e organizadores do Fórum, alguns deles articulistas<sup>6</sup> da revista.

A fim de realizar uma análise desses discursos, recorreremos às teorias da chamada escola francesa da Análise do Discurso, principalmente aos estudos de Maingueneau (1984<sup>7</sup>, 1987) sobre interdiscursividade, semântica global, polêmica discursiva e interincompreensão constitutiva.

Através da análise lingüística de enunciados contidos nas matérias das revistas selecionadas, tentar-se-á mostrar o conflito discursivo<sup>8</sup> entre os dois discursos mencionados: TFP (organização ligada a extrema direita da igreja católica, que se destaca por suas idéias conservadoras) *versus* discursos da esquerda brasileira.

---

<sup>4</sup> Em São Paulo, a *Folha de São Paulo* e o *Estado de São Paulo* dedicaram algum espaço para artigos sobre o fórum, antes e durante a semana do FSM. Já a revista *VEJA*, a revista de mais circulação em São Paulo, novamente deu um tratamento superficial ao evento.

<sup>5</sup> Chamamos de “mídia comercial” jornais e revistas que apresentam a ‘versão oficial’ dos fatos. *Caros Amigos*, como veremos no próximo capítulo, se propõe a mostrar o “outro lado”, se propõe a dar voz para o que não tem voz na grande mídia. *Catolicismo* é porta-voz da TFP.

<sup>6</sup> *Caros Amigos* não tem articulistas fixos, João Pedro Stedile, Oded Grajew, Frei Beto, Leonardo Boff, José Crispiniano, Emir Sader, entre outros, escrevem com frequência em *Caros Amigos* e são ativos participantes do FSM.

<sup>7</sup> Dessa obra, há uma tradução não publicada de Possenti (Campinas, 1999), que é a fonte dos fragmentos em português desse texto de Maingueneau que citamos neste trabalho.

<sup>8</sup> Trata-se, como veremos adiante (cf. cap III), da manifestação de uma incompatibilidade já inscrita nas próprias condições de possibilidade do discurso.

A revista *Caros Amigos* dá voz aos organizadores e participantes do FSM, e a revista *Catolicismo* vai ler, à sua maneira, o FSM, resultando numa leitura "deformada".

O fracasso do comunismo e a implosão do socialismo desmantelaram ideologicamente a direita tradicional, que tinha por suporte doutrinário básico o anticomunismo. Nessa conjuntura, o neoliberalismo apresentou-se como único vencedor.

No entanto, a TFP, organização de extrema direita, manteve seu suporte doutrinário: sua luta continua sendo o anticomunismo, além de também polemizar com os neoliberais, por motivos diferentes da esquerda, como veremos. Já a esquerda não polemiza com a extrema direita, representada pela TFP, mas sim com o neoliberalismo globalizante.

A análise que será desenvolvida, num primeiro momento, vai mostrar como se constrói o discurso do FSM. Nesse capítulo, vamos mostrar, como propõe Maingueneau em *Genèses du discours*<sup>9</sup> (1984), que um discurso nasce de um trabalho sobre outros discursos: veremos o FSM se definindo a partir da negação do que representa o FEM.

Em seguida, mostraremos, como propõe Maingueneau (1984), a interação semântica entre os discursos como um processo de *interincompreensão regrada*. A análise incidirá sobre o modo como a TFP lê o discurso do FSM. Como veremos, toda proposta de mais igualdade é lida pela lente da TFP - que tem como traços principais a hierarquia e a desigualdade harmônica - como “comunismo escamoteado”.

Por fim, esse trabalho pretende mostrar a validade de uma outra hipótese de Maingueneau defendida em *Genèses du Discours* (1984): a existência de uma semântica global nos discursos que se materializam em vários gêneros e em vários sistemas semióticos. A análise vai procurar mostrar que a identidade de um discurso não é somente uma questão de vocabulário ou de proposições, mas que a identidade de um discurso depende de uma coerência global que integra suas múltiplas dimensões textuais.

Como veremos, as hipóteses de Maingueneau apresentadas em *Genèses du Discours* se mostraram produtivas diante do corpus analisado.

---

<sup>9</sup> Maingueneau (1984), na introdução de seu trabalho, esboça sete hipóteses (bastante ligadas umas às outras) que depois são desenvolvidas em sete capítulos. O esboço dessas hipóteses está no cap. III deste trabalho.

## Capítulo I - Sobre o Fórum Social Mundial

### 1. Antecedentes

Muitas publicações apontam as manifestações em Seattle, em dezembro de 1999, como o marco inicial da campanha antiglobalização. Mas elas são mais antigas, como argumenta o professor de política econômica Mario Pianta, no jornal *La Republica*<sup>10</sup> : “A raiz desse movimento está no final do século 19, quando ganha força a sociedade civil. Naquela época, como hoje, a política perde competência e capacidade de representação frente aos fenômenos globais. Os grupos que vemos hoje nasceram na metade dos anos 60. O primeiro Fórum Alternativo aconteceu em Londres, em 1984, durante a reunião do G-7. Outro grande encontro aconteceu em Berlim, em 1988, contra a reunião do FMI. Nessa ocasião, mais de 100.000 pessoas foram às ruas protestar contra os ‘grandes do mundo’ ”.

Para Naomi Klein<sup>11</sup>, jornalista canadense participante do FSM, “esses protestos de hoje surgiram no começo dos anos 90, só que os *mass media* nunca perceberam. O *New York Times* escreveu que o FSM nasceu do improviso. Para eles parecia assim, porque os grandes meios de comunicação ignoraram por dez anos a cobertura de qualquer forma de protesto” (*Caros Amigos*, agosto/2001: p.14).

Para José Crispiniano<sup>12</sup>, Chiapas, janeiro de 1994, poderia se visto como o nascimento simbólico do movimento antiglobalização de que o FSM se considera seguidor: “Na selva de Lacandona, no mesmo dia em que é implantado o Nafta, começa o levante zapatista no sul do México. O Levante zapatista em Chiapas marca a ambição de unir diversas lutas, em contextos diferentes, contra o mesmo inimigo. Ou seja, uma luta local e ao mesmo tempo um chamado pela mudança geral, criar um ‘mundo onde caibam todos os mundos’: tanto a defesa dos imigrantes na Europa, quanto a luta contra as grandes corporações nos EUA, pelo acesso à terra no Brasil, pelos sindicatos na Coréia do Sul e

---

<sup>10</sup> Cf. *Caros Amigos*, agosto de 2001:p.14

<sup>11</sup> Naomi Klein é autora do livro *No Logo*, considerado a grande bíblia do movimento contra o neoliberalismo.

<sup>12</sup> José Crispiniano é jornalista, autor do livro *A Guerrilha Surreal*, sobre os protestos antiglobalização, contra o FMI e o Banco Mundial.

Indonésia, contra os transgênicos, em defesa do meio-ambiente, entre outras. Todas esbarrando nas chamadas políticas de ajuste estrutural do Fundo Monetário Internacional (FMI), do Banco Mundial e da OMC. Por detrás dessas entidades estavam, conceitualmente, as chamadas ‘políticas neoliberais’ do Consenso de Washington, e politicamente, sustentando tudo isso, os países do G-7. Contra o pensamento único, começava a surgir a diversidade do chamado ‘movimento dos movimentos’. Em 1997, em Barcelona, promovido pelos zapatistas, surgia a Ação Global dos Povos (AGP), uma rede congregando entidades, ativistas de pequenos coletivos autônomos, movimentos sociais e alguns sindicatos. A AGP lançou os chamados Dias de Ação Global, datas em que simultaneamente, em várias partes do mundo, se protestaria por justiça Global. Somados, os dias de Ação Global e a luta contra o Acordo Multilateral de Investimentos começaram a moldar uma ampla convergência contra a globalização. Isso se tornaria explosivamente visível em 30 de novembro de 1999, em Seattle, Estados Unidos, nas manifestações que impediram a realização da chamada Rodada do Milênio, da OMC, Seattle foi em novembro de 1999. Em fevereiro de 2000, o FSM, como foi batizado, logo angariou apoio das entidades que iam constituir o comitê organizador, entre elas a Associação Brasileira de ONGs, a CUT, o MST e a Attac” (Março/2003, p.25).

O FSM reúne vários movimentos de esquerda que se colocam como contrários ao mundo como está. Estes movimentos, reunidos, agora têm espaço no FSM: “quem são esses que têm a audácia de questionar a palavra e a história oficiais? A imprensa os chama de ‘Povo de Seattle’. Mas eles, integrantes do grande movimento antiglobalização, preferem o título de ‘Povo de Porto Alegre’” (Caros Amigos, agosto/2001: p.14).

O movimento dos “não Globais” é formado por ambientalistas, indígenas, sindicalistas, anarquistas, agricultores, estudantes, religiosos, entre outros. Alguns nomes importantes do FSM são Oded Grajew (ex-empresário, presidente da fundação Abrinq, um dos idealizadores do FSM), Ignácio Ramonet (editor de *Le Monde Diplomatique*), Bernard Cassen (diretor do *Le Monde Diplomatique* e presidente das associações contra o neoliberalismo, ATTAC), João Pedro Stedille (um dos coordenadores do MST), Leonardo Boff (um dos expoentes da Teologia da Libertação), Muhamad Yunus (idealizador do Grameen Bank, o banco dos pobres), Naomi Klein (jornalista americana).

Os nomes vão muito além disso: o FSM é a reunião de muitas organizações espalhadas pelo mundo unidas por três pilares: “**Objetivos em comum**: o movimento, além de divergências e antagonismos, tem muitas bandeiras em comum. Por exemplo, a exigência do cancelamento das dívidas dos países pobres, a proteção do meio ambiente, com a ampliação do Protocolo de Kyoto, que prevê a redução na emissão de poluentes, a modificação das regras do comércio internacional, com a limitação do poder do capital global; **Inimigos em comum**: instituições como Fundo Monetário Internacional (FMI), Banco Mundial, Organização Mundial do comércio; **Internet**: o movimento tem um meio de comunicação global que oferece instrumentos de luta e debate nunca antes imaginado. A rede é a grande alma do movimento.” (Caros Amigos, agosto/2001: 14)

Em *Caros Amigos*, na primeira edição especial sobre o FSM (março/2001), Oded Grajew, um dos idealizadores desse fórum, fala sobre como nasceu a idéia de um contraponto ao FEM: “Estando em Paris no início de 2000, na mesma época em que se realizava o FEM daquele ano, em Davos, fiquei muito incomodado com o espaço que a mídia francesa e internacional dedicava ao evento, promovendo as teses econômicas neoliberais louvadas em Davos. Parecia que a economia estava resolvendo todos os problemas da humanidade. Tive então uma idéia: realizar, na mesma época do FEM, um FSM que mostrasse o mundo do ponto de vista das pessoas e não do dinheiro ou das mercadorias. Um mundo onde a economia estivesse a serviço da promoção social, e não a sociedade a serviço da economia. O Fórum Social teria a função de marcar o contraponto ao Fórum Econômico, dividiria a mídia, mostraria caminhos diferentes e colocaria as pessoas diante de escolhas”.(Caros Amigos, 03/2001: p.6).

Ignácio Ramonet, editor de *Le Monde Diplomatique* e também um dos idealizadores do FSM, num artigo em *Caros Amigos* (11/2000: p.16) “A necessidade da utopia” diz: “Muitos cidadãos gostariam de colocar um grão de humanidade na engrenagem bárbara neoliberal; procuram um antecedente responsável, experimentam o desejo da ação coletiva. Gostariam de questionar dirigentes bem definidos, em carne e osso, a quem pudessem repassar suas críticas, suas preocupações, suas angústias e sua confusão, na medida em que o poder se tornou em grande parte abstrato, invisível, distante e impessoal. Ainda gostariam de acreditar que existem respostas na política, justamente quando a política tem cada vez maior dificuldade em dar respostas simples e claras aos problemas complexos da sociedade,

E, no entanto, cada cidadão sente a necessidade urgente – como uma barreira contra a ressaca neoliberal – de um contraprojeto global uma contra-ideologia, um edifício conceitual que se possa contrapor ao modelo atualmente dominante. Construir esse projeto não é fácil, pois o ponto de partida é quase tabula rasa, já que as utopias antecedentes sucumbiram quase sempre no autoritarismo, na opressão e na manipulação dos espíritos. Uma vez mais se sente a necessidade de sonhadores que pensem e de pensadores que sonhem, para sair em busca de um projeto de sociedade – não um projeto amarrado e empacotado – que permita opinar, analisar e frear, através de uma nova ideologia, a ideologia ‘anarco liberal’ que fabrica uma sociedade egoísta, priorizando a fragmentação, a divisão”.

Nesses textos está o núcleo da proposta do FSM: ser uma oposição ao neoliberalismo e ao domínio do mundo pelo capital, buscando a construção de alternativas às políticas vigentes.

## **2. O que é o FSM, definido por ele mesmo.**

Segundo definição no próprio site<sup>13</sup>, o FSM é um espaço de debate democrático de idéias, aprofundamento da reflexão, formulação de propostas, troca de experiências e articulação de movimentos sociais, redes, ongs e outras organizações da sociedade civil que se opõem ao neoliberalismo e ao domínio do mundo pelo capital e por qualquer forma de imperialismo. Após o primeiro encontro mundial, realizado em 2001, configurou-se como um processo mundial permanente de busca e construção de alternativas às políticas neoliberais. Esta definição está na Carta de Princípios, principal documento do FSM.

O Fórum Social Mundial caracteriza-se também pela pluralidade e pela diversidade, tendo um caráter não confessional, não governamental e não partidário. Ele se propõe a facilitar a articulação, de forma descentralizada e em rede, de entidades e movimentos engajados em ações concretas, do nível local ao internacional, pela construção de um outro mundo, mas não pretende ser uma instância representativa da sociedade civil mundial.

---

<sup>13</sup> [www.forumsocialmundial.com.br](http://www.forumsocialmundial.com.br)

Não é uma entidade nem uma organização: oito organizações compõem a Secretaria do FSM (antigo Comitê Organizador), que assume a coordenação do processo de construção e internacionalização do Fórum. Essa secretaria é formada pelas entidades que iniciaram a organização do primeiro FSM: Abong – Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais, Attac – Ação pela Tributação das Transações Financeiras em Apoio aos Cidadãos, CBJP – Comissão Brasileira Justiça e Paz, Cives – Associação Brasileira de Empresários pela Cidadania, CUT – Central Única dos Trabalhadores, Ibase – Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas, MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e Rede Social de Justiça e Direitos Humanos.

A operacionalização das atividades do FSM é encaminhada pela Secretaria Executiva do FSM, que fica em São Paulo, Brasil. As questões políticas gerais e a discussão sobre os rumos do FSM e as metodologias dos eventos anuais são debatidas e encaminhadas no âmbito do Conselho Internacional (CI) do FSM.

O FSM organiza anualmente um grande encontro mundial, que deve ocorrer alternadamente no Brasil e em outros países que ofereçam condições necessárias (estruturais e políticas), na mesma data em que acontece o Fórum Econômico Mundial. Também promove Fóruns Sociais Regionais e Temáticos de caráter internacional para aprofundar os debates nas diversas regiões e discutir questões específicas consideradas prioritárias pelo Conselho Internacional.

É um espaço de encontro de organizações, redes e movimentos da sociedade civil. Por isso, não é permitida a participação de entidades ou indivíduos ligados a governos ou partidos políticos como delegados no FSM. No entanto, os governos que hospedam os eventos do FSM podem ser parceiros na organização dos mesmos. Poderão ser convidados a participar, em caráter pessoal, governantes e parlamentares que assumam os compromissos da Carta de Princípios.

O FSM propõe construir um outro mundo sem o uso da violência, e por isso, não permite a participação de organizações armadas e militares.

Não cabe ao FSM promover campanhas ou ações e nem produzir declarações ou documentos finais em seus eventos. O FSM é um espaço onde organizações, movimentos e entidades da sociedade civil se encontram para debater idéias e propostas, e não tem caráter deliberativo. Ninguém está autorizado a exprimir, em nome do Fórum, posições que

pretenderiam ser de todos os seus participantes. Entretanto, o FSM possibilita aos participantes que se articulem e que proponham ações concretas ou produzam documentos referentes às suas posições.

## **2.1. Carta de Princípios do Fórum Social Mundial<sup>14</sup>**

O Comitê de entidades brasileiras que idealizou e organizou o primeiro Fórum Social Mundial, realizado em Porto Alegre de 25 a 30 de janeiro de 2001, considerou necessário e legítimo, após avaliar os resultados desse Fórum e as expectativas que criou, estabelecer uma Carta de Princípios que oriente a continuidade dessa iniciativa. Os Princípios contidos na Carta, a ser respeitada por todos que queiram participar desse processo e organizar novas edições do Fórum Social Mundial, consolidam as decisões que presidiram a realização do Fórum de Porto Alegre e asseguraram seu êxito, definindo orientações que decorrem da lógica dessas decisões. Abaixo será transcrita a Carta de Princípios.

1. O Fórum Social Mundial é um espaço aberto de encontro para o aprofundamento da reflexão, o debate democrático de idéias, a formulação de propostas, a troca livre de experiências e a articulação para ações eficazes, de entidades e movimentos da sociedade civil que se opõem ao neoliberalismo e ao domínio do mundo pelo capital e por qualquer forma de imperialismo, e estão empenhadas na construção de uma sociedade planetária orientada a uma relação fecunda entre os seres humanos e destes com a Terra.
2. O Fórum Social Mundial de Porto Alegre foi um evento localizado no tempo e no espaço. A partir de agora, na certeza proclamada em Porto Alegre de que "um outro mundo é possível", ele se torna um processo

---

<sup>14</sup>[www.forumsocialmundial.com.br](http://www.forumsocialmundial.com.br)

permanente de busca e construção de alternativas, que não se reduz aos eventos em que se apóie.

3. O Fórum Social Mundial é um processo de caráter mundial. Todos os encontros que se realizem como parte desse processo têm dimensão internacional.
4. As alternativas propostas no Fórum Social Mundial contrapõem-se a um processo de globalização comandado pelas grandes corporações multinacionais e pelos governos e instituições internacionais a serviço de seus interesses, com a cumplicidade de governos nacionais. Elas visam a fazer prevalecer, como uma nova etapa da história do mundo, uma globalização solidária que respeite os direitos humanos universais, bem como os de todos os cidadãos e cidadãs em todas as nações e o meio ambiente, apoiada em sistemas e instituições internacionais democráticos a serviço da justiça social, da igualdade e da soberania dos povos.
5. O Fórum Social Mundial reúne e articula somente entidades e movimentos da sociedade civil de todos os países do mundo, mas não pretende ser uma instância representativa da sociedade civil mundial.
6. Os encontros do Fórum Social Mundial não têm caráter deliberativo enquanto Fórum Social Mundial. Ninguém estará, portanto autorizado a exprimir, em nome do Fórum, em qualquer de suas edições, posições que pretenderiam ser de todos seus participantes. Os participantes não devem ser chamados a tomar decisões, por voto ou aclamação, enquanto conjunto de participantes do Fórum, sobre declarações ou propostas de ação que os engajem a todos ou à sua maioria e que se proponham a ser tomadas de posição do Fórum enquanto Fórum. Ele não se constitui, portanto em instância de poder, a ser disputado pelos participantes de seus encontros, nem pretende se constituir em única alternativa de articulação e ação das entidades e movimentos que dele participem.

7. Deve ser, no entanto, assegurada, a entidades ou conjuntos de entidades que participem dos encontros do Fórum, a liberdade de deliberar, durante os mesmos, sobre declarações e ações que decidam desenvolver, isoladamente ou de forma articulada com outros participantes. O Fórum Social Mundial se compromete a difundir amplamente essas decisões, pelos meios ao seu alcance, sem direcionamentos, hierarquizações, censuras e restrições, mas como deliberações das entidades ou conjuntos de entidades que as tenham assumido.
8. O Fórum Social Mundial é um espaço plural e diversificado, não confessional, não governamental e não partidário, que articula de forma descentralizada, em rede, entidades e movimentos engajados em ações concretas, do nível local ao internacional, pela construção de um outro mundo.
9. O Fórum Social Mundial será sempre um espaço aberto ao pluralismo e à diversidade de engajamentos e atuações das entidades e movimentos que dele decidam participar, bem como à diversidade de gênero, etnias, culturas, gerações e capacidades físicas, desde que respeitem esta Carta de Princípios. Não deverão participar do Fórum representações partidárias nem organizações militares. Poderão ser convidados a participar, em caráter pessoal, governantes e parlamentares que assumam os compromissos desta Carta.
10. O Fórum Social Mundial se opõe a toda visão totalitária e reducionista da economia, do desenvolvimento e da história e ao uso da violência como meio de controle social pelo Estado. Propugna pelo respeito aos Direitos Humanos, pela prática de uma democracia verdadeira, participativa, por relações igualitárias, solidárias e pacíficas entre pessoas, etnias, gêneros e povos, condenando todas as formas de dominação assim como a sujeição de um ser humano pelo outro.
11. O Fórum Social Mundial, como espaço de debates, é um movimento de idéias que estimula a reflexão, e a disseminação transparente dos resultados dessa reflexão, sobre os mecanismos e

instrumentos da dominação do capital, sobre os meios e ações de resistência e superação dessa dominação, sobre as alternativas propostas para resolver os problemas de exclusão e desigualdade social que o processo de globalização capitalista, com suas dimensões racistas, sexistas e destruidoras do meio ambiente está criando, internacionalmente e no interior dos países.

12. O Fórum Social Mundial, como espaço de troca de experiências, estimula o conhecimento e o reconhecimento mútuo das entidades e movimentos que dele participam, valorizando seu intercâmbio, especialmente o que a sociedade está construindo para centrar a atividade econômica e a ação política no atendimento das necessidades do ser humano e no respeito à natureza, no presente e para as futuras gerações.
13. O Fórum Social Mundial, como espaço de articulação, procura fortalecer e criar novas articulações nacionais e internacionais entre entidades e movimentos da sociedade, que aumentem, tanto na esfera da vida pública como da vida privada, a capacidade de resistência social não violenta ao processo de desumanização que o mundo está vivendo e à violência usada pelo Estado, e reforcem as iniciativas humanizadoras em curso pela ação desses movimentos e entidades.
14. O Fórum Social Mundial é um processo que estimula as entidades e movimentos que dele participam a situar suas ações, do nível local ao nacional e buscando uma participação ativa nas instâncias internacionais, como questões de cidadania planetária, introduzindo na agenda global as práticas transformadoras que estejam experimentando na construção de um mundo novo solidário.

Essa é a Carta de Princípios do Fórum Social Mundial que, como veremos adiante, é, obviamente, compatível com os traços do discurso das esquerdas.



## Capítulo II. - Considerações teórico - metodológicas

### 1. Material: apresentando *Caros Amigos* e *Catolicismo*.

#### *Caros Amigos*

*Caros Amigos* é uma revista relativamente recente. Completou sete anos de existência em abril de 2004. Em seu editorial de lançamento, apresenta-se como “uma reunião de inteligências e talentos (que) têm diferentes modos de pensar e interpretar a realidade, mas se identificam, todos, no ponto crucial: a ética”.

Embora *Caros Amigos* não se defina como uma revista de esquerda, ao se comprometer a dar espaço para alguns fatos e personalidades que são “esquecidos” pela chamada grande imprensa, posiciona-se como uma revista de oposição, dando voz a pessoas e eventos fortemente de esquerda. Em algumas edições, encontramos manchetes como: “A verdadeira história da guerra do EUA *versus* Iraque”, cujo pressuposto é que as outras revistas não contam “a verdade”.

*Caros Amigos* dedica edições especiais a temas que a grande imprensa esconde, distorce ou aos quais dá pouca importância. Encontramos edições especiais sobre o MST, sobre Che Guevara (30 anos da morte), sobre o “Muro Americano” (a fronteira México-EUA), sobre o Movimento Hip Hop, sobre os rumos mercantilistas que vêm tomando as Universidades no Brasil, entre outros temas associados à esquerda. *Caros Amigos* lançou em 2001 a coleção “Rebeldes Brasileiros, homens e mulheres que desafiaram o poder”. A propaganda sobre essa coleção é construída com a frase: “As histórias que você não encontra nos livros de história”. O pressuposto do slogan é que os livros de história contam algumas histórias; outras, só *Caros Amigos*.

Assim, podemos dizer que *Caros Amigos* é uma revista comprometida com a esquerda e tem uma posição antiimperialista.

Nas principais edições escolhidas para análise (março/2001; março/2002), edições especiais sobre o FSM, *Caros Amigos* deu espaço ao FSM: há figuras importantes da esquerda brasileira que participaram ativamente do fórum, como João Pedro Stedile, frei

Beto, Oded Grajew, Milton Santos (que pôde ainda participar do primeiro FSM), entre outros nomes importantes.

*Caros Amigos* não é a revista oficial do FSM, que não tem uma revista própria, como a TFP (*Catolicismo*), como o FEM (*Fórum News Daily*).

Na edição de março de 2003, edição especial sobre o FSM, *Caros Amigos* anunciou um jornal cujo lançamento se deu durante o fórum: jornal *Brasil de fato*, com a participação de convidados como Hebe Bonafine, Aleida Guevara, Eduardo Galeano, Sebastião Salgado, Olívio Dutra, Augusto Boal, João Pedro Stedile e José Arbex Jr. *Brasil de fato* foi criado a partir da iniciativa de movimentos sociais, entidades sindicais e estudantis, pastorais e grupos ligados à igreja católica. Esse jornal foi lançado durante o fórum, mas também não é o jornal oficial do FSM.

No decorrer da análise, nos referiremos aos textos sobre o FSM, publicados na *Caros Amigos*, que é a revista que, por se comprometer com a esquerda, dá voz ao FSM, a seus organizadores e participantes (que elogiam a iniciativa do fórum ou criticam o formato do fórum).

Sendo assim, nas edições especiais sobre o fórum, podemos considerar *Caros Amigos* como uma espécie de “revista oficial do FSM”. Pelo menos, é nela, mais que em qualquer outra publicação, que se pode encontrar discurso do FSM.

### ***Catolicismo***

*Catolicismo* foi fundada em janeiro de 1951 por Plínio Côrrea de Oliveira. Em seu editorial, apresenta-se como “porta-voz da TFP”; “revista mensal de cultura que defende os valores da civilização cristã no Brasil”; “revista de inspiração católica, que timbra desde a sua fundação em defender a ortodoxia dos ensinamentos doutrinários da Igreja Católica, Apostólica, Romana” (*Catolicismo*, agosto de 1998).

Seu objetivo é “tornar patente para os leitores como desvios no plano temporal podem afetar profundamente a vida espiritual de um povo. Sendo assim, não pode se furtar a esse compromisso com a reta informação”.

*Catolicismo*, preocupada com a “reta informação”, faz estudos, documentários sobre movimentos que têm tido êxito social. Numa das edições<sup>15</sup> “fez um verdadeiro documentário preparado por uma comissão de estudos de *Catolicismo*, que pesquisou as causas da agitação agrária em curso no Brasil”. Numa outra edição<sup>16</sup>, preocupou-se em “explicar o aumento desenfreado da violência no Brasil”. *Catolicismo* procura, dessa forma, “sobrepôr-se à superficialidade que predomina nos noticiários em geral e oferecer ao leitor uma análise profunda do quadro social”.

A TFP (Tradição, Família e Propriedade) é uma Organização fundada também por Plínio Corrêa de Oliveira. Em 1960, é registrada legalmente como entidade cívica. Tem as suas raízes no Movimento Mariano da década de 30. Segundo O. Moura, (1978:215), a TFP se enquadra na corrente integrista da igreja conservadora: “pretende ser uma entidade cívica. De fato, é uma sociedade religiosa e política. Constituída de católicos, exige que seus sectários sejam católicos praticantes, ostensivamente proselitistas. Desejando doutrinariamente seguir S. Tomás e as Encíclicas, põe-se acima delas e das autoridades eclesiásticas naquilo que julgam não ser ‘católico’”.

Ainda sobre a TFP, O. Moura (1978:216) diz: “Sem formarem partido político, atuam os tefepistas de fato como partido político, usando bandeiras com leões rompantes, cornetas e uniformes. Agem no meio do povo, divulgando suas idéias políticas. Representam uma reação contra o socialismo, o comunismo e contra as inovações culturais, as atualizações rituais, pastorais e de costumes na Igreja”.

Numa edição de *Catolicismo* (março de 2001), encontramos no editorial uma “justificativa” para uma revista “de inspiração católica” reservar tão amplo espaço para o FSM: “Em face dessa temática [FSM], o leitor poderia perguntar: por que devo tomar conhecimento? Que relação tem isso com minha espiritualidade, uma vez que o tema é versado por uma revista de inspiração católica? A resposta é simples. Todo católico, como membro da Igreja militante, não pode se desinteressar nem se omitir em face do que diz respeito à destruição da Civilização Cristã. E as propostas, tanto da reunião de Davos, quanto da reunião de Porto Alegre, acenam para o advento de um novo estado de coisas anárquico-socialista, radicalmente oposto aos princípios e valores que formam uma

---

<sup>15</sup> (agosto/1998)

<sup>16</sup> novembro de 2002

autêntica Civilização Cristã. A mídia, de modo geral, qualificou os dois fóruns como eventos antagônicos, como propostas opostas. Na realidade, o dilema é falso”.

Pablo Richards (1984), em sua análise histórica da igreja na América Latina, faz uma caracterização da igreja conservadora, na qual a TFP se enquadra: “a igreja conservadora (integristas, tradicionalistas e sacramentalistas) historicamente está ligada à antiga oligarquia, especialmente à oligarquia dos grandes proprietários de terra, e mantém uma aliança direta e explícita com os partidos conservadores. No plano interno, a igreja conservadora é uma Igreja autoritária, dogmática, fechada a toda mudança social, política e religiosa. É uma igreja centrada sobre o passado, preocupada fundamentalmente com problemas morais, pessoais ou familiares. A preocupação social está ausente, é uma igreja formal, ritualista, sacramentalista, uma igreja que não aceitou as reformas do Concílio Vaticano II.. No seu discurso público, há uma ausência quase total da defesa dos direitos do homem. Legitima os governos militares em vista de sua capacidade de impor a ‘ordem’ e a ‘disciplina’, em vista também de sua vontade de combater o ‘marxismo’ em todas as frentes. Essa igreja vive do conflito social e político como um conflito de valores entre o bem e o mal; a verdade e o erro; a luz e as trevas. Ela dá, assim, ao marxismo um conteúdo dogmático e uma mística religiosa própria das cruzadas. Não é apenas uma Igreja antipopular, mas também uma Igreja oposta a toda participação democrática ou promoção popular.” (1984:205-207).

No capítulo VI, em que vamos analisar a semântica global da TFP, perceberemos que essa caracterização está de acordo com os traços encontrados no discurso tefepista.

A TFP (Tradição, Família e Propriedade de novo?) teve forte atuação ao longo das décadas de 60, 70 e 80, destacando-se por suas idéias conservadoras e pelo combate ao comunismo e ao socialismo. Com a queda do Muro de Berlin, em 1989, com o fracasso do socialismo real na Europa e com as transformações profundas nos costumes da sociedade, a TFP perdeu espaço de atuação, quase desapareceu da mídia comercial, embora sua revista *Catolicismo* nunca tenha deixado de circular.

Atualmente, parece ter resgatado algum espaço: voltou a aparecer na mídia comercial<sup>17</sup> e *Catolicismo* tem tiragem de 50 mil exemplares<sup>18</sup>. A luta da TFP hoje continua a mesma:

---

<sup>17</sup> No segundo semestre de 2003, três textos da TFP foram publicados na Folha de São Paulo (09/08; 19/11;02/12). Em 2004, dia 16/04, um novo texto foi publicado, todos eles defendendo os dogmas da TFP. O principal tema é, atualmente, o MST.

contra o socialismo/comunismo (na verdade luta contra qualquer proposta de sociedade mais igualitária); contra a reforma agrária; pela soberania dos Estados, pela preservação das culturas. Como veremos, a TFP tem dois fortes inimigos: a esquerda em geral e, agora, o neoliberalismo. Este é seu inimigo não pela crescente exclusão social que provoca, mas por ignorar a soberania dos Estados, por desprezeitar as fronteiras nacionais e homogeneizar hábitos e costumes.

## **2. O corpus selecionado**

Para estabelecer o corpus, partimos de uma seleção qualitativa do material disponível: todas as edições de *Caros Amigos* desde sua fundação e várias edições de *Catolicismo*, desde março de 2001 (disponíveis no *site* da revista), além de algumas edições mais antigas da revista e materiais como boletins e livros da TFP.

Dada a impossibilidade de analisar exaustivamente todas as seções dos exemplares que constituem esse material, decidimos considerar, da revista *Caros Amigos*, as edições especiais e as edições que falam explicitamente do FSM. Dessas edições, escolhemos principalmente artigos de autores com representatividade no movimento que luta “por outro mundo possível”. Outras edições, embora não falem do FSM, foram escolhidas por trazerem entrevistas com pessoas homenageadas (arquitetos, músicos, jornalistas, escritores etc) por sua atuação contra o “mundo como está”.

Da revista *Catolicismo*, escolhemos as edições que falam explicitamente do FSM. Mas outras edições, embora não falem do FSM, foram incorporadas por conterem imagens (nas capas ou nos artigos) que consideramos privilegiadas para observar aspectos visuais da revista que se prestavam à análise de uma semântica global

---

<sup>18</sup> Cf. [www.catolicismo.com.br](http://www.catolicismo.com.br)

Três capítulos da dissertação se ocuparão de trabalhar com três hipóteses de Maingueneau, bastante interligadas, defendidas em *Genèses du discours* (1984).

No capítulo 3, formação do discurso do FSM, o corpus será composto basicamente por dois textos da revista *Caros Amigos* (edição 8, março de 2001; e edição 11, março de 2002), que se ocupam de explicar a origem e os valores do FSM. Outros textos veiculados pela revista *Caros Amigos* (edição 8, março 2001 e edição 11, março de 2002 -edições especiais sobre o FSM,) também serão considerados.

No capítulo 4, que trata da leitura do FSM feita pela TFP, o corpus analisado consiste de alguns textos veiculados por *Catolicismo* (março de 2001, fevereiro e março de 2002).

No cap 5, que trata da hipótese de uma *semântica global* dos discursos estudados, outras edições dessas revistas serão utilizadas:

Da revista *Caros Amigos*, estudaremos especialmente a seção "entrevista explosiva", em que várias personalidades (músicos, arquitetos, escritores, jornalistas) são entrevistadas por articulistas da revista.

Da revista *Catolicismo*, estudaremos especialmente a seção localizada na contracapa da revista: "Costumes . Ambientes . Civilizações"<sup>19</sup> que traz excertos de conferências proferidas por Plínio Corrêa para sócios e cooperadores. Analisaremos, por ser representativo, um comentário crítico de obras de arte (quadros, mosaicos, pinturas feitas nos templo, arquitetura dos templos) e notas sobre pessoas consideradas "modelos", dignas de serem "homenageadas" nas conferências de Plínio Corrêa.

Além do corpus selecionado, eventualmente nos referiremos a algum material proveniente de outras fontes que esteja relacionado à repercussão do FSM, como jornais e revistas.

---

<sup>19</sup> Esses artigos estão reunidos num livro de Plínio Corrêa, *Costumes . Ambientes . Civilizações*, editado pela artpress, que edita, entre outros livros, as obras de Plínio Corrêa.

## Capítulo III - A Análise do Discurso Francesa e as hipóteses de Maingueneau em *Genèse du Discours* (1984)

### 1. Análise do discurso francesa

Esse trabalho está inscrito no quadro conceptual e epistemológico da Análise do Discurso Francesa (AD), "disciplina" que tem Pêcheux como principal fundador.

Nos anos 60, a Análise de Discurso se constitui no espaço de questões criadas pela relação entre três domínios disciplinares que são uma ruptura com o século XIX: a Lingüística, o Marxismo e a Psicanálise. O quadro epistemológico da AD, apresentado por Pêcheux e Fuchs (Pêcheux e Fuchs, 1975:163), consiste na articulação de três regiões do conhecimento científico: “o materialismo histórico, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias; a lingüística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo; a teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos. Estas três regiões são, de certo modo, atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica”.

Muitas disciplinas têm como objeto empírico o texto, mas, como diz Maingueneau (1987:10), a Análise do Discurso Francesa (AD) não se confunde com essas outras disciplinas que buscam “o sentido verdadeiro” dos textos ou “o sentido oculto” dos textos ou ainda uma “interpretação inédita” de um texto. A AD toma seu objeto como ao mesmo tempo integralmente lingüístico e integralmente histórico. Cabe à análise do discurso explicar como o texto diz o que diz e por que o texto diz o que diz.

A Análise do discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo: “(...) não se trabalha, como na Lingüística, com a língua fechada nela mesma, mas com o discurso, que é um objeto sócio- histórico em que o lingüístico intervém como pressuposto. Nem se trabalha, por outro lado, com a história e a sociedade como se elas fossem independentes do fato de que elas significam. Partindo da idéia de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, trabalha a relação língua-discurso-ideologia. Essa relação se complementa com o

fato de que, como diz Pêcheux (1975), não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido” (Orlandi, 1999:19).

Empreender uma análise de discurso, nessa perspectiva, significa tentar entender e explicar como se constrói historicamente o sentido de um texto e como esse texto se articula com a história e a sociedade que o produziu. O discurso é um objeto ao mesmo tempo lingüístico e histórico; entendê-lo requer a análise desses dois elementos simultaneamente. Essa relação discurso/história é uma das principais contribuições da AD.

Outra formulação importante é a noção de interdiscurso. Uma das noções mais correntes de interdiscurso - apresentada por Pêcheux (1975) é a presença de um discurso no outro, que decorre de uma vizinhança relevante entre dois (ou mais) discursos, do que resulta que elementos do Outro (discurso) estejam no discurso, sob variadas formas sintático-semânticas. Uma outra concepção de interdiscurso, um pouco diferente de Pêcheux, é proposta por Maingueneau em *Genèses du Discours* (1984). Essa outra concepção de interdiscurso é que será utilizada nesse trabalho (cf. cap IV).

### 1.1. O interdiscurso

Na perspectiva teórica de Maingueneau, o conceito de interdiscurso ocupa um lugar muito especial: em *Genèses du Discours* (1984), defende a hipótese do primado do interdiscurso. Este é inscrito na perspectiva "de uma heterogeneidade constitutiva, que amarra, numa relação inextricável, o Mesmo do discurso e seu Outro" (Maingueneau, 1984:1).

Dada a relevância dos conceitos de **heterogeneidade** e de **interdiscurso**, faremos, a seguir, um breve percurso teórico considerando esses dois conceitos. Abordaremos preliminarmente os conceitos de **dialogismo e polifonia** que, de alguma forma, estão relacionados aos conceitos de heterogeneidade e interdiscurso.

A concepção de linguagem de Bakhtin, relativamente próxima da AD, é dialógica. Ele considera o dialogismo como o princípio constitutivo da linguagem e a condição de sentido do discurso. Para ele, “a linguagem é, por constituição, dialógica e a língua não é

ideologicamente neutra e sim complexa, pois, a partir do uso e dos traços dos discursos que nela se imprimem, instalam-se na língua choques e contradições. Em outros termos, para Bakhtin, no signo confrontam-se índices de valor contraditório. Assim caracterizada, a língua é dialógica e complexa, pois nela se imprimem historicamente e pelo uso as relações dialógicas dos discursos” (Barros, 1997:34).

Em Bakhtin, o sentido é acionado e trabalhado pelas forças sociais, pelas visões de mundo que se tencionam. O sentido não é propriedade de uma palavra, não há um sentido arbitrariamente ligado a uma palavra ou naturalmente ligado à palavra, há forças que atuam na construção do mundo, da língua. “A linguagem é um nome unificante desenvolvido para a ação do que é uma dispersa e poderosa formação de forças sociais. É na linguagem, e não na Nação-Estado, que a força social encontra sua expressão mais realizada” (Clak e Holquist, 1998:240).

Bakhtin considera dois tipos de forças agindo sobre a língua: as forças centrípetas (união), que propõem uma síntese conciliatória das vozes ou impõem o poder totalitário da intolerância (ideologia dominante); e as forças centrífugas (dispersão), forças polifônicas, que irradiam diferentes vozes: “. ao lado das forças centrípetas, caminha o trabalho contínuo das forças centrífugas da língua, ao lado da centralização verbo-ideológica e da união caminham ininterruptos os processos de descentralização e desunificação (...) Cada enunciação concreta do sujeito do discurso constitui o ponto de aplicação seja das forças centrípetas, como das centrífugas. Os processos de centralização e descentralização, de unificação e de desunificação cruzam-se nesta enunciação...” (Bakhtin, 1988:82).

Todos os sentidos, todos os discursos estão sujeitos a essas coerções com as quais interagem de maneira tensa e ininterrupta. Como diz Bakhtin: “A vida social e a evolução histórica criam, nos limites de uma língua nacional abstratamente única, uma pluralidade de mundos concretos, de perspectivas literárias, ideológicas e sociais, fechadas; os elementos abstratos da língua, idênticos entre si, carregam-se de diferentes conteúdos semânticos e axiológicos, ressoando de diversas maneiras no interior destas diferentes perspectivas” (Bakhtin, 1988:96).

Em *Marxismo e Filosofia da linguagem*, Bakhtin “concentra-se em fatores que não podem ser reduzidos jamais a um sistema regular, por serem muito variados. Mas isso não significa que não seja possível tratá-los de forma ordenada. A estratégia de Bakhtin, para

assim proceder, é por em foco o único traço universal presente em toda a vasta série de possíveis contextos. Por mais desnordeadamente variados que sejam tais contextos, seu poder de modificar o significado das palavras não é ilimitado, pois conseguem fazê-lo somente sob uma condição: dentro de um espaço entre dois locutores” (Clak e Holquist, 1998:234-5). Para Bakhtin, a palavra está sempre orientada para um destinatário, a palavra é um ato bilateral: toda palavra expressa um em relação ao outro.

Os discursos têm a propriedade de se constituírem a partir de outros discursos, são atravessados pelo discurso do outro. Um texto remete a pelo menos duas concepções diferentes: aquela que ele defende e aquela em oposição à qual ele se constrói. Há sempre duas vozes ressoando, dois pontos de vista. Sob as palavras de um discurso, há outras palavras, outros discursos, outro ponto de vista. O discurso, como diz Bakhtin (1981: 168), é sempre a arena em que lutam esses pontos de vista em oposição: “A segunda voz, uma vez instalada no discurso do outro, entra em hostilidade com o seu agente primitivo e o obriga a servir a fins diametralmente opostos. O discurso se converte em palco de luta entre duas vozes”.

Ao longo da história de uma sociedade, estabelecem-se pontos de vista contraditórios. Para qualquer discurso há um outro, em oposição ao qual, num dado momento, ele se constituiu.

Para Bakhtin, só se pode entender o dialogismo interacional pelo deslocamento do conceito de sujeito. “O sujeito perde o papel de centro e é substituído por diferentes vozes sociais, que fazem dele um sujeito histórico e ideológico” (Barros, 1994: 3).

O. Ducrot toma de Bakhtin o conceito de polifonia e o desenvolve no domínio do enunciado. Este conceito fora "deslocado" por Bakhtin da retórica, onde "designava o processo de introduzir um diálogo fictício no enunciado" (Maingueneau, 1997:32) e introduzido nas ciências da linguagem.

Ducrot (1984) se propõe a contestar o pressuposto da lingüística clássica de que cada enunciado tem um só autor, contestando o pressuposto da unicidade do sujeito falante.

Segundo essa perspectiva, há um ser único, autor do enunciado e responsável pelo que é dito no enunciado: além da produção física do enunciado e a realização dos atos ilocutórios, é habitual atribuir ao sujeito falante uma terceira propriedade, a de ser designado em um enunciado pelas marcar da primeira pessoa.

Para enunciados simples, produzidos em contextos simples, é possível atribuir à mesma pessoa as três propriedades constitutivas do sujeito falante, mas para enunciados, mesmo que simples, em um diálogo um pouco mais complexo, a tese da unicidade começa a apresentar dificuldade, como podemos perceber, por exemplo, em falas retomadas. Em enunciados mais complexos, como os constituídos através da conjunção *mas*, a atribuição das três propriedades a um sujeito falante torna-se ainda mais problemática.

Depois de mostrar as dificuldades da concepção unitária do sujeito falante, a teoria da polifonia é então apresentada por Ducrot. Para ele, o enunciado apresenta indicações, no seu próprio sentido, sobre o (os) autor (es) eventual (ais) da enunciação: um ou vários sujeitos que seriam sua origem.

Ducrot propõe que se distinga entre estes sujeitos pelo menos dois tipos de personagens: os enunciadores e os locutores.

Define locutor como um "ser de discurso", que é, no próprio sentido do enunciado, apresentado como seu responsável. É a ele que se refere o pronome "eu" e as outras marcas da primeira pessoa. O locutor, designado por eu, pode ser distinto do autor empírico do enunciado, de seu produtor - mesmo que as duas personagens coincidam no discurso oral. Ducrot defende que um enunciado único pode apresentar dois locutores diferentes como acontece no discurso relatado em estilo direto ou no eco imitativo. Para ele, nestes casos, o próprio sentido do enunciado atribui à enunciação dois locutores distintos: do ponto de vista empírico a enunciação é ação de um único sujeito falante, mas a imagem que o enunciado dá dele é a de um diálogo, ou de uma hierarquia de falas,

Quanto ao enunciadador, este se distingue do sujeito falante e também do locutor. Ducrot (1984) denomina enunciadores os "seres que se exprimem através da enunciação, sem que, no entanto, lhes sejam atribuídas palavras precisas; se eles falam, é somente no sentido de que a enunciação é vista como exprimindo seu ponto de vista, sua posição, sua atitude, mas não no sentido material do termo, suas falas" (Ducrot,1984:204).

O conceito de polifonia tem sido trabalhado em lingüística numa perspectiva diferente da trabalhada na Análise do Discurso, principalmente por causa da falta da noção de historicidade (Brandão, 1998:57). É usado para tratar dos casos em que aquele que enuncia não se "responsabiliza" pelo enunciado que produz, ou seja, para Ducrot, "há

polifonia quando é possível distinguir em uma enunciação dois tipos de personagens, os enunciadores e os locutores" (Maingueneau, 1997:76).

Baseando-se por um lado na problemática do dialogismo bakhtiniano e por outro na abordagem do sujeito e de sua relação com a linguagem permitida por Freud e Lacan, Authier-Revuz (1982, DRLAV 26, apud Maingueneau, 1984:13) introduziu uma distinção entre heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva do discurso. “Só a primeira é acessível aos aparelhos lingüísticos, na medida em que permite apreender seqüências delimitadas que mostram claramente sua alteridade (discurso relatado, palavras entre aspas etc). A segunda, ao contrário, não deixa marcas visíveis: as palavras, os enunciados de outro estão tão intimamente ligadas ao texto que elas não podem ser apreendidas por uma abordagem lingüística *stricto sensu*”(Maingueneau, 1984:13).

A hipótese de *primado do interdiscurso*, proposta por Maingueneau (1984:13), inscreve-se na perspectiva de uma heterogeneidade constitutiva, sobre a qual falaremos mais especificamente na seção a seguir.

Na análise do discurso da primeira época (AD 1), postulava-se que cada formação discursiva era fechada, compacta, homogênea, mas na AD-2 a noção de interdiscurso foi introduzida “Para designar 'o exterior específico' de um FD enquanto este irrompe nesta FD para constituí-la em lugar de evidência discursiva, submetida à lei da repetição estrutural fechada: o fechamento da maquinaria é pois conservado, ao mesmo tempo em que é concebido então o como resultado paradoxal da irrupção de um 'além' exterior e anterior” (Pêcheux, 1983:314).

A Análise do Discurso da segunda época (AD-2) é marcada especialmente pela introdução, em seus fundamentos teóricos, de dois conceitos muito importantes: **heterogeneidade** e **interdiscurso**. Essa introdução foi decorrente da percepção de que uma formação discursiva "não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente 'invadido' por elementos que vêm de outro lugar" (Pêcheux, 1983, p.314).

## 2. Maingueneau (1984) e o primado do interdiscurso

A seguir, abordaremos o pensamento de Maingueneau com relação ao interdiscurso. Para fazer isso, é preciso considerar, além do seu conceito de interdiscurso, a sua formulação do conceito de discurso.

Faremos, então, uma exposição do conceito de discurso de Maingueneau apresentado em *Genèses du Discours* e a seguir um esboço das sete hipóteses propostas nesse mesmo trabalho.

### 2.1.. Definição de discurso em Maingueneau (1984).

Maingueneau, para oferecer sua definição de discurso, propõe uma analogia entre língua (no sentido saussureano) e discurso: o jogo das restrições que definem a língua supõe que não se pode dizer tudo; da mesma maneira, mas em outro nível, o discurso supõe que no interior de um idioma particular, para uma sociedade, um lugar, um momento definidos, só uma parte do dizível é acessível e esse dizível forma sistema e delimita uma identidade. Todos usam a mesma língua, mas só uma parte do dizível forma sistema e delimita um discurso.

Sua proposta é ver a “enunciabilidade” de um discurso como “algo radical”, que condiciona toda sua estrutura; propõe pensar ao mesmo tempo a discursividade como enunciado (dito) e enunciação (dizer). Temos, nessa perspectiva, objetos integralmente lingüísticos (unidades de discurso constituem sistemas significantes) e integralmente históricos (a história fornece a razão para as estruturas de sentido que são manifestadas).

Discurso é definido por ele não como sistema de idéias, mas como um sistema de regras que define a especificidade de uma enunciação. A esse sistema de regras Maingueneau vai chamar de “formação discursiva”: sistema de restrições de boa formação semântica. Na superfície discursiva, teríamos um conjunto de enunciados produzidos de acordo com esse sistema de restrições.

Assim, de um modo econômico, é possível definir discurso como um conjunto (virtual) de enunciados produzíveis de acordo com as restrições da formação discursiva.

Em diferentes contextos, os vários sentidos de *discurso*, termo utilizado com acepções distintas pelas teorias da enunciação e da AD, podem ser perturbadores. Assim, Maingueneau (1987:22) propõe utilizar, sempre que necessário, o conceito de *formação discursiva* (emprestado de Foucault) que define “o que pode e deve ser dito a partir de uma posição dada em uma conjuntura determinada” (apud Maingueneau, 1987:22).

Para ser bastante preciso na definição de discurso, Maingueneau (1987:23) reconhece que, mesmo no quadro da AD francesa, a noção de discurso não é estável: “por esse termo é possível entender o que Pêcheux chama de **‘superfície discursiva’**, que corresponde ao conjunto dos enunciados **realizados**, produzidos a partir de uma certa posição” mas também pode ser definido como “o sistema de restrições que permite analisar a especificidade desta superfície discursiva”. Essa segunda noção de discurso é a proposta por Maingueneau. Para ele, este sistema de restrições “pode ser considerado não como se devesse explicar um determinado corpus, mas como uma espécie de competência, no sentido chomskiano<sup>20</sup>, ou seja, um conjunto de regras capazes de produzir uma infinidade de enunciados, **realizados ou não**, a partir da posição enunciativa estudada”. (Maingueneau, 1987:23). Além dessa diferença na noção de discurso, há também um outro “deslizamento semântico” que diz respeito aos elementos que supostamente entram na delimitação do “discurso”: “para alguns, apenas os enunciados são integrados, enquanto outros levam em conta o *complexo institucional* que está associado à sua enunciação” (Maingueneau, 1987:23). A primeira posição é defendida por Pêcheux e a segunda é a proposta de Maingueneau.

Para Maingueneau (1984:3), as ideologias são concebidas como “sistemas de representação”, mas em geral não se pergunta em que consiste precisamente este “sistema”: “Qualquer leitor ou ouvinte um pouco atento percebe muito bem que a identidade de um discurso não é somente uma questão de vocabulário ou de **proposições, que ela depende** de fato de uma coerência global que integra múltiplas dimensões textuais, mas as análises que propomos dela nunca se ocupam disso. Ora, parece-nos que esse desinteresse não é prejudicial somente para os semioticistas, ele impede também de interpretar o estatuto histórico dos discursos” (Maingueneau, 1984:33)

---

<sup>20</sup> É preciso ficar claro que a comparação feita por Maingueneau ao dizer, ‘competência no sentido chomskyano’, não significa regras inatas que geram sentenças gramaticais, mas regras simples, pobres na quantidade de traços (apreendidos na materialidade discursiva, ocupando uma posição historicamente definida).que conseguem ‘gerar’ enunciados produzíveis de acordo com esse sistema de restrições.A competência discursiva, proposta por Maingueneau, consiste em dominar um sistema de restrições que é muito pobre em relação à imensidão e à diversidade textual que autorizam. O sujeito pode produzir enunciados de tal ou tal discurso se ele dominar o sistema de regras que os torna possíveis. Essas regras, diz Maingueneau, estão no próprio discurso e não na mente dos falantes. Assim, em nenhum momento Maingueneau propõe, com a noção de competência, uma gramática da língua: “Não se deve esquecer a ligação essencial que a AD mantém com a finitude ou a ‘raridade’ (...) a quantidade de enunciações efetivamente proferidas é necessariamente muito limitada, já que a AD relaciona-se com arquivos e não com exemplos da gramática” (Maingueneau, 1987:23).

Além dessa “lacuna”, Maingueneau critica a distinção entre “profundeza” e “superfície” dos textos, recusa as imagens “arquiteturais”: “um discurso não tem nenhuma ‘profundeza’, sua especificidade não se localiza em alguma ‘base’ que seria seu fundamento, mas se apóia sobre todas as suas dimensões”. (1984:3). A significância discursiva em seu conjunto é que deve ser visada em conjunto. Não há “fundo”, nem “arquitetura” do discurso, mas “um sistema que investe o discurso na multiplicidade de suas dimensões”(1984:34).

A “enunciabilidade” de um discurso (ou seja, ter sido objeto de atos de enunciação por um conjunto de indivíduos) é vista como “algo radical” por Maingueneau. É uma propriedade que condiciona toda sua estrutura: “é preciso pensar ao mesmo tempo a discursividade como dito e como dizer, enunciado e enunciação” (Maingueneau, 1984:35).

## **2.2. Hipóteses propostas em *Genèses du Discours***

Para Maingueneau (1984:5), o termo discurso “remete menos a um conjunto de textos efetivos do que a um conjunto virtual, o dos enunciados que podem ser produzidos de acordo com as restrições da formação discursiva”. Em *Genèses du discours*, apresenta sua teoria da competência discursiva e procura demonstrá-la analisando dois discursos em oposição: Humanismo Devoto *versus* Jansenismo. Propõe a determinação de um espaço de interação semântica que explica, ao mesmo tempo, os fundamentos dos discursos que dialogam e a relação polêmica existente entre eles. Nesse trabalho, Maingueneau vai propor a existência de uma semântica global nos discursos que se materializam em vários gêneros e em vários sistemas semióticos. Suas hipóteses de trabalho esboçadas na introdução de *Genèses* são:

(1) O interdiscurso precede o discurso. A unidade de análise pertinente é um espaço de trocas entre vários discursos convenientemente escolhidos.

(2) Esse caráter do interdiscurso faz com que a interação semântica entre os discursos seja um processo de *interincompreensão regrada*. Cada discurso introduz o Outro em seu fechamento, traduzindo seus enunciados sob a forma do “simulacro”.

(3) O interdiscurso é regido por um sistema de restrições semânticas globais que se manifesta pelo fato de restringir ao mesmo tempo todos os “planos” discursivos: vocabulário, temas, intertextualidade e instâncias de enunciação.

(4) O sistema de restrições é um modelo de *competência interdiscursiva*. Os enunciadores dominam as regras que permitem produzir e interpretar enunciados de sua própria formação discursiva e permitem identificar como incompatíveis os enunciados das formações discursivas antagonistas. Para Maingueneau, a competência interdiscursiva não se caracteriza pela ‘capacidade’ de enunciar em vários discursos, mas pela de produzir um discurso e a de produzir o simulacro do antagonista a partir das restrições do discurso de origem

(5) O discurso não é apenas um conjunto de textos, mas uma prática discursiva. O sistema de restrições semânticas torna os textos comensuráveis com a “rede institucional” de um “grupo”, que a enunciação ao mesmo tempo supõe e torna possível.

(6) A prática discursiva é uma *prática intersemiótica* que integra produções de outros domínios semióticos (pictórico, musical etc...). As mesmas restrições que fundam a existência do discurso verbal podem ser igualmente pertinentes para esses outros domínios.

(7) O recurso a esses sistemas permite associar a prática discursiva a outras séries de seu contexto sócio-histórico. Uma formação discursiva revela-se, assim, como “esquema de correspondência” entre campos à primeira vista heterônimos.

Embora todas as hipóteses estejam interligadas, a hipótese (1), que propõe o primado do interdiscurso, a hipótese (2) - *interincompreensão regrada*, conseqüência da

anterior, e a hipótese (4) que propõe a noção de competência discursiva serão mais discutidas aqui, porque é com elas que vamos trabalhar nos capítulos seguintes.

### **2.2.1 O primado do interdiscurso**

A concepção de interdiscurso proposta por Maingueneau (1984) é um pouco diferente da de Pêcheux.

Tomando os discursos como entidades homogêneas nem completamente visíveis, Maingueneau propõe que a unidade de análise pertinente não é o discurso, mas um espaço de trocas entre vários discursos, ou seja, o interdiscurso. Para o autor, em sua gênese, os discursos não se constituem independentemente uns dos outros para serem em seguida postos em relação, mas eles se formam de maneira regrada no interior do interdiscurso. “Um discurso não nasce, como geralmente é pretendido, de algum retorno às coisas, mas de um trabalho sobre outros discursos” (Maingueneau, 1987:120).

A idéia de interdiscurso de Maingueneau é cuidadosamente definida. Ele propõe substituir a idéia geral de interdiscurso por uma tríade: universo discursivo (conjunto finito de formações discursivas de todos os tipos que interagem numa conjuntura dada); campo discursivo (conjunto de formações discursivas que se encontram em concorrência, delimitam-se em uma região determinada do universo discursivo); e espaço discursivo (subconjuntos de formações discursivas cuja relação o analista julga pertinente para seu propósito de analisar o Outro através do qual o discurso se constituiu).

A escolha do espaço discursivo como objeto de pesquisa deve resultar de hipóteses fundadas sobre um conhecimento dos textos e um saber histórico.

Maingueneau propõe pensar a presença do interdiscurso “no próprio coração do intradiscurso” (1984:16). Para ele, o Outro não é um fragmento localizável, uma citação, nem uma entidade exterior; não é necessário que seja localizável por alguma ruptura visível. O Outro encontra-se na raiz de um Mesmo sempre já descentrado por relação a si próprio, que não é em momento algum passível de ser considerado sob a figura de uma plenitude autônoma” (Maingueneau, 1984:17).

Daí o caráter essencialmente dialógico de todo enunciado do discurso. Para Maingueneau, sua proposta vai além da distinção entre heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva (Authier, 1982), pois revela a relação ao outro independentemente de qualquer forma de alteridade marcada. A orientação dialógica não é limitada aos enunciados portadores de citações, “já que o outro no espaço discursivo não é jamais redutível a uma figura de interlocutor (...) o Outro circunscreve o dizível insuportável sobre cujo interdito se constituiu o discurso (...) a cada enunciação ele exclui o Outro pelo simples fato de seu dizer“ (Maingueneau, 1984:17). No universo do gramaticalmente dizível (língua), um discurso define os enunciados possíveis e os enunciados recusados são o território de seu Outro – daquilo que não pode ser dito.

Para Maingueneau (1987:122) a identidade do discurso se estabelece a partir da oposição entre dois conjuntos de categorias semânticas: as categorias reivindicadas, a que Maingueneau chama de “positivas” (as categorias valorizadas provenientes das relações com intertextos a que recorre para se firmar), e as categorias recusadas, que chama de “negativas” (categorias desvalorizadas, provenientes das relações com intertextos que o “ameaçam”).

Assim, como tentaremos mostrar no próximo capítulo, faz parte da identidade discursiva o mecanismo polêmico com o Outro (o discurso “adversário”, o “avesso” constitutivo de todo discurso), uma vez que cada uma das formações discursivas só pode traduzir como “negativas”, recusadas, inaceitáveis, as unidades de sentido construídas por seu outro, e é através dessa rejeição que cada formação discursiva define sua identidade. Como veremos, é através da negação do discurso do FEM (“mundo como está”) que o discurso do FSM (“novo mundo possível”) se define.

### **2.2.2. Competência Discursiva**

Para Maingueneau, todo discurso é governado por um sistema de restrições único, que deve ser concebido como uma *Semântica Global*. O caráter global dessa semântica se manifesta pelo fato de que restringe simultaneamente o conjunto dos “planos” discursivos:

tanto o vocabulário quanto os temas tratados, a intertextualidade ou as instâncias de enunciação” (Maingueneau, 1984:6).

Trata-se de considerar a disseminação da especificidade do discurso sobre seus múltiplos planos. O intuito de Maingueneau, ao propor a noção de Semântica Global, é chamar a atenção para a necessidade de pensar globalmente a complexidade discursiva através de um sistema, não necessariamente complexo, que rege todas as dimensões do discurso.

Esse sistema de restrições semânticas pode ser visto como “um filtro que fixa os critérios em virtude dos quais certos textos se distinguem do conjunto dos textos possíveis como pertencentes a uma formação discursiva determinada“ (Maingueneau, 1984:24).

A competência discursiva consiste em dominar esse sistema de restrições que é muito pobre em relação à imensidão e à diversidade textual que autorizam. Por isso, ressalta Maingueneau, a noção de competência discursiva não traz de volta o sujeito individual. O sujeito pode produzir enunciados que relevem de tal ou tal discurso se ele dominar o sistema de regras que os torna possíveis. Essas regras, diz Maingueneau, estão no próprio discurso e não na mente dos falantes. O princípio de uma competência discursiva ajuda a esclarecer a articulação do discurso e a capacidade dos sujeitos de interpretar e de produzir enunciados que provêm dele.

Um mesmo indivíduo pode sucessivamente, ou até simultaneamente, inscrever-se em competências discursivas distintas. As pessoas podem, por exemplo, mudar de discurso (embora não escolham livremente seus discursos, que são historicamente determinados). Basta aprender as regras do novo discurso que são bastante simples.

Enunciar em nome de e sobre algo, para Maingueneau, não é só uma questão de aprendizagem. Trata-se, também, de adquirir vocação enunciativa, que corresponde às “condições assim postas por uma formação discursiva para que um sujeito nela se inscreva, ou, melhor, se sinta ‘chamado’ a inscrever-se nela” (Maingueneau, 1984:147). A vocação enunciativa é mais um elemento da Semântica Global do discurso e, como tal, tem grande importância para o estabelecimento das relações de sentido.

A competência discursiva do enunciador, conforme propõe Maingueneau, permite que ele saiba o que pode ser dito no seu discurso; que ele saiba produzir um número ilimitado de enunciados inéditos pertencentes à sua própria formação discursiva; que ele

saiba reconhecer a incompatibilidade semântica de enunciados de outra formação discursiva e interprete esses enunciados nas categorias de seu próprio sistema de restrições. Essa última competência é chamada competência interdiscursiva.

### **2.2.3. Interincompreensão Regrada**

Como já dissemos anteriormente, para Maingueneau, o interdiscurso precede o discurso, e esse caráter do interdiscurso faz com que a interação semântica entre os discursos seja um processo de interincompreensão regrada. Cada discurso introduz o Outro em seu fechamento, mas o introduz o Outro de forma traduzida, produz na verdade um simulacro do Outro, o seu próprio avesso.

Desse ponto de vista, a questão não é haver dois ou mais discursos em contato, o interdiscurso precede o discurso literalmente: independentemente de haver um Outro, esse Outro será sempre desenhado a partir do Um, e na forma de simulacro.

O corpus analisado nesse trabalho vem comprovar o que diz Maingueneau, visto que não é possível falar sobre o FSM da mesma forma, com as mesmas palavras, com as mesmas metáforas, do ponto de vista da direita e do ponto de vista da esquerda. Inevitavelmente haverá um embate, uma polêmica entre a forma da esquerda falar do “outro mundo” desejado e a forma da direita ler esse mundo proposto pela esquerda.

Isto porque, “uma posição enunciativa não pode sair de sua grade semântica de restrições, não pode emprestar suas palavras a outro discurso. Quando um discurso dá espaço a outro, ele produz só simulacros do seu outro, ou seja, o discurso do outro com base na sua grade de restrições e o resultado é um discurso falseado, caricatural” (Maingueneau, 1984:14).

Os enunciadores de um discurso dado adquirem “o domínio tácito de regras que permitem produzir e interpretar enunciados que relevam de sua própria formação discursiva e permitem identificar como incompatíveis com ela os enunciados das formações discursivas antagonistas” (Maingueneau, 1984:13). Trata-se da aptidão dos enunciadores de reconhecer a incompatibilidade semântica de enunciados ou da(s) formação(ões) discursiva(s) que constitui(em) seu Outro (Maingueneau, 1984:54). E mais do que isso,

trata-se da aptidão de interpretar, traduzir esses enunciados nas categorias de seu próprio sistema de restrições (Maingueneau 1984:54). Esta polêmica, ao invés de prejudicar a estabilidade do discurso, como se poderia acreditar, é necessária para sua sobrevivência. É importante, porque faz parte da própria constituição do discurso.

Maingueneau também nos mostra que as eternas polêmicas em que as formações discursivas estão envolvidas não surgem de forma contingente do exterior, mas são a atualização de um processo de delimitação recíproca localizado na própria raiz dos discursos considerados. (Maingueneau, 1987:120). A polêmica também é necessária, pois é nessa relação com o Outro que o discurso cria possibilidade para mostrar a crença em sua superioridade. Para Maingueneau (1984:127), “a polêmica é necessária porque sem essa relação com o Outro, sem essa falta que torna possível sua própria completude, a identidade dos discursos correria o risco de desfazer-se. É inegável, mas a essa se junta uma outra razão, a saber, a necessidade de mascarar a invulnerabilidade do discurso. Por definição, o discurso responde a tudo e não pode ser apanhado em erro. (...) O discurso não tem razão a não ser na medida em que crê que pode ser ameaçado, isto é, que é de fato o Outro que ele destrói, e não seu simulacro. Cada refutação bem sucedida é uma vitória do verdadeiro sobre o falso e esse combate ritual legitima e conforta a crença. É necessário pensar que o discurso é vencedor. (...) Necessidade que não é um segredo inconfessável guardado por alguns mistificadores interessados, mas a própria condição da discursividade.”

Em outras palavras, “o discurso não escapa à polêmica tanto quanto não escapa à interdiscursividade para constituir-se” (Maingueneau, 1984:83). Sendo a polêmica intrínseca ao discurso, o conflito não se dá de qualquer maneira, uma vez que a “incompreensão” se transforma em “interincompreensão” porque obedece a regras e estas regras são as mesmas que definem a identidade das formações discursivas consideradas (Maingueneau, 1987:120).

Trata-se de ver o outro a partir de suas próprias lentes, de colocar na boca do adversário palavras que decorrem do registro negativo de seu próprio discurso. O enunciador do discurso imagina que recusando o Outro, como se este decorresse de seu registro negativo, ele está reafirmando a validade de seu registro positivo.

Ou seja, o enunciador de um discurso que ocupa uma das posições nunca compreende o que se diz a partir de outra posição, mas apenas o que ele diria se ocupasse a posição do outro, tendo a ideologia que tem.

É o que acontece, por exemplo, quando a TFP (extrema direita católica) envia representantes “para fazer a cobertura do evento (FSM)”. Ao falar sobre o “outro mundo” anunciado no FSM e ao descrever os participantes, os shows e as manifestações, só conseguem fazer uma leitura em forma de simulacro. Não há luta por igualdade, há luta por “igualitarismo anárquico”; não há manifestações, há “baderna”; não há “bela coreografia afro-hispânica-brasileira” (comentada na *Caros Amigos*), há “atriz seminua declama textos revolucionários”.

## Capítulo IV: Como nasceu o discurso do Fórum Social Mundial. (O primado do interdiscurso)

Nosso objetivo nesse capítulo é analisar como se constitui o discurso do FSM<sup>21</sup>, com sua proposta de “um outro mundo possível”. Analisaremos, entre outros materiais, dois textos que se propõem a explicitar os objetivos e os valores do FSM.

Como vimos no capítulo III, e aqui retomamos para maior clareza na análise que será desenvolvida, para Maingueneau, em sua gênese, os discursos não se constituem independentemente uns dos outros para serem em seguida postos em relação, mas eles se formam de maneira regrada no interior do interdiscurso.

Desse ponto de vista, a questão não é haver dois ou mais discursos em contato: o interdiscurso precede o discurso literalmente: independentemente de haver um Outro, esse Outro é desenhado a partir do Um, e na forma de simulacro.

Para analisarmos o discurso do FSM, tomaremos como ponto de partida essa noção de interdiscurso, proposta por Maingueneau (1987:112), segundo a qual “uma formação discursiva não deve ser concebida como um bloco compacto que se oporia a outros (...), mas como uma realidade heterogênea por si mesma”.

Ao defender o primado do interdiscurso sobre o discurso, o autor concebe a identidade discursiva a partir de **relações intradiscursivas** fundadas em um espaço de trocas, e não em um espaço de identidade fechada.

Para Maingueneau (1987:122) a identidade do discurso se estabelece a partir da oposição entre dois conjuntos de categorias semânticas: as categorias reivindicadas, a que Maingueneau chama de “positivas” (as categorias valorizadas provenientes das relações com intertextos a que recorre para se firmar), e as categorias recusadas, que chama de “negativas” (categorias desvalorizadas, provenientes das relações com intertextos que o “ameaçam”).

Assim, como tentaremos mostrar, faz parte da identidade discursiva o mecanismo polêmico com o Outro (o discurso “adversário”, o “avesso” constitutivo de todo discurso),

---

<sup>21</sup> Como já foi dito, analisaremos o discurso do FSM, através da revista Caros Amigos, que funciona como “porta-voz” não oficial do fórum.

uma vez que cada uma das formações discursivas só pode traduzir como “negativas”, recusadas, inaceitáveis, as unidades de sentido construídas por seu outro, e é através dessa rejeição que cada formação discursiva define sua identidade. Como veremos, é através da negação do FEM (“mundo como está”) que o FSM (“novo mundo possível”) se define.

As relações interdiscursivas que se dão num discurso estabelecem, então, a **rede semântica** que caracteriza cada discurso, ou seja, estabelecem, no conjunto dos enunciados desse discurso, aqueles que podem e devem ser ditos por seus enunciadores (o “direito” do discurso) e aqueles que devem ser refutados (o “avesso”, os enunciados pertencentes ao discurso “ameaçador” do outro).

Portanto, “o sujeito que enuncia a partir de um lugar definido não cita quem deseja, como deseja, em função de seus objetivos conscientes, do público visado etc. São as imposições ligadas a este lugar discursivo que regulam a citação” (Maingueneau, 1987:86).

Nosso objetivo, aqui, é caracterizar discursivamente a enunciação do “Construir um outro mundo”, tal como é proposta pelo FSM. Tentaremos explicitar os traços que organizam a Semântica global do discurso do FSM e que determinam o conjunto dos enunciados dizíveis por quem se encontra no interior desse discurso.

Nosso objetivo será, principalmente, recuperar o traço fundamental que caracteriza o “núcleo semântico” em torno do qual gira a enunciação do “outro mundo possível”.

Passaremos, então, à análise do *corpus*, selecionando seqüências discursivas relevantes para a nossa análise. Extrairemos essas seqüências de um texto publicado na *Caros Amigos*, edição especial, onde um dos idealizadores e organizadores do FSM, Oded Grajew, fala sobre qual foi o objetivo, a idéia do FSM.

Cada seqüência discursiva, cujos termos-chave serão colocados em negrito, será precedida por um número e pela letra S para indicar que pertence à formação discursiva do FSM.

## 1. Constituição do discurso do FSM

### Análise do *Corpus*

#### Lema do FSM: “Um Outro mundo é possível”

No lema do FSM “um outro mundo é possível”, o pressuposto é que há um mundo instaurado (“mundo como está”) e a proposta de um outro mundo (proposto pelo FSM). Vamos buscar nos enunciados selecionados os traços (os semas) que caracterizam o discurso autorizado por quem está nessa formação discursiva. Através da análise desses enunciados, procuraremos identificar o “núcleo semântico” em torno do qual gira a enunciação do “outro mundo possível”.

Ao procurar os traços do discurso de quem enuncia nessa formação discursiva, ao mesmo tempo, encontraremos o discurso rejeitado, o “avesso”, os enunciados pertencentes ao discurso “ameaçador” do Outro, em oposição ao qual o FSM se constrói.

Texto 1. “Da utopia à realidade: um outro mundo é possível” (*Caros Amigos*, 03/2001: p. 6)

(S-1) “Mostrar o mundo do ponto de vista das **pessoas e não** do dinheiro ou das mercadorias. Um mundo onde a **economia** esteja a **serviço da promoção do desenvolvimento humano** e da **justiça social, e não a sociedade a serviço da economia.**”

(S-2) “Mostrar que as pessoas e as organizações **que protestam contra a globalização neoliberal** têm propostas, além de dar visibilidade a formas alternativas desenvolvidas por diversas comunidades **que priorizam a democracia, o desenvolvimento sustentável e a responsabilidade social.**”

(S-3) “Um grito, um alerta mais forte **contra os enormes riscos que a humanidade enfrenta** pelas **crescentes desigualdades sociais e pela acelerada degradação ambiental causada pelo atual modelo econômico.**”

Para ficar mais claro quais são os traços reivindicados e quais são os traços negados, vamos agrupar os enunciados reivindicados e os rejeitados, analisá-los e extrair deles os traços principais do FSM:

Vejamos na tabela que segue:

Tabela 1: Enunciados reivindicados e enunciados rejeitados pelo FSM

<b>Forum Econômico Mundial</b> (mundo “X” lido como “-y” – mundo desvalorizado, registro negativo do discurso)	<b>Fórum Social Mundial</b> (mundo “Y”, valorizado, registro positivo do discurso)
<b>globalizado neoliberal</b>	<b>Contrário à globalização neoliberal</b>
Mundo do ponto de vista do <b>dinheiro ou das mercadorias</b>	Mundo do ponto de vista das <b>pessoas</b>
Sociedade <b>a serviço da economia</b>	<b>Economia a serviço</b> da promoção do desenvolvimento humano e da justiça social
<b>Risco à humanidade</b>	Tem <b>formas alternativas</b> já desenvolvidas por diversas comunidades
Crescente <b>desigualdade social</b>	<b>Responsabilidade social</b>
Acelerada <b>degradação ambiental</b>	<b>Desenvolvimento sustentável</b>

Analisando os enunciados reivindicados pelo FSM temos os traços:

**Outro Mundo possível** : contrário à globalização neoliberal

(S-1) “mundo do ponto de vista das **pessoas**”. Se quem organiza o mundo são as pessoas, se é nelas que temos que pensar, encontramos o traço: “+ **gente**”.

(S-1) “economia a serviço da promoção do desenvolvimento **humano** e da **justiça social**”. Se a economia está a serviço do homem, encontramos o traço: “**+gente**”; Justiça social pressupõe igualdade entre as pessoas. Há, então, o traço: “**+ igualdade**”.

(S-2) “tem formas **alternativas** já desenvolvidas por diversas comunidades que priorizam a **democracia**, o **desenvolvimento sustentável** e a **responsabilidade social**”. Democracia, na sua essência, pressupõe mesmos direitos, igualdade entre as pessoas: traço “**+igualdade**”; busca por desenvolvimento sustentável, pressupõe que é possível um desenvolvimento compatível com a vida no planeta. É possível buscar o desenvolvimento, mas sem radicalismo, sem servidão ao mercado, sem deixar de lado a vida: traço “**+flexibilidade**”, “**+ gente**”, “**+ vida**”; responsabilidade social pressupõe pensar nas pessoas, na sociedade. Encontramos, então, o traço “**+ gente**”.

Analisando os enunciados negados pelo FSM, temos a construção do simulacro do FEM, discurso sobre o qual o FSM se constrói:

**Mundo como está:** globalizado neoliberal

(S-1) “mundo do ponto de vista do **dinheiro** ou das **mercadorias**”. Para o FSM, todos são pessoas, quem tem mais dinheiro não é mais gente do que quem não tem. Já num mundo do ponto de vista do dinheiro, como é visto o “mundo como está”, quem tem mais dinheiro é mais gente do que quem nada tem. Traços atribuídos ao FEM: “**+dinheiro**”, “**+mercadoria**”, “**+hierarquia**”, “**-gente**”.

(S-1) “sociedade **a serviço da economia**”. Uma sociedade a serviço da economia tem como pressuposto que o mais importante é o dinheiro, o mercado, e que o menos importante são as pessoas, a vida. Há uma rigidez nessa servidão ao mercado, comparada a uma doutrina religiosa (como veremos adiante). Traços atribuídos ao FEM: “**- gente**”, “**-vida/+dinheiro**”; “**+ hierarquia**”; “**+rigidez**”.

(S-3) “**risco para a humanidade**”. Se o “mundo como está” representa um risco à humanidade, é incompatível com a vida, encontramos como traço atribuído ao FEM: “- gente”, “-vida”.

(S-3) “crescente **desigualdade social**”. Se o “mundo como está” propicia uma crescente desigualdade social, encontramos como traços atribuídos ao FEM: “+hierarquia/-igualdade”.

(S-3) “causa da acelerada **degradação ambiental**”. Se o “mundo como está” é visto como o causador da destruição do ambiente, tornando-o, portanto, incompatível com a vida, encontramos como traços atribuídos ao FEM: “-vida” (“-gente”); “+degradação ambiental”.

Sendo assim, a análise mostrou que o FSM prioriza **as pessoas**, a economia é que deve estar **a serviço do homem**, o FSM defende a busca por desenvolvimento sustentável, que permita o desenvolvimento, mas também permita **a vida**. Os traços encontrados foram: “+gente”; “+vida”. Para o FSM, a economia deve estar a serviço da justiça social. Busca de justiça social pressupõe busca de mais igualdade. As comunidades que buscam formas alternativas de desenvolvimento priorizam a **democracia**. Democracia, na sua essência, pressupõe mesmos direitos, igualdade entre as pessoas. Traço encontrado: “+igualdade”.

Resumindo os traços negados pelo FSM, encontramos a leitura que o FSM faz do FEM, tendo como “lente” sua semântica. Por mais que o FEM diga que têm causas em comum<sup>22</sup>, que se preocupam com uma melhor distribuição de riqueza, o FSM lê o FEM como seu contrário. Define-se por oposição ao FEM. O FSM é o que não é o FEM. O FEM é lido como mundo do ponto de vista do dinheiro ou das mercadorias. Se o mundo é visto do ponto de vista do dinheiro e das mercadorias, quem tem mais é mais, temos então o traço “+hierarquia”.atribuído ao FEM. Se a sociedade está a serviço da economia e não do homem, temos o traço “+dinheiro” (“+mercadoria”), atribuído ao FEM.

---

<sup>22</sup> “Mark Malloch e John Ruggie, ambos representando a ONU em Davos, disseram que a organização trabalha por algumas das mesmas causas da outra mesa, e lembraram que a proposta da taxa Tobin e os dados sobre desigualdade na economia saíram de dentro da própria ONU”. (Agência Estado, 28-01-2001).

Observando a semântica de base do discurso do FSM, organizada nesse primeiro agrupamento de seqüências discursivas, podemos verificar que a grade semântica desse discurso pode ser composta dos seguintes traços ou de outros discursivamente equivalentes<sup>23</sup> a eles: “**gente**”, “**vida**”, “**igualdade**”.

A partir da semântica de base do FSM (como vimos, ao afirmarmos alguma coisa, negamos o seu contrário) podemos construir o seu correspondente antagônico, que é formado a partir das seguintes unidades lexicais: ‘**dinheiro**’, ‘**degradação ambiental**’, ‘**hierarquia**’ e ‘**rigidez**’.

Em seguida, apresentaremos uma tabela com os traços do discurso do FSM. Entendemos que os traços a seguir são os traços fundamentais que caracterizam o “núcleo semântico” em torno do qual gira a enunciação do discurso do “outro mundo possível”.

Tabela 2: Constituição do discurso do FSM

Traços reivindicados	Traços negados, rejeitados
‘ <b>gente</b> ’ (‘ <b>cultura</b> ’)	‘ <b>dinheiro</b> ’ (‘ <b>economia</b> ’, ‘ <b>mercadoria</b> ’)
‘ <b>Vida</b> ’	‘ <b>degradação ambiental</b> ’ (‘ <b>-vida</b> ’)
‘ <b>igualdade</b> ’ (‘ <b>democracia</b> ’)	‘ <b>hierarquia</b> ’ (‘ <b>desigualdade social</b> ’)
‘ <b>flexibilidade</b> ’ (‘ <b>Leveza</b> ’)	‘ <b>Rigidez</b> ’ (‘ <b>dureza</b> ’)

Após o levantamento da semântica de base materializada no primeiro texto trabalhado, percorremos os demais textos sobre o FSM que circularam através da revista *Caros Amigos* e verificamos que não foram necessários novos traços para caracterizar a semântica de base desse discurso.

Isso confirma que o discurso está em cada fragmento e que "em cada uma de suas enunciações, por ínfimo que pudesse ser seu objeto, o discurso investe tudo" (Maingueneau, 1984:48), pois "toda unidade de sentido, qualquer que seja seu tipo, pode estar inscrita em uma relação essencial com uma outra, aquela do ou dos discursos em

<sup>23</sup> Convém notar que não é equivalência na língua, no dicionário, mas como diz Maingueneau, (1997:150) "é preciso referir-se ao seu valor no discurso". Por exemplo, dinheiro, economia e mercadoria têm o mesmo valor na leitura do FEM feita pelo FSM.

relação aos quais o discurso de que ela deriva define sua identidade" (Maingueneau, 1987:120).

Convém ressaltar que a enunciação ancorada nos traços semânticos identificados não implica, necessariamente, que esses termos, ou quaisquer outros que produzam sentidos equivalentes a ele, sejam encontrados na materialidade discursiva produzida pelo FSM. Significa, sim, que mesmo quando ele não se materializa, esses são os traços básicos que, de forma privilegiada, "canalizam" os sentidos produzidos pelo discurso do FSM.

A análise dos textos a seguir confirmará que um quadro de semas relativamente simples dará conta de todo o material selecionado para análise.

Texto 2: "Um Novo Espírito democrático", José Arbex Jr. (*Caros Amigos*, março/2001 - p.6)

No segundo texto escolhido para análise, "Um Novo Espírito Democrático", já no título o pressuposto é que há um espírito **democrático**, e, com o FSM, há uma **renovação desse velho espírito democrático**.

Encontramos alguns enunciados que ajudam a definir **o sentido** de "novo espírito democrático" do FSM nesse discurso que, confirmando a tese de Maingueneau, vai ser lido no discurso da TFP (como veremos no próximo capítulo) como "espírito subversivo, revolucionário", "ditadura socialista".

(S-4) "Entre uns e outros, o conteúdo das discussões travadas no interior do fórum afirmou, em geral, **concepções ideológicas antiimperialistas e favoráveis à instauração de regimes democráticos e populares**. Mas não estabeleceu, claramente, um caráter anticapitalista. Como disse, em entrevista a *Caros Amigos*, o padre e sociólogo belga, François Houtart, é verdade que o fórum foi marcado por divisões ideológicas, mas isso apenas realça a necessidade de um palco democrático de debate entre as mais variadas correntes antiimperialistas".

(S-5) "O Fórum foi uma nova demonstração do **caráter pluralista e democrático** que tem caracterizado as mais recentes manifestações **contra o imperialismo**. Foi precisamente esse 'novo

espírito democrático' que permitiu reunir, no mesmo espaço, um amplo espectro de forças, dos mais 'reformistas' aos mais dispostos à 'ação direta' contra o capitalismo".

(S-6) "Os grupos de debate do FSM incluíram temas que, normalmente, são considerados '**marginais**': **discriminação** de gênero e raça, questões culturais -como o problema da preservação das culturas regionais e indígenas **em oposição à tendência uniformizadora** da globalização - e **proteção ao meio ambiente**".

Em S-4 encontramos "espírito democrático" que, nesse discurso, significa concepções ideológicas antiimperialistas, não necessariamente anticapitalistas.

Em S-5, há o pressuposto de que outras manifestações de caráter pluralista e democrático contra o imperialismo aconteceram e o FSM é mais uma delas, portanto o FSM é pluralista e antiimperialista. "Novo espírito democrático" nesse discurso significa pluralismo, reunião de um amplo espectro de forças.

Em S-6 encontramos a leitura de globalização feita pelo FSM: a globalização, ao desrespeitar as fronteiras nacionais e a soberania dos Estados, **uniformiza os hábitos, desrespeita as culturas**. Como veremos, essa também é uma preocupação da TFP. Mas o que a TFP considera cultura e hábitos que devem ser conservados é muito diferente do que o FSM considera cultura e hábitos de um povo.

Em outras palavras, o FSM é antiimperialista, mas não necessariamente anticapitalista, embora não seja descartada essa possibilidade dentro dos vários discursos das esquerdas que, em comum, têm o antiimperialismo como inimigo comum.

Pela análise dos enunciados, podemos identificar como o Outro do FSM o neoliberalismo (defendido pelo FEM), com seus efeitos de miséria, exclusão social e tendência uniformizadora da globalização que não se interessa pelas pessoas, nem pela preservação das culturas regionais e indígenas.

A partir de agora, já identificado o discurso com o qual o FSM polemiza, já traçada a semântica de base do FSM com base nos primeiros segmentos discursivos analisados, percorreremos alguns textos e verificaremos que os enunciados selecionados realizam essa semântica.

Texto 3: “Valores de uma nova civilização”, Frei Betto e Michael Löwy<sup>24</sup> (*Caros Amigos*, março/ 2002 – p..17)

O texto “Valores de uma nova civilização”, de Frei Betto e Michael Löwy, se propõe a expor quais são os valores do “outro mundo”, desejado pelo FSM.

Antes de iniciarmos a análise dos enunciados selecionados do terceiro texto do corpus, apresentaremos uma tabela (Tabela 3) com esses enunciados: na coluna da esquerda os enunciados rejeitados pelo FSM e na coluna da direita os enunciados reivindicados pelo FSM.

A tabela permitirá visualizar como o FSM, para construir quais são seus valores, os valores de uma nova civilização, nega os valores que vê no FEM.

Logo após a exposição dos enunciados numa tabela, faremos uma análise desses enunciados e verificaremos que todos eles realizam a semântica de base do FSM.

---

<sup>24</sup> Michael Löwy é sociólogo e pesquisador do Conselho Nacional de Pesquisa Científica

Tabela 3: Tabela com os enunciados rejeitados e reivindicados pelo FSM

Forum Econômico Mundial (mundo “X” lido como “-y”)	Forum Social Mundial (mundo “Y”)
(S-7) “Globalização neoliberal”; <b>“globocolonização”</b>	(S-7) “Transformação social”; <b>“novo mundo”</b>
(S-8) “Escala de valores neoliberal globalizada: <b>o dólar, o euro e o iene</b> ”; “valores <b>quantitativos</b> ”	(S-8) “Valores, que <b>iluminam</b> um projeto de transformação social e inspiram a imagem de um novo mundo possível: <b>liberdade, igualdade, fraternidade, democracia, respeito ao meio ambiente</b> ”; “valores <b>qualitativos</b> ”
(S-11) <b>“Civilização do dinheiro</b> e do capital: relação predominante é <b>mercadoria-pessoa-mercadoria</b> ”	(S-11) “Relação <b>humanitária</b> : relação <b>pessoa-mercadoria-pessoa</b> ”
(S-16) <b>“Relações de competição</b> , concorrência feroz, guerra de todos contra todos – que fazem no indivíduo, na sociedade atual, um <i>homo homini lupus</i> (um lobo para os outros seres humanos)”	(S-16) <b>“Relação de cooperação</b> , partilha, ajuda mútua, solidariedade”
(S-16) “A mundialização neoliberal produz e reproduz os <b>conflitos tribais e éticos, as guerras de ‘purificação étnica’, o expansionismo belicosos, os integrismos religiosos intolerantes, as xenofobias</b> . Tais pânico, induzidos pelo sentimento de perda de identidade, são o outro lado da mesma moeda, o complemento inevitável da globalização Imperial”.	(S-16) “Um <b>mundo no qual cabem muitos mundos</b> (segundo a bela fórmula dos zapatistas), uma civilização mundial da solidariedade e da diversidade”.
(S-16) <b>“Homogeneização mercantil e quantitativa do mundo</b>	(S-16) <b>“Diversidade</b> cultural, e a <b>contribuição única e insubstituível de cada povo</b> , de cada cultura, de cada indivíduo”.
(S-17) “As grandes opções socioeconômicas, as prioridades de investimentos, as orientações fundamentais da produção e da distribuição são <b>decididas por um punhado de exploradores ou pelas suposta ‘lei do mercado’</b> ”	(S-17) <b>“Formas superiores, participativas, que permitam à população exercer diretamente seu poder de decisão e controle. Como o orçamento participativo do município de Porto Alegre e do Estado do Rio Grande do Sul. onde as grandes opções socioeconômicas, as prioridades de investimentos, as orientações fundamentais da produção e da distribuição são democraticamente discutidas e decididas pela própria população”</b>
(S-18) <b>“A mundialização capitalista é responsável por uma destruição e um envenenamento acelerado em crescimento geométrico do meio ambiente</b> : poluição da terra, do mar, dos rios e do ar; “efeito de serra”, com conseqüências catastróficas; perigo de destruição da capa de ozônio, que nos protege das irradiações ultravioletas mortais; aniquilamento das florestas e da biodiversidade”	(S-18) <b>“Uma civilização da solidariedade não pode ser senão uma civilização da solidariedade com a natureza, porque a espécie humana não poderá sobreviver se o equilíbrio ecológico do planeta for rompido”.</b>

Análise dos enunciados:

(S-7) “**Nós, do FSM**, acreditamos em certos valores, que iluminam o nosso projeto de **transformação social** e inspiram a nossa imagem de um **novo mundo possível**. **Aqueles de Davos** que se reuniram, este ano, em Nova York – banqueiros, executivos e chefes de Estado, que dirigem a globalização neoliberal (ou “**globocolonização**”) – também defendem valores.”

Em (S-7) o FSM propõe “transformação social”; um “novo mundo”, estão, pois, em desacordo com o “mundo como está”. O FEM é apresentado como composto por banqueiros, executivos e chefes de Estado que defendem o “mundo como está”: dirigem a globalização neoliberal que é batizada com o neologismo “globocolonização”, ou seja, colonização de todo o globo. Colonização implica relações desiguais de força, exploração, transformação da “colônia” (países explorados) em meio de enriquecimento. O FEM, discurso sobre o qual o FSM se constrói, é apresentado com os traços: ‘+ **desigualdade**’, ‘+ **hierarquia**’, ‘+ **mercadoria**’, traços recusados pelo FSM.

(S-8) Valores do FEM: “Não devemos subestimá-los, pois eles acreditam em três grandes valores e estão dispostos a lutar com todos os meios para salvuardá-los, inclusive guerra, se for preciso. **Os três grandes valores do credo de Davos**, contidos no coração da civilização capitalista, são: **o dólar, o euro e o iene**. Os três não deixam de ter suas contradições, mas, juntos, constituem a **escala de valores neoliberal globalizada**. A principal característica comum é a sua **natureza estritamente quantitativa**; eles não conhecem o bem e o mal, o justo e o injusto. Conhecem apenas quantidades, números, cifras”

Em S-8, a leitura que o FSM faz do FEM, tendo como “lente” sua semântica, mostra o FEM lido como mundo do ponto de vista do dinheiro ou das mercadorias: “três grandes valores” (o dólar, o euro e o iene”- natureza quantitativa). Mostra também o valor dado a esses “valores”: “lutar com todos os meios para salvuarda-los” “**credo de Davos**”. Como veremos adiante, o neoliberalismo, sistema defendido pelo FEM, é comparado a uma

religião, com seus dogmas, que têm que ser defendidos a todo custo. Encontramos aí o traço **“rigidez”** atribuído ao FEM pelo FSM que reivindica o traço **“flexibilidade”**.

Em S-9, a seguir, encontramos explicitamente o mecanismo de se construir através da negação do outro e podemos verificar nessa construção a realização da semântica de base do FSM:

(S-9) “Face a essa civilização da **mercantilização universal**, que afoga todas as relações humanas nas “águas geladas do cálculo egoísta”, o **Fórum Social Mundial** representa, antes de tudo, **uma recusa: “O mundo não é uma mercadoria”**. Isto é, a natureza, a vida, os direitos do homem, a liberdade, o amor, a cultura não são mercadorias. Mas o FSM encarna também a aspiração a um **outro tipo** de civilização, baseada em outros valores que não o dinheiro ou o capital. **São dois projetos de civilização e duas escadas de valores que se enfrentam, de forma antagônica e irreconciliável, no umbral do século 21.**”

Em (S-9) o pressuposto é que há uma civilização da **mercantilização universal**. (“**mundo como está**”). Se o **Fórum Social Mundial** representa **uma recusa: “O mundo não é uma mercadoria”**, é porque ele supõe que há o mundo como mercadoria (mundo como está – “**mercantilização universal**”) em relação ao qual o FSM se define como “uma recusa”, uma negação do mundo como está.

Se o FSM encarna a aspiração a um **outro tipo** de civilização, baseada em outros valores **que não** o dinheiro ou o capital, o mundo recusado, em cima do qual o FSM se define, tem como valores o dinheiro e o capital.

No enunciado “**são dois projetos de civilização e duas escalas de valores que se enfrentam, de forma antagônica e irreconciliável**”, está explícita a interincompreensão entre os dois discursos: para o FSM não há pontos em concordância entre os dois fóruns, não têm as mesmas preocupações, não têm os mesmos valores: um é o que o outro não é.

Se o FEM é visto como o mundo do ponto de vista do dinheiro e das mercadorias, quem tem mais é mais, temos então o traço **+hierarquia/-igualdade**. Se a sociedade está a serviço da economia e não do homem, temos os traços **–gente; +dinheiro** (mercadoria) Traços também presentes em (S-10)e (S-11):

(S-10) “Conhecem apenas quantidades, números, cifras: um, cem, mil, 1 milhão, 1 bilhão. Quem tem 1 bilhão de dólares, euros ou ienes **vale mais** do que tem só 1 milhão, e **muito mais** do que aquele que só tem mil. E, obviamente, **aquele que não tem nada**, ou quase nada, **nada vale** na escada de valores de Davos. É como se não existisse.”

(S-11) “Essa **civilização do dinheiro e do capital** transforma **tudo** em **mercadoria** – a terra, a água, o ar, a vida, os sentimentos, as convicções -, que se vendem pelo melhor preço. Até as pessoas ficam submissas à mercadoria, pois subverte a relação humanitária **pessoa-mercadoria-pessoa**. Visto essa camisa de algodão, que é uma mercadoria, para humanizar minha convivência social, pois seria estranho que eu comparecesse sem camisa no trabalho ou num encontro entre amigos. Agora, a relação predominante é **mercadoria-pessoa-mercadoria**. A grife da camisa que visto me imprime valor. Em outras palavras, se chego à sua casa de ônibus ou bicicleta, tenho um valor Z. Se chego de BMW, tenho um valor A. Sou a mesma pessoa e, no entanto, a mercadoria que me reveste me imprime mais ou menos valor, reificando-me.”

Em S-11, o neoliberalismo (“civilização do dinheiro e do capital”) é descrito, pelo FSM, com o traço rigidez: transforma tudo em dinheiro, até a natureza, os sentimentos, e as convicções.

Se quem tem mais é mais e quem não tem nada nada vale, encontramos o traço **‘+hierarquia’/’-igualdade’**

Se tudo é mercadoria, até as pessoas (mercadoria-pessoa-mercadoria), encontramos o traço **‘-gente’/ ‘+mercadoria’**.

Valores do FSM:

Para explicitar quais são os valores do FSM, novamente temos como recurso a negação dos valores vistos no FEM. Os valores do FSM são apresentados em oposição aos valores do FEM:

(S-12) “Quais os valores que inspiram esse projeto alternativo? Trata-se de valores **qualitativos, éticos e políticos, sociais e culturais**, irredutíveis à quantificação monetária. Valores que são comuns à

maior partes dos grupos e das redes que constituem o grande movimento mundial contra a globalização neoliberal.”

Em (S-12) os valores defendidos pelo FSM (“grande movimento mundial contra a globalização neoliberalvalores”) são adjetivados como valores qualitativos (“valores qualitativos, éticos e políticos, sociais e culturais”) em oposição (“irredutíveis”) a valores quantitáveis (“quantificação monetária”).

(S-13) “Podemos partir dos três valores que inspiram a Revolução Francesa de 1789 e, desde então, estão presentes em todos os movimentos de emancipação social da história moderna: **liberdade, igualdade e fraternidade**. Como assinalava Ernst Bloch em seu livro *Direito Natural e Dignidade Humana* (1961), esses princípios, inscritos pela classe dominante no frontão dos edifícios públicos na França, nunca foram por ela realizados. (...) Se examinarmos de perto esses valores, do ponto de vista das vítimas do sistema, descobriremos seu potencial explosivo e sua atualidade no combate atual a **mercantilização do mundo**”.

Em (S-13) há a apresentação dos valores do FSM, também colocados em oposição ao FEM (“valores em combate a mercantilização do mundo”): liberdade, igualdade e fraternidade. Mesmo reconhecendo que os três valores da Revolução Francesa nunca foram por ela realizados, são esses os valores apresentados como os que “iluminam” o FSM.

Além desses, outros dois são acrescentados aos valores do FSM: democracia e respeito ao meio-ambiente<sup>25</sup>.

Depois da enumeração dos valores, temos a explicitação do que significa liberdade, igualdade, fraternidade, democracia e respeito ao meio-ambiente. Veremos que os traços semânticos fundamentais do discurso do FSM - “+ **igualdade**” / “- **hierarquia**”; “+ **gente**” / “- **mercadoria**” - estão presentes nesses valores do FSM.

#### Liberdade:

(S-14) “O que significa liberdade? Antes de tudo, liberdade de expressão, de organização, de pensamentos, de crítica, de manifestação, durante conquistas em séculos de lutas contra o absolutismo, o fascismo e as ditaduras. Mas também, e hoje mais do que nunca, a **libertação em relação a uma**

<sup>25</sup> Defender o meio ambiente é uma reivindicação mais recente da esquerda.

**outra forma de absolutismo: a ditadura dos mercados financeiros e da elite de banqueiros e empresários multinacionais que impõem seus interesses ao conjunto do planeta.** (...) Uma ditadura imperial sob a hegemonia econômica, política e militar dos Estados Unidos”.

Em (S-14) liberdade é definida em oposição a “ditadura dos mercados financeiros” do mundo neoliberal (mundo defendido pelo FEM).

No novo mundo pretendido pelo FSM, **todos têm direito** à mesma liberdade (de expressão, de organização, de pensamentos, de crítica, de manifestação). **Todos os países têm direito** à liberdade, não devem ficar submissos à ditadura dos mercados, sob a hegemonia dos EUA. Se todos devem ter os mesmos direitos, se um país não deve ser hegemônico, então todos estão em nível de igualdade: encontramos o traço **‘+igualdade’/‘-hierarquia’**.

Igualdade:

(S-15) “O que significa igualdade? Nas primeiras constituições revolucionárias inscreveu-se a igualdade perante a lei. Esta é absolutamente necessária - e longe de existir na realidade do mundo de hoje – mas bem insuficiente. O problema de fundo é a **monstruosa desigualdade entre o norte e o sul do planeta** e, dentro de cada país, entre a pequena elite que monopoliza o poder econômico e os meios de produção, e a grande maioria da população, que vive de sua força de trabalho – quando não está no desemprego, e excluída da vida social. (...) **O sistema da dívida externa, a lógica do mercado mundial e o poder ilimitado do capital financeiro levam a um agravamento dessa desigualdade**, que aumentou nos últimos vinte anos. A exigência de igualdade e de justiça social – dois valores inseparáveis – **inspira os vários projetos socioeconômicos alternativos** que estão na ordem do dia. A desigualdade econômica não é a única forma de injustiça na sociedade capitalista liberal: a perseguição aos “indocumentados” na Europa, a exclusão dos descendentes de escravos negros e indígenas nas Américas, a opressão de milhões de indivíduos que pertencem às castas de “intocáveis” na Índia e tantas outras formas de racismo ou discriminação por razões de cor, religião ou língua são onipresentes do norte ao sul do planeta. Uma sociedade igualitária significa a radical supressão das discriminações.”

Em (S-15), um dos traços principais do FSM (**‘+igualdade’/‘-hierarquia’**) é reconhecido como um dos valores do FSM.

Em “O problema de fundo é a monstruosa desigualdade entre o norte e o sul do planeta e, dentro de cada país, entre a pequena elite que monopoliza o poder econômico e os meios

de produção, e a grande maioria da população, que vive de sua força de trabalho”, encontramos a condenação da desigualdade econômica, adjetivada como “monstruosa”.

Para o FSM, a desigualdade não é “natural” (como é para TFP<sup>26</sup>), nem um “efeito colateral”, uma “conseqüência do mercado” (como vê o neoliberalismo). Para o FSM, o que agrava a desigualdade, que sempre existiu na sociedade capitalista, é o neoliberalismo, “mundo como está” (lógica do mercado mundial e o poder ilimitado do capital financeiro), condenado, portanto, pelo FSM.

Qualquer tipo de desigualdade é condenada pelo FSM, explicitado em “A desigualdade econômica não é a única forma de injustiça na sociedade capitalista liberal”. Se a desigualdade econômica não é a única forma de injustiça na sociedade capitalista liberal, é porque há outras (“a perseguição aos “indocumentados” na Europa, a exclusão dos descendentes de escravos negros e indígenas nas Américas, a opressão de milhões de indivíduos que pertencem às castas de “intocáveis” na Índia e tantas outras formas de racismo ou discriminação por razões de cor, religião ou língua são onipresentes do norte ao sul do planeta), e todas são condenadas (uma sociedade igualitária significa a radical supressão das discriminações”). Encontramos então o traço “+igualdade”/“-hierarquia”.

### Fraternidade

(S-16a) “O que significa fraternidade? É a tradução moderna do velho princípio judaico-cristão: o amor ao próximo. É a **substituição** das relações de **competição, concorrência feroz, guerra de todos contra todos – que fazem no indivíduo, na sociedade atual, um *homo homini lupus*** (um lobo para os outros seres humanos) -, por relação de **cooperação, partilha, ajuda mútua, solidariedade**. (S-16b) A mundialização neoliberal produz e reproduz os conflitos tribais e éticos, as guerras de “purificação étnica”, o expansionismo belicoso, os integrismos religiosos intolerantes, as xenofobias. Tais pânicos, induzidos pelo sentimento de perda de identidade, são o outro lado da mesma moeda, o complemento inevitável da globalização Imperial. A civilização com que sonhamos será um **mundo no qual cabem muitos mundos** (segundo a bela fórmula dos zapatistas), uma civilização mundial da solidariedade e da diversidade. Face à homogeneização mercantil e **quantitativa** do mundo, face ao falso universalismo capitalista, é mais do que nunca importante reafirmar a riqueza que representa a diversidade cultural, e a **contribuição única e insubstituível de cada povo**, , de cada cultura, de cada indivíduo.”

---

<sup>26</sup> Cf. capítulo V

Em S-16, encontramos novamente o traço ‘**+flexibilidade’/’-rigidez’** como conseqüência das características atribuídas ao neoliberalismo: não há fraternidade, não há diálogo, há competição, guerras de “purificação étnica”, integristas religiosos intolerantes, xenofobias. Em oposição a essa rigidez, a esse não diálogo, a essa uniformização, encontramos a abertura, a flexibilização da sociedade desejada: “um mundo no qual cabem muitos mundos”.

Em S-16 a, “É a **substituição das relações** de competição, concorrência feroz, guerra de todos contra todos – que fazem no indivíduo, na sociedade atual, um *homo homini lupus* (um lobo para os outros seres humanos) -, **por relação** de cooperação, partilha, ajuda mútua, solidariedade”, novamente o FSM constrói seus valores em oposição aos valores do FEM (conforme lidos pelo FSM): se pretendem a substituição, é a substituição do “mundo como está”( relações de competição, concorrência feroz, guerra de todos contra todos) por outro mundo (relação de cooperação, partilha, ajuda mútua, solidariedade).

Em S-16 b, novamente o FSM se constrói em oposição ao FEM: neoliberalismo (perda de identidade e conflitos tribais e éticos, as guerras de “purificação étnica”, o expansionismo belicoso, os integristas religiosos intolerantes, as xenofobias; **homogeneização mercantil e quantitativa do mundo**) *versus* FSM (mundo no qual cabem muitos mundos, uma civilização mundial da solidariedade e da diversidade; diversidade cultural, e a **contribuição única e insubstituível de cada povo, de cada cultura, de cada indivíduo**). Encontramos também nesses enunciados, os traços “**+ igualdade’/’- hierarquia’**”; “**+ gente’/’- mercadoria’**”.

## Democracia

(S-17) “(...) Essa democracia representativa – também fruto de muitas lutas populares, e constantemente ameaçada pelos interesses dos poderosos, como demonstra a história da América Latina de 1964 a 1985 – é necessária, mas, insuficiente. Necessitamos de formas superiores, participativas, que permitam à **população exercer diretamente** seu poder de decisão e controle, como no caso do orçamento participativo do município de Porto Alegre e do Estado do Rio Grande do Sul. O grande desafio, do ponto de vista de um projeto de sociedade alternativa, é estender a democracia para o terreno econômico e social. Por que permitir, nesse campo, o poder exclusivo de uma elite que recusamos na área política? Uma democracia social significa que as grandes opções socioeconômicas, as prioridades de investimentos, as orientações fundamentais da produção e da distribuição são

democrática discutidas e decididas pela própria população, e **não** por um punhado de exploradores ou pelas suposta “**lei do mercado**” (ou, ainda, variante que já foi à falência, por um birô político onipotente)”.

Em (S-17), encontramos o mesmo processo de construção do FSM por oposição ao FEM: FEM (as grandes opções socioeconômicas, as prioridades de investimentos, as orientações fundamentais da produção e da distribuição são decididas por um punhado de exploradores ou pelas suposta “lei do mercado”) *versus* FSM (As grandes opções socioeconômicas, as prioridades de investimentos, as orientações fundamentais da produção e da distribuição são democraticamente discutidas e decididas pela própria população. Como, por exemplo, o orçamento participativo do município de Porto Alegre e do Estado do Rio Grande do Sul).

Se quem decide é a população e não os governantes, encontramos então o traço “**+igualdade**” / “**- hierarquia**”. O traço ‘**+flexibilidade/-rigidez**’ também está presente nesse enunciado: no neoliberalismo, as regras das políticas econômicas são decididas por poderosos com leis duras (‘leis do mercado’), já as decisões no “outro mundo”, que para os autores já começou a ser rascunhado em alguns governos petistas, são tomadas democraticamente e por toda população.

### Meio ambiente

(S-18) “A mundialização capitalista é responsável por uma **destruição** e um envenenamento acelerado em crescimento geométrico do **meio ambiente**: poluição da terra, do mar, dos rios e do ar, com conseqüências catastróficas; perigo de destruição da capa de ozônio, que nos protege das irradiações ultravioletas mortais; aniquilamento das florestas e da biodiversidade. Uma civilização da solidariedade não pode ser senão uma civilização da **solidariedade com a natureza**, porque a espécie humana não poderá sobreviver se o equilíbrio ecológico do planeta for rompido”.

Na explicitação do último valor apresentado como “valores de uma nova sociedade”, encontramos: “mundo como está” (**mundialização capitalista** responsável por uma destruição e um envenenamento acelerado em crescimento geométrico do meio ambiente: poluição da terra, do mar, dos rios e do ar; “efeito de serra”, com conseqüências catastróficas; perigo de destruição da capa de ozônio, que protege das irradiações ultravioletas mortais; aniquilamento das florestas e da biodiversidade) *versus* “outro mundo

possível” (civilização da **solidariedade com a natureza**, porque a espécie humana não poderá sobreviver se o equilíbrio ecológico do planeta for rompido). E, novamente, um dos traços principais do FSM: “+ gente” (‘+natureza’ ‘+vida’)/“- mercadoria”.

Ainda verificando a realização da semântica de base do FSM, analisaremos outros textos selecionados que confirmam nossa hipótese. O primeiro texto escolhido, o segundo texto e o terceiro texto (já analisados) são textos escritos por organizadores ou ativos participantes do FSM, que sempre escrevem na *Caros Amigos* (José Arbex Jr, Frei Beto, Michael Löwy, Oded Grajew, Ignácio Ramonet). Os textos a seguir são trechos de matérias escritas por jornalistas enviados pela *Caros Amigos* para cobrir o FSM: são entrevistas ou artigos que apresentam questões importantes que foram tratadas durante o Fórum (Criação da Rede Sul De Direitos Humanos; Discussões sobre meio ambiente; Formato de uma nova ONU, Caminhos futuros do Movimento Social que se reúne no FSM).

(S-19) UMA REDE PARA OS DIREITOS HUMANOS (Caros Amigos, março 2002)

“- Um das principais novidades na questão dos direitos humanos no Fórum Social Mundial foi o anúncio da criação da Rede Sul de Direitos Humanos. O que é essa rede?

A idéia da rede surgiu da percepção de que hoje há uma relação um tanto **perversa** entre as grandes organizações não-governamentais do norte com movimento de direitos humanos no sul. Elas vêm para cá com a agenda predeterminada sobre direitos humanos, se relacionam com as organizações-base como fornecedoras de informações e se transforma nas porta-vozes das violações dos direitos humanos. Com isso, recebem grande impacto de mídia em seus países de origem, assim como são beneficiárias dos grandes fundos que estão disponíveis para essa área. A agenda dos direitos humanos é hoje comandada pelos países do norte. Se você olhar para a situação de vários países da América Latina, como o Brasil, vai notar que **essa relação fez com que as organizações de direitos humanos surgidas na luta contra os regimes autoritários passassem por um processo de erosão muito grande.**

- O diálogo deve ser apenas entre os países do hemisfério sul ou vai buscar um contrato com os do norte?

A idéia é a **reversibilidade**. Por que as ONGs do sul não podem fiscalizar as violações do norte? Por que não podemos ir aos Estados Unidos verificar a situação dos presos comuns? Por que não podemos nos preocupar com a questão dos imigrantes na Europa? Não temos autoridade ou legitimidade para fazer isso? Dentro do universo dos direitos humanos, as organizações do norte têm

de ter um grau de respeito muito maior, de **solidariedade** muito maior com as organizações do sul, porque nos tratamos com tremendo **afeto e respeito, ajudamos** em suas operações aqui, ajudamos a abrir espaço na mídia. Então, é um momento de levar isso a sério: de que todos somos iguais e devemos ser respeitados.

- Como a rede deve funcionar?

A rede não é nada mais do que você acessar o computador pela manhã e ver se lhe é útil alguma das informações que estão ali. Ela também **não pretende ser algo que tenha uma centralidade**, que busque capitalizar em cima e reproduzir esse modelo que estou criticando.

- Na tua opinião, qual é hoje a prioridade número um dentro de tudo o que podemos chamar de direitos humanos?

O núcleo básico da idéia de direitos humanos é o de **que o outro tem de ser tratado da mesma forma como você julga que você mesmo deve ser tratado**. Se conseguirmos conjugar essa gramática de reciprocidade, de **ver o outro enquanto sujeito**, estaremos dando um grande passo no sentido de **respeito aos direitos humanos**. E isso vai desde a questão racial, econômica, até a de gênero. O que está em jogo é **ver o outro como merecedor do mesmo respeito e dignidade que exigimos para nós**". (Caros Amigos, março 2002).

Nos trechos selecionados em S-19, encontramos:

O FSM luta pelos **direitos humanos**, cujo núcleo básico é "o outro tem de ser tratado da **mesma forma** como você julga que você mesmo deve ser tratado": Luta por direitos humanos é uma luta que pressupõe **humanos** (gente) tratados como **iguais** e, por isso, com os mesmos direitos. Traços marcadamente presentes: **"+gente"**; **"+igualdade"**.

Nos enunciados: "ver o outro **enquanto sujeito**"; "o que está em jogo é ver o outro como merecedor do **mesmo respeito e dignidade**" que exigimos para nós"; "e isso vai desde a questão racial, econômica, até a de gênero" : há **sujeitos e todos** são merecedores de respeito e dignidade , não são mercadorias. Traços presentes: **'+gente' '+igualdade' / '-mercadoria'**.

No enunciado "A Rede para os direitos humanos também **não pretende ser algo que tenha uma centralidade, que busque capitalizar** em cima e reproduzir esse modelo que estou criticando". Não ter centralidade, não ter poder, e não visar lucro, encontramos aí os traços principais do FSM: **"- hierarquia"**; **"-mercadoria"**.

Falando sobre as ONGs do sul e o norte: “dentro do universo dos direitos humanos, as organizações do norte têm de ter um grau de respeito muito maior, de solidariedade muito maior com as organizações do sul, porque nos tratamos com tremendo afeto e respeito, ajudamos em suas operações aqui, ajudamos a abrir espaço na mídia. Então, é um momento de levar isso a sério: **de que todos somos iguais e devemos ser respeitados.**” Novamente encontramos o discurso do FSM reivindicando o traço “**+ igualdade**”.

Nos trechos selecionados, há marcadamente os traços “**+igualdade**”/ “**- hierarquia**”; “**+gente**” / “**-mercadoria**” . Sendo “- x “ o reverso, a leitura “deformada” que o FSM faz do FEM.

(S-20) Big Mac e Baleias dão lugar a água e terra (Caros Amigos, março 2002)

“O outro mundo, sustentável, rascunhado pelos ambientalistas durante os dias do Fórum Social Mundial, pressupõe a **inversão** de valores e conceitos econômicos hoje vigentes, substituindo a ditadura das corporações – que impõem um ritmo acelerado de consumo, reduzem os recursos naturais a matéria-prima e os homens a simples consumidores – por uma **nova ordem** em que terra, água e biodiversidade sejam **direitos sociais** e não *commodities*.”

Em S-20 encontramos os valores e conceitos econômicos do mundo “como está”: há corporações e elas é que mandam e impõem consumismo (Traço: ‘**+ mercadoria**’), além de tornarem a vida (recursos naturais, homens) um produto (Traço: ‘**+ mercadoria**’).

Se o FSM luta por uma “nova ordem”, a ordem vigente do mundo como está é: terra, água e biodiversidade como produto (Traço: “**+mercadoria**”).

O léxico escolhido “*commodities*” - termo do discurso da economia - mostra a leitura feita do FEM pelo FSM: tudo é visto como produto, transações econômicas, até a terra, a água e a natureza: traço “**+mercadoria**”.

O “mundo desejado” tem terra, água e biodiversidade como direitos sociais. Encontramos, então, o traço: “**+ igualdade**”.

Busca de um mundo sustentável é busca por um mundo que privilegie a vida e não a economia. Traços encontrados: ‘**+ gente**’/’**- mercadoria**’ (’**-dinheiro**’).

(S-21) A DUPLA VINDA DE NAOMI KLEIN (Caros Amigos, março 2002)

(a) “- Qual o próximo passo do movimento social que se reúne aqui?”

O próximo passo é ir **além de enfatizar os encontros de cúpula**, como Seattle. É continuar praticando **ação direta**, que se engaje nas **necessidades das pessoas** por saúde, casa, água, eletricidade. Descentralizado, mas com a forma de ação direta conectada globalmente em rede. Reconquistando o espaço público e refazendo-o com a **democracia direta**. E isso é que temos visto ao redor do mundo.”

Em S-21a, se há opção por ação direta, ao invés de encontros de cúpula, encontramos o traço **‘hierarquia’** rejeitado.

Se há o compromisso de luta pelas necessidades das pessoas (saúde, casa, água, eletricidade), encontramos os traços **“+ gente”**; **“+ igualdade”**.

No enunciado “Reconquistar o espaço público e refaze-lo com democracia”: o pressuposto é que hoje não há o espaço público, de propriedade de todo cidadão. Traços reivindicados: **“+ igualdade” / “- hierarquia”**.

(b) “-Você falou muito, na conferência, sobre o valor da diversidade nesse momento global. Parece que há quem busque dar a ele uma unidade, com declarações do tipo “vamos lançar um nova Internacional Socialista” ?

Há pessoas que vêm de um estilo antigo de política que gostariam que isso acontecesse. É a clássica mentalidade revolucionária marxista: “Vamos ter uma Internacional com células locais”. Esse modelo político já teve sua chance e seu momento, conhecemos suas fraquezas, erros, perigos. É tempo de outro tipo de política, baseada em **estruturas descentralizadas**, coordenadas como na Internet, em uma rede. As pessoas que tentam controlar e centralizar esse movimento vão se tornar irrelevantes, esse **não é um movimento de comandados**. Se você falar com os jovens envolvidos no Indymedia, que estão fazendo o Intergalactika, eles não estão procurando líderes no sentido clássico, acreditam em **descentralização**, autonomia, em formas genuínas de **participação democrática**. O que não quer dizer que os partidos são irrelevantes. O PT, por exemplo, está atraindo atenção porque ainda que imperfeito, me parece um novo tipo de partido político. É muito raro encontrar políticos dispostos a **entregar o poder àqueles que os elegeram**. Um dos temas dos protestos é a atitude da elite política achando que o fato de alguém de ter sido eleito dá direito a fazer o que quiser. O mandato concedido a cada quatro anos pelo voto não dá direito a transformar radicalmente a economia e a entregar poderes a instituições globais que são ainda mais inatingíveis que eles, como FMI ou a OMC. Então, o modelo do PT e do orçamento participativo é interessante para um **novo tipo de fazer política**.

No discurso de Naomi Klein há uma ênfase em cima dos traços “- **hierarquia**”/ “+ **igualdade**”:

Se “É tempo de outro tipo de política, baseada em estruturas descentralizadas”, é porque a política anterior da esquerda era centralizada. Encontramos uma crítica à política anterior. Traço “- **hierarquia**”.

Se esse não é um movimento de comandados, é um movimento que acredita em descentralização, e participação democrática, encontramos novamente encontramos o traço “-**hierarquia**”/ “+ **igualdade**”:

Em S-22b, o PT é elogiado porque tem políticos que estão dispostos a entregar o poder àqueles que os elegeram, através, por exemplo, do orçamento participativo que coloca a sociedade para decidir o que fazer com o orçamento do município. Cada bairro decide democraticamente o que precisa com mais urgência. Há a valorização dos traços: “- **hierarquia**”/ “+ **igualdade**” . Encontramos também, em S-22, uma crítica às instituições globais que são inatingíveis (FMI ou a OMC): reivindicação do traço: “- **hierarquia**”

(S-22) UMA OUTRA ONU É POSSÍVEL (Caros Amigos, março 2002)

“Palestrantes e platéia concordaram que este mundo cheio de guerras é o mesmo mundo da busca ilimitada de **lucros**, da **exploração desenfreada dos recursos naturais**, da **superexploração dos trabalhadores**, do **uso da tecnologia para acumular mais riquezas**, **fatores que trazem a aceleração do processo de exclusão social e da miséria**. Alguns falavam em clima de “nova guerra fria”, citando como exemplos a devastação da Palestina, a nova disposição do governo colombiano para a guerra, a deterioração das relações da Índia e do Paquistão, destacando o esvaziamento da ONU diante da hegemonia dos interesses norte-americanos. Do ponto de vista das nações, constatou-se uma postura de militarização dos conflitos por parte de governos como o mexicano em relação a Chiapas, o espanhol em relação ao País Basco – e que alguns dias depois do Fórum iria se relevar mais claramente na Colômbia.

O caminho para a paz delineado em Porto Alegre passa pela transformação da ONU ou pela criação de um novo organismo internacional com poder e legitimidade para intermediar os conflitos de forma **democrática**: pela inversão do processo de exclusão, com a abolição das dívidas externas; e pela eliminação dos “paraísos fiscais” – que lavam os **lucros** da indústrias bélica e fortunas ilegais – , estrangulando as redes de financiamento de grande parte dos conflitos mundiais. Finalmente, um mundo sem guerras será possível quando não mais houver potências hegemônicas, quando se

consolidar um poder mundial democrático que expresse os interesses da grande maioria da humanidade. Ou, como disse Esquivel, no enceramento dos debates: “Um mundo sem guerras é possível e necessário para que os homens e as mulheres vivam em **paz, em harmonia, em condições de justiça e de igualdade**, para que a humanidade se aproprie do seu destino e construa um mundo no qual caibam todos os mundos.”

Em S-22 encontramos:

O mundo de guerra (“**lucros** da indústria bélica”) é o mesmo mundo que busca o dinheiro (“busca ilimitada de lucros, da exploração desenfreada dos recursos naturais, da superexploração dos trabalhadores, do uso da tecnologia para acumular mais riquezas”): mundos recusados pelo FSM que se define pelos traços: “- **dinheiro**”; “+**gente**”. A escolha lexical feita pelo FSM mostra a leitura radical que faz do FEM: o capitalismo não só busca o lucro, não só **explora** os recursos naturais e os trabalhadores – o capitalismo busca de forma **ilimitada** o lucro, explora **desenfreadamente** os recursos naturais e **superexplora** os trabalhadores.

Esses “mundos” condenados pelo FSM trazem a aceleração do processo de exclusão social e da miséria são, pois, condenados pelo FSM. Traço: “+ **igualdade**”.

O caminho para a paz delineado no FSM propõe um órgão (nova ONU) que possa intermediar os conflitos de forma democrática (Traço: “+ **igualdade**”), condena, pois a ONU como está (“esvaziamento da ONU diante da hegemonia dos interesses norteamericanos”) **hierárquica**, além de condenar as potências hegemônicas. Traço encontrado: “- **hierarquia**”.

Em “Um mundo sem guerras é possível e necessário para que os homens e as mulheres vivam em paz, em harmonia, em condições de justiça e de igualdade, para que a humanidade se aproprie do seu destino e construa um mundo no qual caibam todos os mundos”, o pressuposto é que homens e mulheres não vivem em paz, em harmonia, em condições de justiça e de igualdade; os homens não mandam em seu destino; e no mundo como está não cabem todos os mundos. No “mundo possível” temos homens e mulheres em paz, em harmonia, em condições de justiça e de igualdade (Traço: ‘+**igualdade**’); homens mandando em seu destino (portanto não são submetidos) – homens em condições de igualdade (Traço: “+**igualdade**”; “-**hierarquia**”); mundo onde caibam mundos **diferentes**.

Um mundo não é melhor que outro, mais poderoso a ponto de submeter outros. Traço encontrado: “- **hierarquia**”/ “+**igualdade**”.

Terminada a análise dos enunciados selecionados no quadro 3 e terminada a análise dos textos selecionados para confirmar a semântica do FSM, vamos agora analisar algumas metáforas utilizadas para caracterizar o FSM e seu avesso, o FEM.

Os traços fundamentais do FSM - que caracterizam o sistema de restrições semânticas globais do Fórum – restringem o vocabulário, temas, intertextualidades, metáforas. Analisaremos as metáforas escolhidas para legitimar o discurso do FSM e encontraremos imagens que realizam os traços fundamentais do FSM.

## **2. Metáforas que ocorrem nos enunciados usadas pelo FSM para se caracterizar e para caracterizar o FEM**

Como vimos, para Maingueneau, o interdiscurso é regido por um **sistema de restrições semânticas globais** que se manifesta pelo fato de restringir ao mesmo tempo todos os “planos” discursivos. Vejamos a coerência entre as metáforas construídas e a semântica do FSM:

*Caros Amigos* (março /2001 – pg.5 )

(S-23) “a **peneira** não vai tapar o **sol**: o sucesso do evento é um fato insofismável, e **cada vez menos** manifestações como a de Porto Alegre, **que se multiplicam mundo afora, podem ser ocultadas**, até porque umas se ligam `as outras, num **movimento** polarizador inédito e, certamente, **irrefreável**.”

Nas aproximações Peneira/imprensa; Sol/FSM, encontramos a imprensa avaliada negativamente: ‘não vai tapar o sol’ e o FSM avaliado positivamente: ‘não pode ser ocultada’, ‘se multiplicam’, ‘irrefreável’.

“Peneira” é o elemento de comparação escolhido para simbolizar parte da imprensa que não reconhece ou quer esconder a força, a energia do FSM. A peneira é porosa, fraca, deixa escapar a energia do sol, não consegue apagar a força do sol que está sendo

comparado ao FSM, tal é sua energia, resultado da junção de forças que querem mudar o “mundo como está”.

O traço que permite a comparação sol/FSM está previsto no sistema de restrições do discurso do FSM. Sol remete a energia, **vida**, traço reivindicado pelo FSM.

(S-24) “Contra a **ordem engessada e bruta** do neoliberalismo, uma **nova brisa de esperança democrática, fresca e leve, anima** os movimentos sociais e populares, em todo o planeta”.

Em S-24, encontramos o neoliberalismo avaliado negativamente: “ordem engessada e bruta” *versus* reação ao neoliberalismo (FSM e outros movimentos de reação) valorado positivamente: “nova brisa de esperança” “democrática”, “fresca e leve”, “anima”.

Os traços que permitem a comparação: FSM / “nova brisa de esperança democrática, fresca e leve” *versus* FEM / “ordem engessada e bruta” estão previstos no sistema de restrições do discurso do FSM. A brisa que representa o FSM é nova e democrática, para todos. Não é uma ordem engessada e bruta que não permite mudanças, alterações. Nessas metáforas, encontramos traços discursivamente equivalentes aos traços reivindicados pelo FSM e traços negados pelo FSM: brisa é um vento brando, suave, sugere movimento que refresca o ar parado, engessado, sufocante do calor. Podemos relacionar os traços ‘engessado’ e ‘bruto’, em “ordem **engessada e bruta**”, como traços discursivamente equivalentes ao traço “**hierarquia**”, atribuído ao FEM e negado pelo FSM. E os traços “leveza”, “frescura”, que sugerem algo novo, flexível, como traços discursivamente equivalentes ao traço “**igualdade**” (democracia), reivindicado pelo FSM.

(S-25) Frei Beto: “Face essa civilização da mercantilização universal, que afoga todas as relações humanas nas ‘**águas geladas do cálculo egoísta**’<sup>27</sup>, o Fórum Social Mundial representa, antes de tudo, uma recusa: “O mundo não é uma mercadoria””. (*Caros Amigos*, 2002 – pg.17)

Em S-25 encontramos o FEM - “civilização da mercantilização universal” - novamente associado a dureza , **rigidez**: “águas geladas do cálculo egoísta. Em oposição **ao**

---

<sup>27</sup> Expressão utilizada por Karl Marx, em O Capital

FSM, sempre associado a vida, leveza, **flexibilidade**: “sol”; “nova brisa de esperança democrática, fresca e leve”

Nesse mesmo texto de Frei Beto (Caros Amigos, 2002 – pg.17) -ocorre a construção de uma metáfora - religião/neoliberalismo - que mostra a leitura em forma de simulacro que o FSM faz do FEM. Para o FSM, o neoliberalismo (idéias defendidas pelo FEM) é uma religião, com sua doutrina, tal a **rigidez** a que o FEM é associado.

Abaixo, encontramos metáforas de um mesmo campo semântico, dando continuidade à metáfora: neoliberalismo/religião. O traço ‘**rigidez**’ (doutrina) permite a comparação dos dois elementos (neoliberalismo/religião) e das metáforas que dão continuidade à metáfora inicial proposta.

(S-26) “Juntos, os três **valores** [o dólar, o euro e o iene] constituem uma das divindades da religião econômica liberal: a moeda ou, como se dizia em aramaico, *mammoni*. As outras divindades são o mercado e o capital. Trata-se de fetiches ou **ídolos**, objetos de um culto fanático e exclusivo, intolerante e dogmático. Esse fetichismo da mercadoria, segundo Marx, ou essa **idolatria do mercado** para utilizar a expressão dos teólogos da libertação Hugo Assmann e Franz Hinkelammert – e do dinheiro e do capital, é um **culto** que tem suas igrejas (as bolsas de valores), seus santos ofícios (FMI, OMC etc.) e a perseguição aos hereges (todos nós que acreditamos em outros valores). Trata-se de ídolos que, como os deuses cananeus Moloch e Baal, exigem terríveis sacrifícios humanos; no Terceiro Mundo, as vítimas dos planos de ajuste estrutural, homens, mulheres e crianças sacrificados no altar do fetiche mercado mundial e do fetiche dívida externa.

Um corpo impressionante das **regras canônicas e princípios ortodoxos** serve para legitimar e santificar esses rituais sacrificiais.

Um vasto **clero de especialistas** e gestores explica os **dogmas do culto** às multidões **profanas**, mantendo as **opiniões heréticas** longe da esfera pública. As regras éticas dessa **religião** são as já estabelecidas, há dois séculos, pelo teólogo econômico *sir* Adam Smith: que cada indivíduo busque, da maneira mais implacável possível, seu interesse egoísta, sem prestar atenção a seu próximo, e a mão invisível do **deus-mercado** cuidará do resto, trazendo harmonia e prosperidade a toda a nação.”

Nas tabelas a seguir, veremos a metáfora proposta (neoliberalismo comparado a uma religião) e as metáforas derivadas da metáfora inicial proposta.

Tabela 4: Algumas metáforas construídas pelo FSM

Metáfora inicial proposta:

religião	neoliberalismo
----------	----------------

Metáforas derivadas:

Divindades	moedas(dólar, euro, iene), mercado e capital
idolatria das divindades	Culto às idéias do neoliberalismo
Igreja	bolsas de valores
santos ofícios	FMI; OMC
Hereges	todos que acreditam em outros valores
regras canônicas e princípios ortodoxos para legitimar os rituais	regras econômicas ditadas pelo FMI e OMC.
Vasto clero.	economistas, administradores de empresas
Multidões profanas	os que não conhecem as verdades do neoliberalismo
Opiniões heréticas (quem não professa essa “religião”)	FSM - “povo de Porto Alegre” (que não aceita o neoliberalismo).
Teólogo	economista <i>sir</i> Adam Smith

Como vimos nos textos analisados, o FSM se constrói em oposição aos valores que vê no FEM. E as metáforas utilizadas pelo FSM para se descrever e para se referir ao FEM derivam das mesmas restrições semânticas.

Numa das metáforas construídas no texto de Frei Beto que analisamos, uma peça fundamental do FEM - a OMC - é valorada negativamente comparada ao santo ofício, dada a **rigidez** com que é vista a OMC.

Veremos agora como uma voz da OMC a define. Analisaremos uma edição de *Veja* (*veja*, 20/11/02) que traz o diretor da OMC falando sobre seus objetivos. A revista *Veja* deu voz à OMC, através de uma entrevista com o próprio diretor da OMC. Nosso objetivo será verificar quais são os traços com que uma peça fundamental do FEM - a OMC - se define e mostrar (comparar) em seguida a leitura da OMC feita pelo FSM.

### 3. A Organização Mundial de Comércio (OMC) definida por ela mesma

A OMC é repudiada pelo FSM, muitos de seus conferencistas defendem a extinção da OMC, do FMI e do Banco Mundial. Sendo parte fundamental do FEM (“mundo como está” - neoliberalismo) a OMC tem, portanto, o mesmo discurso do FEM.

Analisando o discurso do diretor da OMC não encontramos um dos traços principais – rigidez - que a esquerda vê no discurso dos neoliberais. Quando a esquerda fala do FEM, temos uma leitura do FEM que passa pela lente semântica do FSM, temos, portanto, o avesso do FSM.

Vejamos trechos da fala de Supachai Panichpakdi, diretor da OMC, que serão enumerados com a letra E, para indicar que são enunciados pertencentes ao discurso do FEM:

(E-1) “Minha prioridade é **tornar mais justo** o sistema global do comércio, para que  **aumente a participação de todos**, inclusive o acesso à OMC. A China levou tempo demais, treze anos, para ser aceita na organização, o que aconteceu apenas em janeiro de 2002. Temos de  **ampliar a representatividade** dessa tribuna para os países mais carentes e tornar transparentes os processos de inclusão.”

Segundo o enunciado do diretor-geral da Organização Mundial de Comércio, existe a preocupação **de tornar mais justa a economia global**. “Tornar mais justa” a economia global é diferente de defender a igualdade, (proposta do FSM), mas não é o mesmo que

“Mundo do ponto de vista do dinheiro ou das mercadorias”(leitura do FSM).; “**umentar** a participação de todos”, “**ampliar** a representatividade” é diferente de participação igual (proposta do FSM). Se a OMC defende aumentar a participação e ampliar a representatividade, é porque nem todos são convidados a participar e a representatividade não é grande. O FSM, ao ler o FEM, como vimos, só vê **hierarquia, individualismo, rigidez**. O que não é igualdade é desigualdade.

(E-2) “A última pesquisa das 100 maiores economias do mundo revelou que cinquenta delas não são países, e sim corporações. Meu esforço é tentar aproximar **essas grandes empresas** da OMC. Poderemos expor nossas opiniões, ouvir o que cada uma tem a dizer claramente. Gostaria de tentar discutir **boas condutas empresariais. Posso orientar as que queiram investir recursos em prol de uma economia global mais coerente**. É uma iniciativa pessoal, **ainda não totalmente aceita** pelos países-membros da OMC. Mas vou continuar tentando. É crucial que a sociedade civil seja ouvida de forma regular, organizada. **Não podemos nos comportar como navios que se cruzam à noite sem jamais tomar conhecimento um do outro.**”

O diretor da OMC defende “boas condutas empresariais”, defende “uma economia global mais coerente” e diz que essas iniciativas “ainda não são totalmente aceitas”. Uma **economia global mais coerente** é diferente de “Economia a serviço da promoção do desenvolvimento humano e da justiça social” (proposta do FSM); mas não é “Sociedade a serviço da economia” ”(leitura que o FSM faz da OMC). Se essas iniciativas não são totalmente aceitas, então são parcialmente aceitas. O discurso da OMC se constrói com **traços mais flexíveis** ao mostrar seus objetivos e é lido pelo FSM com o traço ‘**rigidez**’, como vimos no texto de Frei Beto. (Caros amigos, março/2002.p17)

Para confirmar nossa análise, há uma metáfora utilizada pelo representante da OMC – “**Não podemos nos comportar como navios que se cruzam à noite sem jamais tomar conhecimento um do outro**” Novamente, encontramos a OMC usando o traço ‘**flexibilidade**’ para se construir: a OMC defende o diálogo, condena o **individualismo** (“**navios que se cruzam à noite sem jamais tomar conhecimento um do outro**”). O FSM, com seus traços “**+ igualdade/-hierarquia**”, faz a leitura do neoliberalismo como:

“Mundo do ponto de vista do dinheiro ou das mercadorias”, portanto um mundo **individualista**, que **não enxerga pessoas**, só **enxerga cifras**.

Em nenhum momento, o FSM vê a OMC com traços mais flexíveis. Num artigo recente do *Estado de São Paulo*<sup>28</sup> comentando eventos do 4º FSM, encontramos alguns enunciados de um ilustre participante do FSM que foram criticados, por mostrar uma leitura da OMC sem os traços esperados pelo discurso de esquerda.

Joseph Stiglitz, economista americano e prêmio Nobel, defendeu a tese de que a globalização pode ser redesenhada para favorecer os países em desenvolvimento, combater a pobreza e acelerar o crescimento econômico desses países. Stiglitz acha que “a OMC é melhor que nada, e vem atuando de forma cada vez mais eficaz no combate às injustiças comerciais”. Segundo artigo do *Estado de São Paulo*, “o grau de dissonância das declarações de Stiglitz pôde ser medido pela falta de aplausos e pela fala dos outros participantes da mesa que defenderam a extinção de entidades como a OMC, a que mais apanhou verbalmente no fórum”. Stiglitz viu a OMC com traços mais flexíveis: Não é uma instituição que defende a igualdade comercial entre os países, mas vem atuando de forma eficaz no combate às injustiças comerciais. Para o FSM, a OMC representa uma injustiça comercial.

#### **4. Leitura do FSM feita pela Esquerda radical**

O FSM, como vimos, se define como um movimento de esquerda, que luta pelas mudanças necessárias para que um “outro mundo” seja possível. No entanto, sofreu diversas críticas da esquerda mais radical, que acusou um abrandamento de intenções em relação a um “outro mundo possível”. As principais críticas foram sobre o caráter ‘reformista’ do Fórum; ausência de espaço para organizações que utilizam a luta armada, como as Farc, os zapatistas de Chiapas e o ETA; além disso, o FSM não chamou alguns nomes que no primeiro fórum foram chamados, como o primeiro-ministro belga Guy Verhofstadt, e Fidel Castro que desistiram de comparecer porque não foram convidados para conferências. O FSM respondeu às críticas com a “carta de princípios” (elaborada após

---

<sup>28</sup>Estado de São Paulo, 20-01-04

o primeiro FSM), dizendo que o encontro não propõe se fechar em uma ideologia, nem se define como partidário. Além disso, busca um mundo de paz e nenhum movimento que utilize luta armada será, portanto, convidado.

Alguns textos da edição especial sobre o FSM mostram críticas que partiram dos próprios participantes que enunciam na esquerda mais radical. Encontramos no discurso da esquerda mais radical os mesmos traços do FSM (que como movimento da esquerda tem, evidentemente, os traços do discurso da esquerda), mas mais “radicalizados”. A esquerda radical, ao olhar para o FSM (que tem os traços “-hierarquia”; “+igualdade”), enxerga ainda resquícios de hierarquia e se colocam como críticos, como “o Outro” do FSM<sup>29</sup>.

A hipótese<sup>30</sup> que será defendida nessa parte do trabalho é que o FSM tem os traços encontrados no discurso da esquerda e que a extrema esquerda que critica o FSM (e em alguns casos não o reconhece como luta legítima de um “outro mundo possível”) tem a mesma semântica, mas mais severa na sua doutrina.

Para Maingueneau, “no interior de conjuntos textuais considerados como relevando da mesma formação discursiva, encontram-se variações coerentes. (...) É em particular o caso quando existem posições mais ou menos ‘extremistas’ nas produções que relevam de um mesmo discurso. Sobre esta questão da “moderação” e do “extremismo”, a análise em termos de formação discursiva deve permitir ultrapassar o estágio das evidências enganadoras. Pensa-se que os moderados de um discurso são vizinhos dos extremistas de um discurso antagonista, ou, inversamente, raciocina-se como se se pudesse organizar os diversos discursos sobre a continuidade de uma mesma escala. Na realidade, a versão extremista de um discurso não é contígua à versão moderada de um outro; cada discurso constitui um universo semântico específico e a “moderação” só tem sentido se relacionada a esse universo. Em outras palavras, esse grau de “extremismo”, enquanto fator de heterogeneidade, possui uma incidência muito variável: um conjunto de textos pode ser considerado moderado somente porque as conseqüências práticas que ele tira de sua

---

<sup>29</sup> O mesmo acontece no partido dos trabalhadores (PT), com as várias tendências em choque, o que se intensificou após a posse de Lula como presidente em 2003. As severas críticas da esquerda mais radical tiveram como conseqüência a expulsão de alguns membros da ala mais radical do Partido

<sup>30</sup> Essa hipótese merece uma análise mais aprofundada que incida sobre a questão do limite das formações discursivas. Será melhor investigada num artigo a ser apresentado no GEL de 2004.

doutrina são menos exigentes, sem que por isso a semântica que o governa se distancie das restrições da formação discursiva.” (Maingueneau, 1984:32).

Vejamos se nossa hipótese - propor que a extrema esquerda que critica o FSM tem a mesma semântica, mas **mais severa na sua doutrina** – faz sentido.

Usaremos os sinais +/- duplicados (“++”/ “- -”) para indicar a intensificação dos traços que já estavam presentes no discurso de esquerda e se intensificou no discurso da extrema esquerda. Para enumerar os enunciados da esquerda mais radical que criticou o “formato” do evento, usaremos a indicação “ss”.

Em SS-1, um texto de *Caros Amigos* menciona algumas críticas que o FSM recebeu da esquerda mais radical. Dentre as várias críticas, vamos destacar as que mais nos interessam para o objetivo pretendido.

(SS-1) Uma outra cobertura é impossível (*Caros Amigos*, março 2002 p: 15).

“(a) O Fórum vem propondo saída por **dentro do capital**, fazendo parecer que a grande saída para a humanidade é o que o PT tem feito no Rio Grande do Sul”, afirma Júlio Flores, membro das direções gaúchas e nacional do PSTU. “ (b)(...)As críticas atingiram o formato do evento. Jay Sand, jornalista americano do Centro de Mídia Independente destacou a ausência de conferencistas jovens: “Todos os palestrantes pareciam ter mais de 40 anos”. O jornalista condenou ainda o modelo de palestras com **“pessoas especiais”**. “Não nego que sejam especiais, que tenham coisa importantes a dizer, mas dessa forma não são criados **espaços reais de discussão**, como acontece aqui no Acampamento da Juventude, ao **sentarmos numa roda** em que cada um expõe suas idéias”.

Em SS-1a encontramos uma caracterização da natureza do fórum : “a natureza do fórum é de diversidade, espaço de soma, troca e multiplicidade de alternativas nas mais diversas áreas”. Todos os diferentes militantes (socialistas, “reformistas” do capitalismo, militantes de diferentes culturas, de países pobres e ricos) que lutam por um “outro mundo” estão juntos, num mesmo movimento, buscando alternativas para um mundo com mais igualdade, onde a vida esteja em primeiro plano e não o dinheiro. Traço encontrado: **‘-hierarquia’; ‘+igualdade’**.

Para a esquerda mais radical (crítica do PSTU), o FSM deveria defender o socialismo como mundo possível. Defender um mundo socialista como mundo possível

significa recusar qualquer tipo de capitalismo (“saída por dentro do capital”), que pressupõe uma sociedade hierárquica, onde quem tem mais dinheiro tem mais poder (Traço: ‘+hierarquia’). O PSTU olha para o FSM, que se diz contra o mundo como está, e vê traços do que condenam: ocorre a intensificação do traço: ‘++ igualdade’.

EM SS-1b encontramos novamente a intensificação dos traços da esquerda. Embora o FSM tenha como traço “-hierarquia” (diferentes discutindo juntos), houve a crítica de que não deram espaço a conferencistas jovens. Só pessoas “importantes” tiveram voz. Pessoas com vida acadêmica reconhecida ou com um passado político conhecido, portanto nem todos estavam discutindo em pé de igualdade. No FSM, segundo essa crítica, há os palestrantes e há quem assista aos palestrantes. Encontramos resquícios de hierarquia presente e a esquerda radical condenando esta hierarquia: traço encontrado: “- - **hierarquia**”. O formato elogiado por eles é o que não só reúna os diferentes militantes de um “outro mundo possível”, mas também permita que todos tenham o mesmo direito de ter voz: “(...) espaços reais de discussão, como acontece aqui no Acampamento da Juventude, ao sentarmos numa roda em que cada um expõe suas idéias”. Se há espaços reais de discussão é porque alguns não seriam reais, como acontece nas palestras com “pessoas especiais” no FSM .

(SS-2) “TEM DE RADICALIZAR” (Hebe de Bonafini<sup>31</sup>, *Caros Amigos*, março 2002)

(SS-2a) Por que a senhora não foi convidada a participar do Fórum?

Fui convidada pelo MST, mas o comitê organizador não me chamou, assim como também não chamou as Farc, os zapatistas e Fidel. Estou sendo castigada pelo que fiz no ano passado, quando fui convocada a falar na teleconferência (com Davos) e, em vez de dialogar com Soros, resolvi dizer o que ele era: um assassino e hipócrita que sabia quanto **dinheiro** tinha, mas não quantas **crianças estava matando** a cada minuto.

No discurso de Hebe de Bonafini encontramos os traços também presentes no FSM: “+ **mercadoria**”, “- **gente**”. Condena Soros que, de seu ponto de vista, só se interessa por **dinheiro** e não por **vida**, embora finja se interessar (“hipócrita”).

<sup>31</sup> Hebe de Bonafini é uma das “Mães da Praça de Maio”.

(SS-2b) O que a senhora acha dessa censura?

Não me aflige. O problema é que o Fórum está se tornando social-democrata. As Mães da Praça de Maio são contra a globalização, **não queremos humanizá-la**. O Fórum não está lutando pelo **socialismo**. Fala-se em excesso. Trouxeram um monte de social-democratas para discursar.

Se Hebe de Bonafini é contra a globalização, e portanto não quer humanizá-la, o pressuposto é que há quem queira humanizar a globalização, então não são totalmente contrários. Esta é a crítica ao caráter “reformista” do FSM. Temos no discurso de Hebe a defesa do socialismo “verdadeiro”.

Defender um mundo socialista como mundo possível significa recusar qualquer tipo de capitalismo (“um monte de social-democratas”), que pressupõe uma sociedade hierárquica, onde quem tem mais dinheiro tem mais poder (**Traço: ‘+hierarquia’**). As Mães da Praça de Maio olham para o FSM, que se diz contra o mundo como está, e vêem traços do que condenam: o discurso da esquerda mais radical se caracteriza pela intensificação do traço: **“++ igualdade”; “++gente”**.

(SS-2c) Qual deveria ser a natureza do Fórum?

Acredito que deveria ser mais concreta. Não se deveria cobrar 50 dólares a inscrição de delegados e o **povo deveria ser chamado** para falar também, **não só os intelectuais**. O Fórum tem de **radicalizar novamente**, como na primeira edição. Tem de organizar a América Latina e não a Europa.

-E o que valeu a pena neste Fórum? A participação dos sem-terra e o ato que se fez a favor da Palestina. Os atos que não se restringem às salas e **vão para as ruas**, dando oportunidade a todos de participar e o alastramento de informações que valem a pena, que mostram aos que nos oprimem que o **povo não está morto, que o povo se reúne**.

Nestes trechos, há novamente a crítica ao formato do Fórum: Embora o FSM tenha como traço **“- hierarquia”** (diferentes discutindo juntos), houve a crítica de que não deram espaço ao povo, só a intelectuais. Só pessoas “importantes” tiveram voz. pessoas com vida acadêmica reconhecida, portanto todos não estavam discutindo em pé de igualdade. No FSM, segundo essa crítica, há os palestrantes e há quem assista aos palestrantes. Encontramos a esquerda mais radical com o traço **“-hierarquia”/ “++igualdade”**. O

formato elogiado por Hebe é o que não só reúne os diferentes militantes de um “outro mundo possível”, mas também permita que todos tenham o mesmo direito de ter voz: “o povo deveria ser chamado para falar também, não só os intelectuais”; “atos que não se restringem às salas e vão para as ruas (Traço: ‘—**hierarquia**’/’++**igualdade**’), dando oportunidade a todos (Traço: ‘—**hierarquia**’/’++**igualdade**’) de participar”

Em “O Fórum tem de radicalizar novamente, como na primeira edição”, se o Fórum tem de radicalizar novamente, o pressuposto é que agora não está “radicalizando”, está tentando reformar o mundo como está e não lutar por “outro mundo”.

Como vimos, nossa hipótese de que a extrema esquerda que critica o discurso da esquerda organizadora do Fórum tem o mesmo discurso parece fazer sentido.

Queremos agora, para reforçar nossa hipótese, analisar um material de um site da extrema esquerda que também quer se distanciar da esquerda chamada “oficial”.

Tentaremos mostrar que, quanto mais radical é a esquerda, mais intensificados são os traços do discurso.

Há nesse discurso que será analisado severas críticas ao FSM. O FSM, que se define pelos traços “**+igualdade**”, “**-hierarquia**”, é lido como radicalmente vertical, hierárquico.

Muitos partidos e movimentos são denominados genericamente como “de esquerda”, mas há vários matizes dentro da esquerda. Dependendo do espaço onde se analisa esses discursos, encontramos quase outro discurso, ou um discurso em vias de separação. Vamos defender nesse trabalho que a esquerda radical, por ter os mesmos traços da esquerda “tradicional”, ainda tem o mesmo discurso, mas quer se distanciar da “esquerda oficial”, tanto que se refere ao FSM como “esquerda autorizada pelo sistema”. A esquerda radical vê o FSM como seu “outro”, tanto que em 2004, no quarto FSM, a extrema esquerda fez um Fórum paralelo ao FSM.

(SS-3) Coletivo contra-a-corrente (dezembro de 2000)<sup>32</sup>

“Companheiros, nós não iremos ao **autoproclamado** FSM. Em nosso coletivo, há um “consenso” de que tal Fórum é a tentativa dos setores da **esquerda tradicional**, a velha esquerda estadista e burocrática, de **apropriar-se** da luta contra a “globalização” capitalista numa perspectiva nacional-desenvolvimentista. É a esquerda que quer o **capitalismo “humanizado”**; que quer “**socializar**” a

---

<sup>32</sup> [www.vespanet.com.br](http://www.vespanet.com.br)

**mercadoria**; que quer governar o Estado. Não é à toa que se realizará em Porto Alegre: é o laboratório dos governos da **esquerda oficial** em nosso país, com o PT à frente.

A estrutura do Fórum é **hierárquico, verticalizado**, como há de ser esses eventos da **esquerda burocrática. Palestrantes/conferencistas de um lado, e, de outro, público espectador**. Não tem nada a ver com as nossas **experiências horizontais, democráticas**, autônomas, organizadas **desde baixo**. Aliás, é preciso que se diga: nenhum dos grupos que estão organizando o FSM participou de nenhum dos dias de ação global contra o capitalismo. Eles não se sentiriam bem: o que eles sabem fazer são os velhos congressos de **“representantes” que não representam ninguém**, manifestações que mais parecem **“showmícios”**, campanhas eleitorais mais **estetizadas** do que as dos partidos tradicionais da burguesia.

Em SS-3 há uma crítica explícita à estrutura do FSM e à esquerda que o organizou: em **“autoproclamado FSM”** e **“apropriar-se** da luta contra a “globalização” capitalista” há o questionamento da legitimidade do Fórum com sua luta pelo social, por um “outro mundo”. Para a esquerda radical a “perspectiva nacional-desenvolvimentista” não é uma luta que trará mudança. A escolha lexical feita mostra a leitura que é feita do FSM “luta ilegítima”: o termo “apropriar-se” pressupõe arrogar-se a posse, apossar-se ilegitimamente, se auto proclamar o que não é.

A esquerda criticada é denominada “esquerda tradicional”; “esquerda estadista e burocrática”; **“esquerda oficial”**; “esquerda que quer o **capitalismo ‘humanizado’**; que quer **‘socializar’ a mercadoria**; que quer governar o Estado”. Essas escolhas lexicais acusam a ilegitimidade dessa “esquerda” que organiza o FSM: é a esquerda “autorizada” pelo sistema, é a esquerda oficial, não a esquerda real. O uso das aspas em “capitalismo humanizado” e “socializar a mercadoria” mostra o uso com reservas dessas palavras, mostra a não concordância com o que está sendo dito. Para a esquerda radical, não é possível um capitalismo humanizado, nem é possível socializar a mercadoria. Capitalismo é incompatível com humanizado e mercadoria é incompatível com socializar. São palavras de posições ideológicas diferentes.

Em “A estrutura do Fórum é **hierárquica, verticalizada**, como há de ser esses eventos da esquerda burocrática. **Palestrantes/conferencistas de um lado, e, de outro, público espectador**. Não tem nada a ver com as nossas experiências **horizontais, democráticas**, autônomas, organizadas desde baixo” temos os traços do FSM (que se define por **“-hierarquia”/”+igualdade”**; **+ gente”/”-mercadoria”**) explicitamente negados: “A

estrutura do Fórum é hierárquico, **verticalizado**". A esquerda radical olha a esquerda "oficial" e vê nela traços de hierarquia e desigualdade: "Palestrantes/conferencistas de um lado, e, de outro, público espectador". Ao negar a esquerda "oficial" acaba por se definir: "Não tem nada a ver com as nossas experiências horizontais, democráticas (Traço: **-hierarquia**") , autônomas, organizadas desde baixo."

Em "o que eles sabem fazer são os velhos congressos de **'representantes' que não representam ninguém**, manifestações que mais parecem **'showmícios'**, campanhas eleitorais mais **estetizadas** do que as dos partidos tradicionais da burguesia.", encontramos representantes entre aspas, o que significa uma recusa da significação da palavra, afinal, para esquerda radical, não representam ninguém, não estão legitimamente comprometidos com a luta de mudança. Há um neologismo: "showmícios"; show pressupõe **palanque e platéia** (Traço '-hierarquia') vendo um **espetáculo** e não **diálogo de iguais** por luta real, **mudança social**. Continuando a comparação as campanhas eleitorais são acusadas de estetizadas e comparadas com as campanhas dos partidos tradicionais da burguesia, provavelmente numa referência ao investimento feito pelo PT contratando Duda Mendonça, que faz de campanhas um show. Esse "ethos" é recusado pela esquerda mais radical, que gosta, por exemplo, de diálogo de **iguais** numa roda, no **chão**; e não campanhas dirigidas pelo famoso publicitário Duda Mendonça, que faz verdadeiros shows na TV.

(SS-4) Coletivo Acrático Proposta, proletarizados contra a corrente (janeiro de 2002)

(SS-4a) "Se nesse momento novamente nos manifestamos pela não ida ao **espetáculo** (--hierarquia) de Porto Alegre, **versão 2002**, é também porque a trajetória histórica de nossas lutas - as lutas dos de baixo - demonstra que a participação em e a legitimação dos **espaços construídos pelo inimigo** em nosso meio, só podem servir para desviar nossas melhores energias e preparar derrotas traumáticas e sistemáticas. Todos nós desse campo **anticapitalista e anti-hierárquico** reconhecemos desde o princípio ser **o FSM um espaço do capital**.

Em S-4 o FSM II está sendo lido da mesma forma que o FSM I: **espetáculo** de Porto Alegre, **versão 2002**. Espetáculo implica algo para ser assistido e não diálogo de iguais. Nessa escolha lexical, já há a acusação de hierarquia, confirmada em "Todos nós desse campo **anticapitalista e anti-hierárquico** reconhecemos desde o princípio ser o FSM um

espaço do capital”. Esse site não considera legítima a luta do FSM, e nega o traço “-hierarquia” ao FSM. Para eles, não há como ser anti-hierárquico e capitalista ao mesmo tempo; não há como lutar por “outro mundo” e não ser contrário ao capital. Colocam-se, portanto, como inimigos dos organizadores do FSM.

Como vimos, quanto mais ‘extremista’ for a esquerda mais severa será a leitura que fará do FSM. A esquerda radical vê o FSM como seu “outro”, poderíamos dizer, parafraseando a TFP, que o FSM é visto como uma “outra perna “do neoliberalismo, por isso o FSM é lido como os mesmos traços do FEM. Tanto que em 2004, no quarto FSM, a extrema esquerda fez um “FSM paralelo” ao FSM oficial.

## Capítulo V - Análise do discurso da TFP sobre o lema do FSM: “Um Outro Mundo é Possível”. (*Interincompreensão*).

A escolha da revista *Catolicismo* para análise, como já vimos, se deu porque ela dedica um grande espaço ao FSM e apresenta uma leitura de seu discurso muito diferente da leitura feita pela mídia comercial. Por sua leitura tão singular do FSM, achamos que seria interessante estudar o discurso da TFP.

Retomaremos a seguir alguns conceitos da AD já expostos, para deixar mais clara a análise que faremos nesse capítulo.

Para Análise do Discurso Francesa (AD), o sentido não é estável, veiculado pelo significante, mas um efeito que se produz através da exploração sistemática de certos mecanismos da língua. Tal efeito resulta de uma posição do locutor e materializa uma certa ideologia.

Como veremos, o enunciador do discurso da TFP nunca “compreende” o que o FSM (seu Outro) diz, mas apenas o que ele diria se ocupasse a posição do outro, tendo a ideologia que tem.

É o que acontece quando a TFP (extrema direita católica) “faz a cobertura do evento (FSM)”. Ao falar sobre o “outro mundo” anunciado no FSM e ao descrever os participantes, os shows e as manifestações, só conseguem fazer uma leitura desse discurso em forma de **simulacro**. O conceito de *Interincompreensão* de Maingueneau dá conta de explicar a leitura “deformada” que a TFP faz do FSM.

Como veremos, o lema do FSM vai ser lido de forma radicalmente diferente pela esquerda - a quem *Caros Amigos* dá voz - e pela direita - extrema direita - representada por *Catolicismo*. Confirmando o que propõe Maingueneau, não há como a direita usar as palavras da esquerda, nem há como a direita “entender” a proposta de mudança do FSM. Ou melhor, a TFP vê proposta de mudança no discurso do FSM, mas vê um simulacro da proposta de mudança desse mesmo Fórum, que lê como “tentativa de instaurar as metas extremas de esquerda, não descartando o derramamento de sangue”<sup>33</sup>.

---

<sup>33</sup> Cf. *Catolicismo* março/2001 p.17.

## 1. O que significa a proposta do FSM: “Um outro mundo é possível”: Leitura de *Catolicismo*

Nosso objetivo aqui é caracterizar discursivamente a enunciação do que seria o “Outro mundo” (proposto pelo FSM), tal como é lido pela TFP. Tentaremos buscar os traços que organizam a Semântica global do discurso da TFP e que determinam o conjunto dos enunciados dizíveis por quem se encontra no interior desse discurso.

Nosso objetivo será, principalmente, recuperar o traço fundamental que caracteriza o “núcleo semântico” em torno do qual gira o discurso da TFP.

Passaremos, então, à análise do *corpus*, selecionando seqüências discursivas relevantes para a nossa análise.

Cada seqüência discursiva, cujos termos-chave serão colocados em negrito, será precedida por um número e pela letra C para indicar pertencimento à formação discursiva da TFP.

### Análise do *Corpus*

Texto: “Duas pernas para globalização andar?” (março/2001:17)

(C-1) “**Haveria**, de um lado, em Davos, os propagandistas da globalização, e do outro, em Porto Alegre, aqueles que a denunciam. **Porém**, a análise de algumas declarações das duas partes concernidas permite levantar a hipótese de que **os dois oponentes são, na realidade, duas pernas que nos levam ao mesmo fim**. Qual é esse fim? Parece-nos que ele se encontra bem expresso na seguinte frase que tomamos ao Prof. Plínio C. Oliveira<sup>34</sup>: “Um mundo no qual as **nações, fundidas** em uma só **República Universal**, seriam apenas **termos geográficos**, um mundo **sem desigualdades sociais ou econômicas**, **dirigido pela ciência e pela técnica**, para realizar, **sem o Sobrenatural**, a felicidade definitiva do homem”.

<sup>34</sup> Plínio C.O., *Revolução e contra-revolução*, 1ª parte, capXI.

Em C-1, *Catolicismo* se constrói ao criticar seus adversários. Ao atacar o neoliberalismo (FEM) e o “outro mundo” proposto pelo FSM, ao rejeitar os traços que vê nesses discursos, acaba reivindicando seus traços constitutivos.

Para a TFP, tanto Davos (FEM) quanto Porto Alegre (FSM) representam o Mal, são duas pernas<sup>35</sup> que nos levam ao mesmo fim indesejado: uma República Universal. As características negativas dessa república universal são: nações fundidas (as Nações seriam só ‘termos geográficos’ e não Nações autônomas); a falta de desigualdades sociais ou econômicas, ser regido pela ciência e técnica, não ser regido pelo Sobrenatural. Se “o mal”, a “República Universal” tem esses traços, estes são os traços negados pela TFP. Quais seriam então os traços reivindicados? Esperaríamos a valorização de Nações autônomas com sua cultura característica, a aceitação das desigualdades sociais e econômicas, a desvalorização da ciência<sup>36</sup> e a valorização de Deus – este sim traria a “felicidade definitiva do homem”.

Ao analisamos os enunciados da TFP selecionados abaixo, encontramos justamente as reivindicações esperadas:

(C-2) ”Esses dois pólos [FSM e FEM] parecem na prática, conjugar-se como duas pernas para apressar o advento de uma **República Universal sem pátrias**. E também sem as **desigualdades proporcionais e harmônicas oriundas da própria natureza humana** retamente concebida, **segundo os ensinamentos tradicionais da Igreja Católica, e que devem** estar presentes na estrutura de uma verdadeira cristandade . (Editorial de *Catolicismo*-março/2001 –p. 16)

Em (C-2) encontramos a **valorização das desigualdades sociais e econômicas**. A TFP defende as desigualdades sociais e econômicas, que, segundo sua semântica, trariam a harmonia (“desigualdades proporcionais e harmônicas oriundas da própria natureza humana”). Para a TFP, o que define como uma sociedade deve ser são os **ensinamentos da Igreja Católica**, que ‘devem estar presentes na estrutura de uma verdadeira cristandade’.

---

<sup>35</sup> Mais a frente, analisaremos a metáfora que é construída no artigo: temos uma ilustração de um dragão (o mal) com duas pernas (FSM e FEM).

<sup>36</sup> A briga da TFP com a ciência é antiga, afinal a ciência mostra a cada dia a não superioridade dos homens entre si e a igualdade genética da raça humana ....

Encontramos também a condenação de uma “República Universal sem pátrias”. A TFP valoriza, pois, a **autonomia das nações, com suas culturas, seus costumes preservados**.

Um artigo de *Catolicismo* (agosto de 1998: p.13) que fala sobre a função da nobreza (“Função da nobreza: manter os hábitos na família e as leis na sociedade”) faz claramente a defesa da continuidade dos antigos hábitos e costumes<sup>37</sup> “porque continuar é algo análogo a viver e mudar é algo análogo a morrer”. “Assim como os hábitos sadios de uma família devem permanecer, também as leis justas de um país, salvo grave necessidade, não devem ser mudadas. Porque alterá-las é contra a sabedoria, uma vez que a **natureza é conservadora** e procura conservar o mais possível todas as coisas”. (...) A nobreza, mais que as outras classes sociais, é a mantenedora dos costumes, das tradições. Ela vive da tradição, ela lembra um passado, e um passado que ela faz continuar no presente. Esta é sua força”.

(C-3) “Um dos pólos, o de Porto Alegre – que atrai esquerdistas de todo o gênero, parecendo clamar contra a globalização – **atua no mesmo sentido em que faz o outro**. Este, o de Davos – que atrai os que, via de regra, antipatizam com a esquerda – erige a globalização como um novo *Moloch*, ao qual devem ser sacrificados tanto as **soberanias dos Estados** quanto as **tradições e regionalismos** mais respeitáveis, apanágios da Civilização Cristã”.

Em C-3 encontramos a **valorização de Nações autônomas** com sua **cultura** característica: “[tradições e regionalismos dos Estados] apanágios da Civilização Cristã”

Tanto a TFP quanto o FSM valorizam as diferentes culturas, as tradições dos povos. Mas o que a TFP considera cultura e tradição não é exatamente o mesmo que a esquerda considera como cultura e tradição.

A TFP quer manter as tradições, mas as tradições que quer manter são as tradições vindas da antiga nobreza, as “altas” tradições. As tradições indígenas, as tradições africanas trazidas ao Brasil, não são consideradas tradições respeitáveis. Assim, sempre encontramos o traço “**hierarquia**” presente no discurso da TFP.

---

<sup>37</sup> A “ordem” da TFP é *continuar* [como era] e a “ordem” do FSM, como vimos, é *mudar* [o mundo como está], lido pela TFP como “morrer”:

Por exemplo, uma das seções de *Catolicismo* tem como título: “Brasil real: Brasil brasileiro”. O título da seção mostra que o considerado “brasileiro” do Brasil é o que tem algo de “real”. Encontramos, portanto, o traço “**hierarquia**”,<sup>38</sup> presente.

Um outro exemplo é a edição de outubro de 2000 (p.26): a revista publica um texto de Plínio Correa de Oliveira em que “denunciou a 4º revolução”. Um dos subtítulos do artigo é *IV revolução e tribalismo*. As fotos (ver anexo 1) que ilustram essa parte do artigo trazem imagens de aldeias indígenas, danças indígenas, negros num ritual de candomblé . Ao lado, um comentário relativo às fotos diz: “Um católico verdadeiro pode ver nas fotos ao lado um exemplo de aperfeiçoamento nos campos espiritual e temporal, para o qual deveria rumar a humanidade? Contudo, para clérigos progressistas, é nessa vida tribal, com seus costumes bárbaros, que se encontrará -de modo absoluto- a luz que iluminará os séculos futuros!”.

Num outro trecho do mesmo artigo, ao falar de costumes, diz: ”O desaparecimento rápido das fórmulas de cortesia só pode ter como ponto final a simplicidade absoluta (para empregar só esse qualificativo) **do trato tribal**. A crescente ojeriza a tudo quanto é raciocinado, **estruturado** só pode conduzir, em seus últimos paroxismos, à perpétua e fantasiosa **vagabundagem da vida das selvas**, alternada com o desempenho instintivo de algumas atividades absolutamente indispensáveis à vida”.

(C4) “A ocasião é bem escolhida [para realização do FSM], posto o descontentamento profundo no mundo de hoje com algumas das conseqüências da globalização, como a **perda de identidade das nações, o crescente movimento migratório e a penetração dos efeitos das crises econômicas** de certos países em muitos outros, por vezes ameaçado transforma-se numa crise geral. Porém, junto às críticas feitas à globalização, essas forças lançam violentos **ataques contra o próprio capitalismo, visando destruir seus fundamentos, que são da própria ordem natural: a propriedade privada e a livre iniciativa.** *Catolicismo* (março/2002)

---

<sup>38</sup> Na edição de agosto de 1998, o assunto escolhido foi romarias no Brasil: (...p.10) e ao trazer um histórico das romarias o que é elogiado são as ordens que “visavam a proteção dos romeiros e a defesa dos Santos lugares da Palestina” como as “Ordens militares, Ordens dos templários e as Ordens dos cavaleiros de São João - ordens altamente hierárquicas.

Em C-4 encontramos uma crítica aos efeitos do neoliberalismo, principalmente a perda de identidade das nações, que é sempre retomada quando a TFP desqualifica a globalização. Encontramos, portanto, a valorização de Nações autônomas, com sua cultura característica, e novamente a defesa das desigualdades sociais e econômicas, vistas como “naturais” (“ataques contra o próprio capitalismo, visando destruir seus fundamentos, que são da própria ordem natural: a propriedade privada e a livre iniciativa”).

(C-5) No dizer dos representantes de tais forças, o combate não é dirigido contra toda forma de globalização, mas contra a **globalização capitalista**; vêem eles até com simpatia a [globalização] de índole socialista. Os novos contestatários também querem uma **globalização, mas de tipo anarquico-tribal** que absorva as nações, acabe com as autoridades e favoreça as pequenas comunidades autogestionárias, **totalmente igualitárias**.

Em C-5 encontramos a valorização de Nações fortes, neste trecho, condenando a “globalização de índole socialista, do tipo anárquico-tribal”, que “favoreça as pequenas comunidades **autogestionárias, totalmente igualitárias**”, igualdade e falta de hierarquia, traços repudiados pela TFP.

Como já vimos, as duas “globalizações” são condenadas. Para a TFP, as duas acabam com as “tradições”, com as verdadeiras “autoridades”, com a “Civilização Cristã”. São, pois, “duas pernas de um mesmo mal”.

(C-6) “**Cientistas católicos** – geneticistas, geólogos, astrofísicos e de outras disciplinas, provenientes de diversos países europeus, inclusive Rússia, e dos Estados Unidos – reuniram-se em Roma para analisar os ‘**argumentos científicos que desqualificam o mito evolucionista**’ de Darwin, que durante um século **dominou** as mentes da comunidade científica mundial. No referido encontro, promovido pelo *Centro Kobe de estudos da Criação*, o professor Dominique Tassot, presidente do Centro francês de *Estudos e Perspectivas sobre a Ciência*, declarou que ‘o Darwinismo conseguiu demonstrar as mutações no interior de uma espécie, **mas, para o surgimento de novas espécies, não conseguiu nem provas, nem fatos**’. Numa feliz postura de bom senso, conclui o cientista: ‘É **completamente errada a atitude de alguns teólogos, que se apressam em explicar a Bíblia à luz das últimas revelações científicas. É melhor partir da premissa de que o autor da Bíblia é também o autor da criação**’ (*Catolicismo*, dezembro de 2002 p.12)

(C-7) “[Clone Humano- anúncio do médico italiano Severino Antinori] o incrível é que não se tomam medidas adequadas para que esse médico cesse de lançar seus **boatos** e de tentar uma **aventura antinatural**” (*Catolicismo*, janeiro de 2003 p.12).

O conflito da TFP com a ciência é antigo. Afinal, a ciência mostra a cada dia a não superioridade de grupos humanos sobre outros e a igualdade genética da raça humana.

Nos trechos C-6 e C-7, há um rebaixamento da ciência, cujas descobertas são consideradas como “falhas”, “antinaturais”. Segundo C-6, “o Darwinismo conseguiu demonstrar as mutações no interior de uma espécie, **mas, para o surgimento de novas espécies, não conseguiu nem provas, nem fatos**” Encontramos a antiga polêmica<sup>39</sup> entre Criacionismo e Darwinismo. Neste trecho, a TFP está desabonando o Darwinismo e condenando a “esquerda Católica” que interpreta a Bíblia à luz da ciência. Coloca, portanto, “Deus” acima da “ciência”, reforçando seus traços constitutivos. (“Numa feliz postura de bom senso, conclui o cientista: ‘É completamente errada a atitude de alguns teólogos, que se apressam em explicar a Bíblia à luz das últimas revelações científicas. É melhor partir da premissa de que o autor da Bíblia é também o autor da criação’).

Observando a semântica de base do discurso da TFP, organizada a partir desse primeiro agrupamento de seqüências discursivas (C-1/C-7), podemos verificar que a grade semântica desse discurso pode ser composta dos seguintes traços (ou de outros discursivamente equivalentes<sup>40</sup> a eles): “desigualdade (social e econômica)” “nações autônomas (tradição, cultura)”, “Deus” (mundo regido pelos **ensinamentos tradicionais da Igreja Católica**).

A partir da semântica de base da TFP, de acordo com o que vimos em Maingueneau – ao afirmarmos algo, negamos o seu contrário - podemos construir o seu correspondente antagônico, que é formado a partir das seguintes unidades lexicais: “igualitarismo”,

<sup>39</sup> Há um estudo muito interessante de Nilson Cândido Ferreira que analisa a relação polêmica entre o discurso de divulgação científica evolucionista neodarwinista e o discurso criacionista conservador. (Dissertação apresentada na UNICAMP em 2003 )

<sup>40</sup> Convém notar que não se trata da equivalência na língua, no dicionário, mas, como diz Maingueneau, (1997:150) “é preciso referir-se ao seu valor no discurso”. Por exemplo, “nações autônomas”, “cultura”, “tradições” têm o mesmo valor na leitura do FSM feita pela TFP.

“ciência e técnica” (mundo regido pela ciência e técnica), “republica universal” (sem autonomia, sem cultura e tradição).

Apresentaremos abaixo uma tabela com os traços do discurso da TFP. Propomos que os traços encontrados são os **traços fundamentais que caracterizam o “núcleo semântico” em torno do qual gira a enunciação do “outro mundo possível”**.

Tabela 5: Quadro com os traços reivindicados e traços rejeitados pela TFP

Traços reivindicados	Traços negados, rejeitados
“ <b>Desigualdade harmônica</b> ” ; “ <b>hierarquia</b> ”	<b>Igualdade</b> (lido como “Iguaritarismo”)
“Nações autônomas”: “ <b>tradição</b> ”, “ <b>cultura</b> ”	“Republica universal”: <b>falta de autonomia, cultura e tradição</b>
“ <b>Deus</b> ” (mundo regido pelos <b>ensinamentos tradicionais da Igreja Católica</b> )	“ <b>ciência e técnica</b> ” (mundo regido pela ciência e técnica)

Após o levantamento da semântica de base materializada no primeiro texto analisado, analisamos os demais textos sobre o FSM que circularam através da revista *Catolicismo* e verificamos que não foram necessários novos traços para caracterizar a semântica de base desse discurso.

Como no capítulo anterior, isso confirma que o discurso está em cada fragmento e que "em cada uma de suas enunciações, por ínfimo que pudesse ser seu objeto, o discurso investe tudo..." (Maingueneau, 1984: 58), pois "toda unidade de sentido, qualquer que seja seu tipo, pode estar inscrita em uma relação essencial com uma outra, aquela do ou dos discursos em relação aos quais o discurso de que ela deriva define sua identidade" (Maingueneau, 1987: 120).

Convém ressaltar que a enunciação ancorada nesses traços semânticos não implica, necessariamente, que esses termos, ou quaisquer outros que produzam sentidos equivalentes a eles, sejam encontrados na materialidade discursiva produzida pela TFP. Significa, sim, que mesmo quando não se materializam, esses são os traços básicos que, de

forma privilegiada, "canalizam" os sentidos produzidos pelo discurso da TFP. – especialmente os traços “desigualdade harmônica” e “hierarquia”. Como podemos verificar através dos enunciados analisados, a TFP - ao falar das características que uma nação deve ter, ao falar de como as relações sociais devem se dar, como a igreja deve ser estruturada, ao falar do que deve guiar o mundo - seleciona como traço principal: “hierarquia” e “desigualdade harmônica”.

Os traços semânticos fundamentais do discurso tefepista são, portanto, “hierarquia” (a sociedade deve ter um **estrutura hierárquica**) e “desigualdade **harmônica**”. Hierarquia implica desigualdade. Para Catolicismo, é necessária uma desigualdade sem revolta, o rico tem que ser “caridoso” na sua “superioridade” e o pobre tem que ser “grato” e reconhecer sua inferioridade, daí a “harmonia”: cada um sabe “o seu lugar” e o aceita. A luta de classes, a luta por direitos iguais, a consciência política só atrapalham a “harmonia” do grande formigueiro humano que deve ser a sociedade, com grande maioria de formigas operárias que obedecem a formiga rainha. Da mesma forma funciona a sociedade das abelhas<sup>41</sup>. Como também a lei da selva, com o Leão rei entre os animais.

Sendo esses os traços constitutivos de sua semântica, a TFP não pode aceitar nem o discurso do FSM, nem o discurso do FEM.

O FSM, como vimos no capítulo anterior, tem como traço principal a igualdade, palavra repudiada pela TFP. Se, para TFP, a desigualdade traz a ordem, traz a harmonia, a luta pela igualdade não pode ser aceita, a luta pela igualdade traz a desarmonia, a “subversão”, a “baderna”.

Vejamos como a proposta de uma sociedade que busque a igualdade (“outro mundo” proposto pelo FSM) é lida:

“FSM de Porto Alegre: **laboratório da subversão**” (*Catolicismo*, fevereiro de 2001: p.10)

(C-8) “Quando uma **prolongada ovação saudou a delegação comunista cubana** e “palavras-de-ordem” foram se sucedendo – acompanhadas por uma platéia eufórica, **em favor dos guerrilheiros zapatistas do México e da narco-guerrilha FARC da Colômbia** -, tornou-se evidente qual era esse “**Outro mundo**” de **tonalidade carregadamente vermelha**, desejado por boa parte dos assistentes”

---

<sup>41</sup> No cap. ? analisaremos um livro recomendado por Catolicismo: “O mundo das abelhas”

(C-9) “Cerca de 1500 ONGS, de cunho nitidamente esquerdistas, reuniram-se ali **para** pregar as metas socialistas e comunistas mais extremadas, das quais não estava afastada a hipótese de um derramamento de sangue para tomar o poder no Brasil”.

No enunciado C-8, encontramos **a tradução** que a *Catolicismo* deu para o enunciado “outro mundo possível”, do FSM: uma referência às forças “não democráticas”, de esquerda (que usam bandeiras vermelhas) que, para a TFP, desejam tomar o poder no Brasil e instaurar **o comunismo**.

No enunciado C-9, encontramos o que seria **o objetivo** do FSM: “pregar as **metas socialistas e comunistas** mais extremadas”, “não afastando a hipótese de derramamento de sangue”.

Nos dois enunciados seguintes, que também se ocupam de definir o FSM, encontramos uma forte crítica à luta por uma maior igualdade, palavra repudiada pela TFP.

(C-10) “(O FSM) Tratou-se de uma “semana de estudos” que visou congregar seus participantes num determinado espírito – “o espírito de Porto Alegre” – e encontrar novas fórmulas que levem **à vitória a revolução do igualitarismo em nível mundial ou “planetário”**, como diziam.” (*Catolicismo*, março/2001 p.25).

(C-11) “FSM: uma nova Internacional Socialista? Após quatro Internacionais de trabalhadores de cunho socialista, parece estar surgindo em Porto Alegre uma quinta, com uma carga revolucionária e **igualitária** mais radical do que a das Internacionais anteriores.” (*Catolicismo*, março/2001 p.25).

A TFP alerta aos leitores sobre o perigo que representa o FSM: “encontrar novas fórmulas que levem **à vitória a revolução do igualitarismo em nível mundial**”; “carga revolucionária e **igualitária** mais radical do que a das Internacionais anteriores”. Estão, pois, **condenando** a busca da **igualdade**.

Como vimos, a TFP abomina a igualdade entre os homens e defende uma hierarquia na sociedade, que seria, assim, **harmônica**. A sociedade humana, como a sociedade das formigas e abelhas, só funciona bem (em harmonia) se tiver desigualdade, que é vista como

natural. Tudo **que sugere busca de um sistema mais justo, busca de mais igualdade é condenado** pela TFP, que defende uma sociedade hierárquica e não condena as grandes desigualdades sociais.

O discurso do FEM, que defende as **economias globalizadas**, à sua maneira também inclui o traço “igualdade”. Defende uma economia globalizada que teria como efeito colateral a homogeneização das culturas.

Para TFP (**tradição**, família e propriedade), as famílias, as elites é que são detentoras da tradição, dos costumes, altamente valorizados pela TFP: “As desigualdades de nascença são desejadas por Deus, sendo legítimos tanto o paternalismo exercido pela nobreza junto a outras classes, quanto sua função de mantenedora dos costumes” (*Catolicismo* - Agosto/1998 p.12).

Ao efetuarmos uma análise do que representa a globalização, encontramos como característica dessa nova ordem a dissolução de fronteiras nacionais, a homogeneização de hábitos e costumes, fortes obstáculos para preservação das culturas nacionais e locais.

Vejamos abaixo algumas “análises” do que representa a globalização. Todas foram extraídas de manuais didáticos que apresentam aos leitores as características do mundo globalizado. Em todas as definições encontraremos a globalização associada a dissolução de fronteiras nacionais e a homogeneização, seja de modelos tecnológicos, seja de modelos de consumo:

“Em nosso período, o da **mundialização**, o **mercado passa a ser mundial, dissolvendo os mercados nacionais num todo maior**. Podemos afirmar que há uma certa **dissolução de fronteiras nacionais**. Na mundialização da economia tem papel decisivo as chamadas **Corporações Transnacionais** e os Estados Nacionais, que instituíram políticas que favoreceram essa expansão.

Temos como **conseqüências da mundialização** da economia a **padronização dos modelos tecnológicos e a padronização dos modelos de consumo**”.

(*Geografia econômica do mundo moderno*, p.33 – Jaime Oliva e Roberto Giansanti – Ed atual editora).

“A globalização traz uma certa **uniformização de hábitos**: em qualquer região do planeta, atualmente as pessoas cada vez comem nas mesmas cadeias de fast food, bebem os mesmos refrigerantes, vestem

Jeans, ouvem musicas semelhantes e assistem aos mesmos filmes **o que interfere na preservação das culturas nacionais e locais**".

(*Sociedade e Espaço William Vesentini* Ed. Atica p. 69-).

"A globalização trouxe com ela a revolução nas comunicações que influencia a política e os valores em todo o mundo, Num mundo com mais de 800 milhões de aparelhos de televisão, **os telespectadores são consumidores tanto de notícias e idéias, quanto de produtos comerciais**".

( *Preparando para o século XXI*, Kennedy, Paul -R.J., Campus, 1993: p.58).

A dissolução de fronteiras nacionais, conseqüência da economia neoliberal, é lida por *Catolicismo* como: "sacrifício tanto das soberanias dos Estados, quanto das tradições e regionalismos mais respeitáveis, apanágios da civilização cristã". Para *Catolicismo*, as Nações, ao perderem sua soberania, perdem suas tradições, perdem seus traços singulares. Ao perder seus traços de identidade, ao perder as tradições, as nações se "igualam", e igualdade é um traço rejeitado pela TFP.

Em outras palavras, tanto o FSM ("outro mundo possível") quanto o FEM ("mundo como está" - neoliberalismo) querem uma globalização: o primeiro, globalização das riquezas, sociedade igualitária; e o segundo, uma globalização que quer eliminar fronteiras – os dois, para *Catolicismo*, são "duas pernas para apressar o advento de uma República Universal".

Depois de explicitar os traços principais que caracterizam o discurso da TFP e de identificar os dois discursos aos quais *Catolicismo* se opõe, vejamos, resumida na tabela a seguir, a leitura que a TFP faz do FSM e do FEM: "duas pernas de um mesmo mal".

Tabela 6 - Leitura feita pela TFP do mundo neoliberal (defendido pelo FEM) e do “outro mundo” proposto pelo FSM

Aspectos considerados:	TFP (mundo como deve ser)	“Mundo como está” (neoliberalismo) lido pela TFP	“Outro Mundo possível”(proposto pelo FSM) lido pela TFP
Caracterização das Nações	Nações fortes – elogio aos <b>regimes monárquicos</b>	Nações fundidas <sup>42</sup> - neoliberalismo	Nações fundidas <sup>43</sup> metas comunistas e socialistas mais extremadas/anarquia
Caracterização das Relações sociais	<b>Hierárquicas</b> mas com <b>caridade</b> (Desigualdade harmonica)	Relações sociais regidas pela globalização	Luta por “igualitarismo”
Caracterização da Igreja	igreja <b>hierárquica</b>	pagão	Esquerda católica-sem hierarquia
O que deve reger o mundo	Aceitação total dos “mistérios da fé” – <b>Deus está acima da ciência</b>	Mundo movido pela ciência	Ciência/fé: Ex teólogos tentando explicar a origem do mundo segundo a ciência – condenação da TFP

Ainda verificando a realização da semântica de base da TFP, outros textos confirmam nossa hipótese de que os poucos traços da semântica de base da TFP dão conta de todos os enunciados selecionados. Como diz Maingueneau (1984:29): “Qualquer que seja o domínio semântico ao qual pode ser confrontado, o enunciador dispõe de um sistema simples e muito fortemente estruturado. O enunciador se encontra sem cessar diante de materiais semânticos inéditos; para produzir enunciados conformes à formação discursiva, ele não

<sup>42</sup>Globalização capitalista: “Erigem a globalização como um novo moloch, ao qual devem ser sacrificados tanto as soberanias dos Estados quanto as tradições e regionalismos mais respeitáveis, apanágios da civilização cristã”.

<sup>43</sup> globalização de índole socialista- globalização anárquico-tribal que absorva as nações, acabe com as autoridades e favoreça as pequenas comunidades autogestionárias, totalmente igualitárias

dispõe de seqüências realizadas que deveria imitar, mas de regras que lhe permitem filtrar as categorias pertinentes e fazer-lhe estruturar o conjunto dos planos do discurso. Longe de serem índices de seu ‘irrealismo’, a simplicidade dos modelos de competência seria a condição de sua capacidade de ter imediatamente **resposta a tudo** no interior de um universo de sentido consistente”. Como veremos no próximo capítulo, a semântica global do discurso tefepista se materializa em vários gêneros e em vários sistemas semióticos.

## 2. Enunciados que demonstram a realização dos traços da TFP.

Selecionamos outros enunciados da TFP sobre o FSM que confirmam a semântica de base da TFP:

(C-12) **“As agitações e o quebra-quebra realizados por movimentos de extrema esquerda em Seattle (EUA) e Göteborg (Suécia), e em Gênova (Itália) por ocasião da reunião dos chefes de Estado do G-8, chamaram a atenção da opinião pública mundial para um fenômeno que vinha despontando nos últimos três anos.**

**Bem observado o fenômeno, contata-se que a globalização serve de pretexto para formar, impulsionar e articular tais grupos, que vão constituindo nova, possante e perigosa rede internacional de esquerda de cunho anarquista, cujo pensamento e sistema foi delineado pelas intervenções e documentos publicados no I Fórum Social Mundial (FSM), realizados em Porto Alegre em janeiro de 2001.**

**O ensaio, objeto deste artigo, denuncia esse esforço mundial para criar uma nova Internacional Comunista, desde já denominada nos meios de esquerda radical de Internacional Rebelde. De fato, é o próprio comunismo que ressurgiu, porém metamorfoseado. Levando como companheira de viagem a “esquerda católica”, tais forças procuram se recuperar do trauma sofrido com a queda do império soviético, para se reagrupar e passar à ação.”** (Catolicismo, fevereiro de 2002:p. 13)

Em (C-12), no primeiro parágrafo, as importantes manifestações de movimentos sociais são denominadas de forma pejorativa “agitações e quebra-quebra”. Se para a TFP a desigualdade traz a ordem, traz a harmonia, a luta pela igualdade não pode ser aceita, a luta pela igualdade traz a desarmonia, a “subversão”, a “baderna”. E essas manifestações chamaram a atenção da opinião pública mundial para um “fenômeno” que vinha

despontando nos últimos três anos: “formação da nova internacional”(“V internacional”). Como já vimos, toda manifestação que luta a favor de mais igualdade é vista como “anárquica”, tentativa de uma nova “internacional comunista”, mesmo que só a esquerda radical tenha a proposta de instauração de “metas socialistas e comunistas extremadas”.

No segundo parágrafo, como já foi anunciado no editorial que analisamos (março/2001), a luta contra a globalização é caracterizada como um “**pretexto** para nova Internacional”, que é vista como: possante, perigosa, de cunho anarquista. Pretexto pressupõe farsa, razão aparente, desculpa. Então a luta verdadeira é outra: socialismo.

Segundo o terceiro parágrafo, o objetivo do ensaio é uma “denúncia”. Se há um denuncia, há uma “crime”, Catolicismo se coloca como delatora de uma conspiração da esquerda radical que faz ressurgir o comunismo, mas metamorfoseado, e esse é o perigo. Para TFP, o FSM representa a V internacional.

Na leitura do FSM 1, *Catolicismo* já o caracterizava como a “V internacional socialista”, como se pode ver no texto: “FSM: uma nova Internacional Socialista?” (*Catolicismo*, março/2001: p. 15): “Após quatro Internacionais de trabalhadores de cunho socialista, **parece estar surgindo** em Porto Alegre uma quinta, com uma **carga revolucionária e igualitária mais radical do que a das Internacionais anteriores.**”

Como vemos, já havia uma forte crítica à proposta de maior **igualdade**, traço repudiado pela TFP. Na leitura do FSM 2, como vimos, a denominação “V internacional” é retomada e enfatizada.

Para TFP, o FSM 2 “finge” só lutar contra o neo-liberalismo (que também é, de certa forma, luta da TFP), mas, na verdade, o FSM é contrário ao Capitalismo – propriedade – cerne da sociedade que é “naturalmente desigual”. Essa é a “denúncia” feita por *Catolicismo*.

(C-13) A ocasião é bem escolhida, posto o descontentamento profundo no mundo de hoje com **algumas das conseqüências da globalização**, como a perda de identidade das nações, o crescente movimento migratório e a penetração dos efeitos das crises econômicas de certos países em muitos outros, por vezes ameaçado transforma-se numa crise geral. Porém, junto às críticas feitas à globalização, essas forças **lançam violentos ataques contra o próprio capitalismo**, visando destruir seus fundamentos, que são da própria **ordem natural**: a propriedade privada e a livre iniciativa.

No dizer dos representantes de tais forças, o combate não é dirigido contra toda forma de globalização, mas contra a **globalização capitalista**; vêm eles até com simpatia a de índole socialista. Os novos contestatários também querem uma globalização, mas de tipo anárquico-tribal que absorva as nações, acabe com as autoridades e favoreça as pequenas comunidades autogestionárias, totalmente igualitárias. *Catolicismo* rejeita o falso dilema, muito repetido pela mídia, de que é preciso optar entre “global” e “não global”. Como veremos, entrar nesse debate tomando posições de um lado ou de outro, sem as devidas ressalvas, já é aceitar o falso dilema e se deixar confundir por ele. (*Catolicismo*, março de 2002, p16)

Como já foi visto, *Catolicismo* tem como Outro tanto o FSM quanto o FEM. Em C-13, primeiro parágrafo, no enunciado “algumas das conseqüências da globalização, como a perda de identidade das nações, o crescente movimento migratório e a penetração dos efeitos das crises econômicas de certos países em muitos outros, por vezes ameaçando transformar-se numa crise geral”, *Catolicismo* aparentemente<sup>44</sup> defende causas comuns ao FSM, numa condenação ao FEM: “compartilham” as críticas da esquerda, como a perda de identidade das nações. Mas uma importante luta do FSM – luta por maior igualdade – é completamente condenada por *Catolicismo*, conforme vemos na segunda parte do enunciado: “Porém (...) essas forças lançam violentos ataques contra o próprio capitalismo, visando destruir seus fundamentos, que são da própria ordem natural: a propriedade privada e a livre iniciativa.”. O pressuposto é que a propriedade privada e a livre iniciativa são de ordem natural das sociedades. Não deveriam, pois, ser condenadas.

No segundo parágrafo, há uma generalização: todos os participantes do FSM são contra o capitalismo e por isso favoráveis ao socialismo. Querem uma “globalização anárquico-tribal”. Como já vimos, o FSM é composto por várias matizes da esquerda e nem todas são contrárias ao capitalismo, todas são contrárias ao imperialismo norte americano.

No terceiro parágrafo, encontramos a mesma leitura feita do discurso do FSM 1: “FEM ou FSM? Falso dilema”. Encontramos novamente a idéia da metáfora utilizada na descrição do FSM I: para TFP, na verdade, os dois fóruns representam “duas pernas de um dragão”.

---

<sup>44</sup> Como já vimos, tanto a TFP, quanto o FSM valorizam as diferentes culturas, as tradições dos povos. Mas o que a TFP considera cultura e tradição não é exatamente o mesmo que a esquerda considera como cultura e tradição.

(C-14) A Internacional Rebelde, ameaça real; papel vital da “esquerda católica”

“A Internacional Rebelde deve ser vista sob dois ângulos **distintos e complementares**.

De um lado, enquanto **reedita os erros do comunismo clássico**, ela constitui uma força essencialmente contrária à propriedade privada e à livre iniciativa, portanto anticapitalista, procurando exacerbar o confronto Norte-Sul.

De outro lado, traz **elementos novos**, carregados por movimentos ecológicos, indigenistas e outros, que já falam de anarquia, caos e misticismo revolucionário. O que, embora menos definido nos documentos da nova internacional, é entretanto o que lhe confere mais dinamismo e capacidade de arrastar as suas bases.

O FSM é denominado “V Internacional Rebelde”. Para a TFP, essa internacional é adjetivada como “rebelde”, ou seja, teimosa, indomável - o que está de acordo com a metáfora que será analisada mais adiante: “Assim como certos rios se afundam na terra, correm subterrâneos e mais adiante voltaram à superfície, o comunismo deveria necessariamente reaparecer; não idêntico ao que era, mas metamorfoseado, requintado até.” Plínio Corrêa de Oliveira já havia “previsto” que os comunistas voltariam, mas com nova cara, com “requite”. Conforme diz a TFP, a V Internacional tem dois ângulos distintos e complementares: um “reedita os erros do comunismo clássico”; se reedita os erros é porque, para TFP, houve erros no comunismo “clássico”. O outro traz elementos novos (movimentos ecológicos, indigenistas, anárquicos e misticismo revolucionário), portanto não existentes no “comunismo clássico”, daí o requinte e o perigo que representa o “comunismo metamorfoseado”, que confere mais dinamismo e capacidade de arrastar as suas bases. Para a TFP, dentre os “elementos novos” do “comunismo metamorfoseado”, há o “misticismo revolucionário” que é uma referência à esquerda católica. A esquerda da igreja Católica sempre que é mencionada por *Catolicismo* vem entre aspas: para TFP não existe esquerda católica. O que eles defendem é o verdadeiro catolicismo. O que a ala esquerda defende é “misticismo revolucionário”.

Como já vimos, o inaceitável para semântica de *Catolicismo* é a igualdade. Na leitura feita pela TFP, o “novo mundo possível”, a “nova ordem social” é a volta do comunismo/socialismo, mas metamorfoseado, requintado, até mais perigoso por não mostrar sua “verdadeira cara”.

(C-15a) “Fatores contingentes de atualidade levaram o Fórum Social a vestir capa de moderação, acentuada ainda pela mídia. Contudo, **aspectos salientes** do evento revelaram uma radicalidade revolucionária de cunho anarquista, que faz lembrar o clima paroxístico (‘radical’) da Sorbonne, em maio de 1968”. (Catolicismo. Março/2002: p.13).

Como veremos a seguir, a TFP vai olhar para o FSM e lê-lo partir de sua semântica, como propõe a hipótese de Maingueneau, para explicar o simulacro que um discurso faz de seu antagonista. Vejamos quais são os “aspectos salientes” que são “denunciados” pela TFP:

(C-15b) “No meio do trajeto, um magote de 150 membros (dos quais 50 crianças) do chamado MNLM (Movimento Nacional de Luta pela Moradia) **invadiu** o prédio Sul América, na Av. Borges de Medeiros, no centro da cidade. Os **invasores** não foram desalojados! Reivindicaram evidente de reforma urbana “na marra”. Aproveitando o ensejo, também um grupo de metalúrgico anunciou que iria “**ocupar**” uma fábrica durante o Fórum: Reforma empresarial! É oportuno lembrar aqui o pensamento do Prof. Plínio Corrêa de Oliveira, de que as três reformas (Agrária, Urbana e Empresarial) constituem a essência do regime comunista.

Os manifestantes chegaram ao auditório Pôr-do-Sol por volta das 19:30 h, e aí começou um **show** que durou mais de duas horas. Enfadonho, o programa entremeava discursos (Olívio Dutra foi um dos oradores) com **sessões de animação**, entre as quais uma espécie de “ciranda” organizada por estudantes argentinos. Notava-se já um **aspecto circense** que iria comunicar, juntamente com outros fatores, uma **nota light** ao Fórum. Diferentemente do ano passado, quando uma **atriz semi-nua** declamou **versos de cunho libertino-anarquista** do uruguaio **marxista** Eduardo Galeano.

A conferência, **soporífera**, foi transmitida por telões para diversas salas da PUC. **Muita gente dormiu a sono solto**” (Catolicismo. Março/2002: p.13).

Em C-15b, encontramos as manifestações (MNLM - Movimento Nacional de Luta pela Moradia; grupo de metalúrgicos) durante o FSM lidas como invasões “na marra”. Ocupação entre aspas (em “ocupar” uma fábrica) mostra o estranhamento da palavra para a formação discursiva da TFP. Para a TFP, não há uma ocupação, há uma invasão que mostra a real finalidade do FSM: Reforma urbana e Reforma empresarial – para TFP, as três

reformas (Agrária, Urbana e Empresarial) constituem a essência do regime comunista. Ao visarem a igualdade, para Catolicismo, visam a desordem, a baderna.

O evento que ocorreu no auditório Pôr-do-Sol (discursos de abertura) é lido como “uma nota light” do Fórum e denominado de “show”. A esquerda radical também chama o FSM e seus eventos de show porque lêem o FSM como uma farsa, uma representação e não uma luta efetiva contra o capital. Para a TFP, o “show” do FSM também é um disfarce, é uma “nota light” para esconder o real interesse do FSM: implantar o comunismo, o igualitarismo. No FSM I não houve disfarce: uma atriz semi-nua<sup>45</sup> declamou versos de cunho libertino-anarquista do uruguaio marxista Eduardo Galeano.

Em C-15b, encontramos só aspectos desfavoráveis mostrados na descrição do evento: “programa enfadonho”; “aspecto circense do evento”; “conferência soporífera”; “muita gente dormiu a sono solto.” No léxico utilizado para descrição do evento, encontramos, na reprovação do que foi visto, o traço principal da TFP “+hierarquia”): o show ocorrido no auditório Pôr-do-Sol tem um “aspecto circense”. Circo é popular, armado no “chão” de terra batida. Os eventos da TFP, como veremos no cap. 6., têm pompa, acontecem em auditórios e todos os tefepistas vão rigorosamente trajados com as vestes da TFP, que trazem um Leão dourado, símbolo da TFP.

(C-16) (a) “Na tarde do dia 4, desta vez no Acampamento da Juventude, **o francês Michel Löwy**, membro da **IV Internacional**, em sua exposição sobre “Cristianismo e Revolução”, ressaltou o papel primordial insubstituível do “cristianismo revolucionário” na formação dos líderes da esquerda, tanto no Brasil quanto na América Latina.(...) Pronunciada **sob uma tenda**, a palestra atraiu cerca de 50 estudantes, rapazes e moças, **todos sentados no chão de terra batida, à maneira indígena**”.

(b) (...)A nota “**hippie**” era dominante no acampamento (Acampamento da Juventude). Via-se de tudo por lá: pessoas **deitadas sobre o mato ou dormindo sob árvores** no calor da tarde, e lavando-se **sumariamente nas poucas torneiras disponíveis**. Por toda a parte **rapazes sem camisa**, aqui e lá jograis fazendo piruetas, gente conversando de **modo descomposto**, debatendo, discutindo, divertindo-se de qualquer jeito. Enquanto isso, no centro do acampamento, alto-falantes difundiam mensagens de teor **revolucionário**, convidando para oficinas ou convocando para manifestações. Dir-se-ia uma amostra **anarco-tribal** da sociedade futura almejada pela **Internacional Rebelde**.

---

<sup>45</sup> Como veremos no capítulo VI, o ethos da TFP está de acordo com o traço que rege sua semântica global. As roupas, a postura que uma mulher deve ter é incompatível com o “show” a que estavam assistindo.

Havia muita **sujeira por todo lado, e a higiene era mínima**. Em certas partes do acampamento o **mau cheiro** tornava-se nauseabundo. Havia poucas duchas, instaladas ao ar livre e usadas por pessoas em **trajes sumários**".

Na descrição dos eventos ocorridos no acampamento da juventude também percebemos uma leitura que mostra o traço principal da TFP (**+hierarquia**): em C-16 os aspectos em destaque mostram a reprovação ao "*ethos*" do evento: palestra sob uma tenda; sentados no chão de terra batida, à maneira indígena; pessoas deitadas sobre o mato ou dormindo sob árvores; trajes sumários ao tomar banho nas poucas torneiras disponíveis, rapazes sem camisa; gente conversando de modo descomposto; muita sujeira por todo lado, higiene mínima.

Os eventos da TFP, como veremos no cap.6., têm pompa, acontecem em auditórios e todos os tefepistas vão trajados rigorosamente.

Em C-16a, encontramos marcações significativas: quem proferiu a palestra, Michel Löwy, é francês e membro da IV Internacional. Todos conhecem a tradição e história de luta da França. , Além de francês, Michel Löwy é membro da IV Internacional. Para TFP, o FSM representa a V Internacional.

Para terminar a descrição dos aspectos salientes, em C-16b encontramos: "No centro do acampamento, alto-falantes difundiam mensagens de teor revolucionário, convidando para oficinas ou convocando para manifestações. Dir-se-ia uma amostra anarco-tribal da sociedade futura almejada pela Internacional Rebelde".O "novo mundo" (proposto pelo FSM) visto pelas lentes da TFP é a proposta de anarquismo. Todas as correntes de esquerda são ignoradas e, para TFP, a real proposta do FSM é o "anarquismo, com um misto de comunismo e ecologismo", como vemos no trecho a seguir: "Retomam a bandeira negra do anarquismo, procurando ir além de Marx e de Lênin , num misto de comunismo e ecologismo que parece exalar do fundo dos infernos". Para a TFP, como vimos, a desigualdade é abençoada por Deus, lutar contra a desigualdade é luta que vem do "fundo dos infernos".

(C-17) “Em seu avanço, os **novos contestadores** procuram **completar e radicalizar a demolição** – que os **globalizantes já iniciaram** – das **autoridades legítimas e das estruturas naturais**, desde a família até o Estado, passando pelos corpos intermediários orgânicos, como grupos sociais, municípios, regiões etc.

(...) Assim, o verdadeiro caminho para melhorar as condições de vida dos necessitados, como para ordenar toda a sociedade, **não está** em “revoluções pseudo-messiânicas” que visam, na verdade implantar um **igualitarismo desumano e antinatural**, com a **desculpa** de acabar com a pobreza: **“Pobres, sempre os tereis entre vós”** (Jô 12,8), disse Nosso Senhor increpando Judas.

Em C-17, encontramos a confirmação da leitura dos dois fóruns como parceiros: “os globalizantes” (FEM) – antigos contestadores - já iniciaram a demolição das autoridades legítimas e das estruturas naturais, e o FSM veio para completar e radicalizar essa demolição.

Ainda em C-17, a TFP conclui que o verdadeiro caminho para melhorar a vida dos necessitados e ordenar a sociedade, não é o que o FSM propõe (que é lido como “revoluções pseudo-messiânicas”). Se o verdadeiro caminho não é o que o FSM propõe, há o verdadeiro caminho que quer melhorar (e não igualar) a vida dos necessitados e ordenar (e não igualar) a sociedade. Em “implantar um igualitarismo desumano e antinatural” o pressuposto é que o natural na sociedade é a desigualdade. **Ordem (harmonia), hierarquia (desigualdade)** - traços principais da TFP, que portanto é a que indica o verdadeiro caminho.

(C-18) “Ao contrário do Fórum de 2001, onde se manifestou **abertamente** um espírito revolucionário radical, o Fórum de 2002 apresentava uma **aparência** nitidamente moderada. No ano passado, o painel do último dia contou com a presença de Stédile, líder do MST, falando claramente de revolução social, de derrubada de cercas, de Reforma Agrária radical e imediata, tudo isso numa linguagem que procurava ser “arreatadora”. Neste ano discutiu Rigoberta, sem nenhuma capacidade de arrastar, e muito menos de empolgar.

Contudo, o aspecto moderado deste II Fórum foi apenas aparente, tendo velado sua radicalidade como uma **luva de pelica** pode **esconder mão de ferro**. Por exemplo, no Acampamento da Juventude estavam presentes representantes do movimento guerrilheiro colombiano das FARC. Um de seus comandantes participou de uma oficina e chegou mesmo a prestar declarações à imprensa. A direção do Fórum logo saiu a campo para dizer que as FARC não havia sido convidadas, assim como todo movimento que empregue a violência como meio de ação. Seja como for, as FARC lá estavam, como também uma nutrida delegação de cubanos. E que nos conste, não foram convidados a sair.

Por fim, a **radicalidade de doutrina e metas** ficou patente no material fartamente distribuídos: jornais, revistas e livros abordando os mais diversos temas do espectro ideológico da esquerda; além de folhetos de movimentos pró-abortistas, de homossexuais etc.”

Concluindo a análise do que representou o FSM 2 para *Catolicismo*, encontramos uma comparação entre os dois fóruns, que mostra que os dois foram lidos da mesma forma:

Em “Ao contrário do Fórum de 2001, onde se manifestou abertamente um espírito revolucionário radical, o Fórum de 2002 apresentava uma aparência nitidamente moderada”, há o FSM I lido como radical abertamente e o FSM II como só aparentemente moderado, então também há o espírito revolucionário radical, mas encoberto. Este é o “perigo” “denunciado” pela TFP.

A metáfora/comparação “como uma luva de pelica pode esconder mão de ferro”, como veremos melhor adiante, está de acordo com a avaliação feita do FSM II: espírito revolucionário radical, mas encoberto.

Os exemplos escolhidos para mostrar o “radicalismo” do FSM são todos da esquerda mais extremada, a presença da esquerda moderada foi esquecida: “presença de representantes do movimento guerrilheiro colombiano das FARC”; “nutrida delegação de cubanos”; “radicalidade de doutrina e metas ficou patente no material fartamente distribuído: jornais, revistas e livros abordando os mais diversos temas do espectro ideológico da esquerda”.

Após a análise que comprovou que a semântica de base proposta para a TFP é adequada, analisaremos algumas metáforas utilizadas nesse discurso para caracterizar o FSM e seu “parceiro”, o FEM.

Os traços fundamentais da TFP que caracterizam seu sistema de restrições semânticas globais restringem o vocabulário, temas, intertextualidades, e, obviamente, as metáforas. Analisaremos as metáforas escolhidas para legitimar o discurso da TFP e encontraremos imagens que realizam seus traços.

### 3. Metáforas usadas pela TFP para se caracterizar e para caracterizar o FSM e o FEM.

Como vimos, para Maingueneau, o interdiscurso é regido por um sistema de restrições semânticas globais que se manifesta pelo fato de valer para todos os “planos” discursivos. Vejamos a coerência entre as metáforas empregadas e a semântica da TFP.

Alguns enunciados que contêm metáforas foram selecionados para ajudar a entender a leitura que *Catolicismo* faz do FSM e também do FEM. Veremos que em todas as metáforas o principal traço da TFP – “**hierarquia**” – estará presente. Devido a esse traço, toda proposta que, de alguma forma, esbarra em igualdade é condenada.

1- A análise da capa (cf. anexo 2) da revista *Catolicismo* (março/2001) nos ajuda a identificar que sentido esse discurso atribui ao FSM (“outro mundo possível”) e ao FEM (“mundo como está”): “Davos *versus* Porto Alegre. Inimigos recíprocos ou cúmplices na trama contra a Cristandade?”.

A simbologia da capa de *Catolicismo* merece um comentário especial: em cima, duas mãos se chocando (fazendo referência ao enunciado “inimigos recíprocos”); em baixo, duas mãos se cumprimentado (fazendo referência a “cúmplices”, leitura de catolicismo: “duas pernas de um mesmo mal”).

De um lado, simbolizando Davos, há uma mão limpa, terno, camisa com abotoadura; de outro, simbolizando o FSM, não há nem terno nem camisa, mas uma mão suja com unhas sujas. Embora os dois (Davos e FSM) sejam malvistas pela revista *Catolicismo*, fica desenhado, pela imagem de capa, que o FSM tem como representantes pessoas “do povo”, “da terra”, que ocupam posição inferior na hierarquia social, tão valorizada por *Catolicismo*. Já o FEM tem como representantes pessoas que ocupam posição superior na hierarquia social (não mexem na terra, mandam, são donos das terras) – considerada “natural”. O problema do FEM não é a desigualdade social crescente que provoca, **com suas decisões mercadológicas**; é não preservar a tradição, os costumes, ou seja, **homogeneizar as nações**.

O neoliberalismo é um discurso opositor recente para TFP e não seria condenado se só trouxesse uma grande desigualdade social; é condenado porque traria também a

homogeneização das nações. Já a luta por um outro mundo é antiga; a TFP sempre teve a esquerda como seu Outro.

2- O título de um dos textos escolhidos para análise (março/2001:13) - “**FSM** de Porto Alegre: **laboratório** da subversão” – emprega uma metáfora de “outro mundo” que mostra a leitura de *Catolicismo* diante de qualquer evento que lute por mais igualdade:

A metáfora laboratório/FSM tem como traço comum a “criação”, o “desenvolvimento” (da subversão). Laboratórios cujo produto é a subversão são “subversivos”, querem “tomar o poder”.

3- Ainda no texto “FSM de Porto Alegre: laboratório da subversão”, ilustrando a página, encontramos a figura de um dragão (cf. anexo 3), cujas pernas são o FSM e o FEM. Essa metáfora faz parte da semântica que faz *Catolicismo* ler o FSM e o FEM como representantes do mal (um dragão / a globalização - o mal; as duas pernas / FSM (globalização das riquezas) e FEM (globalização dos mercados, das fronteiras, fim das tradições e da cultura de cada povo).

4- “Mãos **de ferro** em luvas de **pelica**” (Avaliação que *Catolicismo* fez do segundo FSM):

Encontramos nessa metáfora, que sugere que por traz da aparente maciez da pelica há a rigidez do ferro, a leitura feita por *Catolicismo* com os traços da extrema direita ‘+hierarquia’): quem luta por mais igualdade (sendo que dentre os participantes do FSM existem os que não são contrários ao capitalismo) é lido como ferrenho defensor do fim da propriedade privada. *Catolicismo* olha para o FSM e não vê matizes da esquerda: todos lutam por mais igualdade, então são todos “anarco-comunistas”, alguns disfarçados.

5- No editorial da edição de fevereiro, ocorre uma definição metafórica do que representou o segundo FSM:

“Na presente edição, oferecemos-lhe um tema bem atual e candente como matéria de capa: o **renascimento da luta de classes, a pretexto do combate à globalização**, empreendido por **contestadores de cunho anarquista**. (...)Em nossa edição de março ultimo, a matéria de capa já se

ocupava da mesma problemática, analisando amplamente um evento realizado entre 25 e 30 de janeiro do ano passado, em Porto Alegre: o I Fórum Social Mundial. (...) Trata-se, em última análise, do **prosseguimento** de uma **nova e vigorosa** investida contra os vestígios de Civilização **Cristã ainda** existentes em nossa época. (...) **Acobertada por tal cortina de fumaça** – este é o dado principal – volta à cena a **velha luta de classes marxista**, embora em novas bases. Denunciar tal **manobra** e alertar nossos leitores contra a **neo-revolução anárquica em curso**, eis o objetivo visado por essa importante colaboração, além de instar todos a se empenharem na **defesa dos sagrados valores da Civilização Cristã**” (*Catolicismo*, Fev. 2002:p.11).

Nesse trecho, o FSM II é lido da mesma maneira que o FSM I. Como todas as lutas das esquerdas, representa uma “tentativa de destruição dos sagrados valores da Civilização Cristã”. Para TFP, como vimos, as desigualdades são proporcionais, harmônicas, oriundas da própria natureza humana e retamente concebidas pela doutrina católica; a sociedade é naturalmente desigual e hierárquica. O FSM vai contra esses “sagrados valores”<sup>46</sup> e também representa uma globalização - globalização das riquezas, luta por maior igualdade.

Na análise do primeiro Fórum, *Catolicismo* viu o FSM não como uma oposição ao FEM, mas como um parceiro. Essa leitura vai se repetir na análise do II FSM; essa é a “**manobra**” que *Catolicismo* quer denunciar.

No trecho mencionado, encontramos: “o combate à globalização é um pretexto”. Se é um pretexto, a verdadeira razão deve ser outra que encobre a real intenção do FSM: fazer renascer a luta de classes.

Em “O comunismo **metamorfoseou-se**. Reapareceu com roupagens novas, acenando com um novo tipo de socialismo que evoca os socialistas utópicos do século XIX e o anarquismo”, encontramos o verbo “metamorfosear” que significa “transformar-se”, “mudar”, mas - como pensa *Catolicismo* – não houve mudança na essência (“volta à cena a velha luta de classes marxista”). A metáfora utilizada para definir o FSM II, “**cortina de fumaça**”, e outra, usada para definir o “aparente amolecimento” do FSM 2: “**luvas de pelica em mãos de ferro**”, têm em comum o objetivo de acusar uma tentativa de “golpe”: como vemos na última frase do trecho mencionado, há uma “manobra” das esquerdas.

---

<sup>46</sup> “sagrados valores” da extrema direita católica não são os mesmos “sagrados valores” da esquerda católica.

Nos dois trechos abaixo (6 e 7), ocorrem duas metáforas/comparações que ilustram a **ameaça** que representa o FSM:

6- Primeira metáfora : comunismo/rios que correm subterrâneos

**“Plínio Corrêa de Oliveira jamais acreditou que o comunismo – fruto de um secular processo de destruição da Civilização Cristã – tivesse morrido. Assim como certos rios se afundam na terra, correm subterrâneos e mais adiante voltaram à superfície, o comunismo deveria necessariamente reaparecer; não idêntico ao que era, mas metamorfoseado, requintado até”** (Catolicismo, março/2001: p.11).

Em 6, a ameaça de uma volta do comunismo é comparada aos rios que correm subterrâneos e depois voltam à superfície. Assim acontecerá com o outro mundo “planejado” no FSM: reaparecerá, mas não reaparecerá idêntico, e sim metamorfoseado de luta só contra o neoliberalismo, enquanto na verdade a luta é contra o capitalismo, contra a propriedade privada, daí o “requinte” do “disfarce”.

7- Segunda metáfora: esquerda moderada e radical/afluentes de um mesmo rio

**“No Gigantinho falaram os moderados. Nas ruas, os radicais. Porto Alegre viu assim a moderação de braços dados com o radicalismo. Enfim, são afluentes de um mesmo rio que ruma para o mar. A diferença reside apenas na tonalidade. Um correntes são mais turvas do que outras. Porém, a meta desses esquerdistas é sempre a mesma: a construção de um ‘novo mundo possível’. Então, como as águas de um rio que se mescla com as do mar, desaparecerão as diferenças entre as correntes e surgirá, nessa ocasião, a verdadeira face totalitária e atéia da nova ordem social que visam implantar.”** (Catolicismo falando sobre o Fórum Mundial da Educação - Catolicismo, dez/2001: p.9).

EM 7, encontramos a leitura “deformada” que a TFP faz de qualquer luta por maior igualdade : “(moderados e radicais) são afluentes de um mesmo rio que ruma para o mar. A diferença reside apenas na tonalidade.” (mais “vermelhos” ou menos “vermelhos”) Continuando a metáfora, há: ‘algumas correntes da esquerda são mais “turvas”, mas desejam o mesmo: “um “novo mundo possível’: Quando as ‘correntes do rio’ (várias correntes da esquerda) se ‘mesclam com as águas do mar’ (luta por um **outro mundo**), **as**

diferenças desaparecem, encontramos uma só água, de uma só cor, encontramos “a verdadeira face totalitária e atéia<sup>47</sup> da nova ordem social que visam implantar”.

#### 8- Metáfora: Comportamento do FSM II/Capa (de Moderação)

“Fatores contingentes de atualidade levaram o II Fórum Social (“**mão de ferro em luvas de pelica**”) a **vestir capa de moderação**, acentuada ainda pela mídia. Contudo, aspectos salientes do evento revelaram uma radicalidade revolucionária de cunho anarquista, que faz lembrar o clima paroxístico (‘radical’) da Sorbonne, em maio de 1968” (*Catolicismo*, março/2002: p.15).

Em “Fatores contingentes de atualidade levaram o Fórum Social a **vestir capa de moderação**”, encontramos uma metáfora que está de acordo com a metáfora utilizada para avaliar o II FSM: “**mão de ferro em luvas de pelica**”. Nos dois casos há um “aparente amolecimento” do II FSM avaliado como uma farsa: a “capa” é de moderação mas a essência não; a luva é de pelica mas para cobrir a mão que é de ferro. Afinal, para TFP, há “aspectos salientes do evento que revelaram uma radicalidade revolucionária de cunho anarquista”.

Através da análise dos enunciados, percebemos que o significado do “significado do FSM e tudo que aconteceu nele” não é o mesmo para Caros Amigos e Catolicismo. Longe disso.

Como pudemos confirmar, os dois discursos não parecem falar do mesmo FSM: No primeiro fórum, “Novo Espírito Democrático” é lido como “espírito subversivo”, a “ocupação simbólica” feita pelo MST com a participação de Bové é lida como “Invasão”; a “bela coreografia afro-hispânica-brasileira” é lida como “atriz seminua declama textos revolucionários”. Ao descrever o segundo fórum, visto pela esquerda como “brando” ao

---

<sup>47</sup> O pressuposto é que, para TFP, o “outro mundo” é totalitário e ateu. Então a esquerda católica que está na luta por um “outro mundo” (uma das correntes da esquerda), não tem Deus, afinal, segundo a TFP, Deus prega a sociedade hierárquica, “as diferenças são naturais”. A “esquerda católica” vem sempre entre aspas, mostrando uma discordância de discurso. Para TFP a esquerda tem só “misticismo” e não Deus.

desenhar o “outro mundo possível”, Catolicismo o vê como “mãos de ferro em luvas de pelica”.

Uma teoria como a de Maingueneau consegue dar conta de explicar como um mesmo fato pode receber tão diferentes leituras. Os conceitos de simulacro e de interincompreensão se mostraram muito produtivos como ferramentas para analisar os discursos selecionados.

## Capítulo VI - Semântica global da TFP e das esquerdas

Nos dois capítulos anteriores, nosso objetivo foi analisar o discurso de duas formações discursivas – TFP (discurso veiculado por *Catolicismo*) e esquerdas do Brasil (discursos veiculados por *Caros Amigos*) - e explicitar a semântica de cada Formação Discursiva, de modo a dar conta de todos os enunciados pertencentes a cada uma delas.

Vamos agora verificar se a semântica dessas Formações Discursivas, como propõe Maingueneau (1984), se aplica não só aos textos, mas também a outros sistemas semióticos. Nesta parte do trabalho, tentaremos mostrar que a identidade de um discurso não é somente uma questão de vocabulário ou de proposições, mas que a identidade de um discurso depende de uma **coerência global** que integra **múltiplas dimensões textuais**.

Para que a análise fique mais clara, retomaremos algumas idéias já expostas no capítulo III, em que apresentamos as sete hipóteses de Maingueneau, defendidas em *Genèses du discours* (1984):

Conforme vimos, a semântica que rege um discurso se caracteriza por ser um sistema de restrições ao qual estão submetidos igualmente todos os planos deste discurso.

Maingueneau, com a noção de Semântica global, quer chamar atenção para a necessidade de pensar globalmente a complexidade discursiva (1984:56): “a lógica de nosso propósito nos conduz a não restringir apenas ao domínio textual a validade do sistema de restrições semânticas próprias de um discurso (...) apresentando o modelo da formação discursiva como um ‘sistema de restrições’ que recai sobre organizações de sentido e não como uma gramática destinada a engendrar enunciados”. Para isso é necessário a ampliação da noção de competência: “Como o enunciado, também o quadro, o trecho de música, estão submetidos por sua prática discursiva a um certo número de condições que definem sua legitimidade” (1984:57).

Discurso, nessa perspectiva, não é um sistema de idéias, mas um sistema de regras que define a especificidade de uma enunciação. A prática discursiva é uma *prática intersemiótica* que integra produções de outros domínios semióticos e as mesmas restrições que fundam a existência do discurso podem ser igualmente pertinentes para esses outros domínios.

O corpus ideal para essa parte do trabalho deveria ser composto de obras arquitetônicas, esculturas, quadros, fotos, músicas produzidos a partir de formações discursivas da direita e da esquerda. A análise semiótica desse material mostraria se ele é produzido a partir da mesma semântica que comanda os enunciados.

Vamos estudar esses materiais através da análise do próprio objeto (fotos, capas de revistas, figuras ilustrando artigos, símbolos) e, quando isso não for possível, vamos analisar discursos que constroem esses objetos: o discurso de um arquiteto falando sobre sua concepção de arquitetura; o discurso de um músico falando sobre sua concepção de música; o discurso de um produtor e diretor de teatro falando sobre sua concepção de teatro; o discurso de um padre falando sobre sua concepção de cristianismo.

Da revista *Catolicismo*, selecionamos como *corpus* a seção localizada na contracapa de *Catolicismo* “Costumes . Ambientes . Civilizações”<sup>48</sup> que traz excertos de conferências proferidas por Plínio Corrêa de Oliveira para sócios e cooperadores. Encontramos um comentário crítico de obras de arte (quadros, esculturas, mosaicos, pinturas feitas nos templos, arquitetura dos templos). Ao invés de fazermos uma análise semiótica da obra de arte que vem estampada na revista *Catolicismo* - o que já foi feito de alguma forma por Plínio Corrêa de Oliveira em suas ‘palestras’-, faremos uma análise da leitura feita por Plínio Correa. Ainda nessa seção de *Catolicismo*, encontramos um comentário crítico sobre pessoas consideradas “modelos”, dignas de serem “homenageadas” nas conferências de Plínio Corrêa, seja por sua atuação, seja por seu modo de vestir e de portar-se. Ao invés de fazermos uma análise do *ethos* dessas pessoas – o que já foi feito de alguma forma por Plínio Corrêa de Oliveira - faremos uma análise da leitura feita por ele. Além dessa seção, selecionamos algumas capas da revista *Catolicismo* e algumas imagens que consideramos privilegiadas para a análise da revista. Selecionamos, ainda, um encarte de livros recomendados pela revista. Dessas últimas fizemos, de fato, uma análise semiótica.

Da revista *Caros Amigos*, selecionamos a seção “Entrevista Explosiva” que traz entrevistas feitas pelos articulistas de *Caros Amigos* com pessoas homenageadas (arquitetos, músicos, atores, diretores, cartunistas, escritores, padres etc.) por sua atuação contra o “mundo como está”. Todos os entrevistados, como veremos, têm algum

---

<sup>48</sup> Esses artigos estão reunidos num livro de Plínio Corrêa, *Costumes . Ambientes . Civilizações*, editado pela artpress, que edita, entre outros livros, as obras de Plínio Corrêa.

compromisso com os ideais da esquerda. Ao invés de fazermos uma análise semiótica da música, analisamos o discurso de um músico falando de sua prática, dos temas, da estrutura melódica que prefere. Ao invés de fazermos uma análise semiótica de uma obra da arquitetura, analisamos o discurso de um arquiteto comprometido com a esquerda, falando – por exemplo - de sua concepção de cidade, falando sobre correntes arquitetônicas que julga interessantes. Ao invés de fazermos uma análise de uma peça teatral, analisamos o que um diretor e produtor diz sobre seu teatro. Ao invés de analisarmos uma celebração, analisaremos o que um padre diz falando sobre o cristianismo que ele pratica. Selecionamos também a seção “Ensaio Fotográfico”, que traz trabalhos escolhidos por *Caros Amigos* para publicação. Como veremos, esses trabalhos têm como tema preocupações da esquerda. Desse material, fizemos, de fato, uma análise semiótica.

A seguir, faremos a análise desse material, tentando mostrar como a hipótese das Restrições Semânticas Globais é produtiva para analisar outros domínios que não os enunciados. O enunciador de um discurso, ao falar do FSM, ao fazer (falar de) música, ao fazer (falar de) teatro, ao fazer (falar de) arquitetura, o faz a partir do mesmo sistema de restrições semânticas.

### **1- Sistema de Restrições Semânticas Globais do Discurso da TFP.**

No capítulo anterior, vimos que o **Outro** de *Catolicismo* é o FEM: “ameaça à **soberania dos estados, tradições, regionalismos**, apanágio da Civilização Cristã”, mas que não são problemas para *Catolicismo* a desigualdade crescente, a injustiça social gerada pelo neoliberalismo. É também o Outro de *Catolicismo* **a esquerda de modo geral** (da mais moderada à mais extremada): esquerda católica, organizações e partidos de esquerda, pessoas engajadas na luta social, todos representados pelo **FSM** (idealizado como resposta das esquerdas ao FEM). Definimos como traços semânticos fundamentais do discurso tefepista “**hierarquia**” e “**desigualdade harmônica**”.

A TFP, dada essa semântica, não pode aceitar nem o FSM, nem o FEM, pois tanto um quanto outro têm o traço “**igualdade**” e os dois querem uma globalização, embora

diferentes: o primeiro, globalização das riquezas, sociedade igualitária; e o segundo uma globalização dos mercados, a globalização que quer eliminar fronteiras . Assim, os dois, para *Catolicismo*, são “duas pernas para apressar o advento de uma República Universal<sup>49</sup>.: “Esses dois pólos parecem na prática, conjugar-se como duas pernas para apressar o advento de uma República Universal sem pátrias. E também sem as **desigualdades proporcionais e harmônicas** oriundas da própria natureza humana retamente concebida, segundo os ensinamentos tradicionais da Igreja Católica, e que devem estar presentes na **estrutura** de uma verdadeira cristandade. Um dos pólos, o de Porto Alegre – que atrai esquerdistas de todo o gênero, parecendo clamar contra a globalização – atua no mesmo sentido em que faz o outro. Este, o de Davos – que atrai os que, via de regra, antipatizam com a esquerda – erige a globalização como um novo *Moloch*, ao qual devem ser sacrificados tanto as soberanias dos Estados quanto as tradições e regionalismos mais respeitáveis, apanágios da Civilização Cristã”.

**Para ilustrar a hipótese de uma “semântica global” desse discurso materializado em vários gêneros e em vários sistemas semióticos, vou começar analisando o símbolo da TFP. Depois, catálogos de livros (oferecidos dentro da revista); o figurativo de algumas capas da revista e uma seção da revista *Catolicismo* (“Ambientes, Costumes, Civilizações”) que, entre outros temas, analisa obras de arte (esculturas, pinturas, obras da arquitetura).**

### 1.1. Símbolo da TFP: o leão

Como vimos, para Maingueneau (1984:143), há uma “imbricação radical do discurso e de seu modo de enunciação”, sendo este último um dos elementos da Semântica Global que caracteriza os discursos. Para explicar melhor a imbricação entre discurso e seu modo de enunciação, Maingueneau recorre à noção de *ethos* (1984:145-146): “Esta noção vem da *Retórica* de Aristóteles (1378), que entendia por *ethos* a imagem que, implicitamente, um orador daria de si através de sua maneira de falar: ao adotar as entonações, os gestos, o

---

<sup>49</sup> “Um mundo no qual as nações fundidas em uma só República Universal, seriam apenas termos geográficos, **um mundo sem desigualdades sociais e econômicas**(...) sem o sobrenatural, a felicidade definitiva do homem.” Plínio Corrêa, *Revolução e Contra-revolução*, 1998 (4ª edição)

comportamento geral de um homem honesto, por exemplo, não se diz explicitamente que se é honesto, mas mostra-se que se é”. De acordo com esta noção, não se diz explicitamente que se é de determinada maneira, mas mostra-se, por meio do discurso, que se é de determinada maneira. O *ethos*, tal como considerado por Maingueneau, é uma das dimensões que decorrem da semântica global do discurso.

Para Maingueneau (1984:146) “qualquer discurso pressupõe um *ethos*: implica uma certa representação do corpo de seu responsável, do enunciador que assume a responsabilidade desse discurso. A sua fala participa de um comportamento global (uma maneira de se mover, de se vestir, de se relacionar com os outros...). Atribui-se-lhe, assim, um caráter, um conjunto de traços psicológicos (...) e uma corporalidade. Caráter e corporalidade são inseparáveis, apoiando-se em estereótipos valorizados ou desvalorizados na coletividade na qual se produz a enunciação. (...) O *ethos* não deve ser isolado dos outros parâmetros do discurso; ele contribui de forma decisiva para a sua legitimação”.

A seguir, analisaremos o símbolo da TFP, coerente com o *ethos* dos tefepistas: veremos que tanto o símbolo da TFP como o *ethos* dos tefepistas partem do mesmo sistema de restrições semânticas que rege o discurso.

No estandarte da TFP, há um leão como símbolo: encontramos sob um fundo vermelho um leão dourado em posição de ataque. O Leão - considerado o “rei da selva”, “o rei dos animais” -, dentre os animais selvagens, é o que tem mais “pompa”: anda com elegância, tem uma cor próxima do dourado (cor da realeza, escolhida para o leão do estandarte), e uma juba imensa que lhe dá mais grandiosidade.

A “grandiosidade”, a “pompa”, a “elegância” são muito apreciadas pela TFP, que, como se viu, tem como traço principal de sua semântica a “**hierarquia**”. Esse traço também o encontramos no *ethos* de seus integrantes (cf anexo 4): que estão sempre com o olhar altivo, vestem terno, gravata e uma faixa vermelha no peito com o símbolo da TFP. Em suas passeatas de protestos pelas ruas das cidades brasileiras, portam enormes estandartes vermelhos com o leão dourado estampado. O leão simboliza imaginariamente tal postura.

O *ethos* do adversário, como visto pela TFP, é bem diferente. Num artigo de *Catolicismo*<sup>50</sup>, há um comentário sobre uma cerimônia de abertura do FSM que mostra uma avaliação negativa da postura e dos trajes dos participantes:

“Houve discursos, música, teatro, vaia e um show ao som de batuques e danças indígenas, com as autoridades **sentadas no chão**, em frente ao palco, entre elas o governador **petista** Olívio Dutra, que pronunciou um discurso de 20 minutos (...) a descontração nos trajes era **total**. A ponto de que **se chegou a falar** que bermudas e sandálias havaianas poderiam ser consideradas como o uniforme do evento”.

É perceptível o destaque dado ao que a TFP condena: descontração total (bermudas, havaianas), **autoridades sentadas no chão** (entre elas um governador, que só podia ser **petista**).

Confirmando nossa análise, encontramos, entre os materiais<sup>51</sup> de divulgação da TFP, um texto (cf. anexo 5) em que Plínio Corrêa de Oliveira explica a sócios e cooperadores da TFP por que escolheu o leão e a cor vermelha para o estandarte da TFP. Algumas passagens ilustram bem como a identidade de um discurso não é somente uma questão de vocabulário ou de proposições. Encontramos uma coerência global que integra cores, símbolos, postura, roupas etc.

“Escolhi o leão para o estandarte da TFP, porque o leão sempre me lembrou um princípio do qual sou muito cioso, do qual faço muita questão em todos os assuntos: o princípio da **legitimidade**. Que o **poder, a influência, a sabedoria, a glória estejam em mãos de quem de direito**”.

O pressuposto desse enunciado é que nem todos têm os mesmos direitos: o poder, a influência, a sabedoria e a glória são para alguns, “para quem de direito”. A escolha do leão, como já vimos, é coerente com um dos traços principais da TFP: a **‘hierarquia’**<sup>52</sup>.

<sup>50</sup> edição nº603 – março de 2001 (p 25)

<sup>51</sup> Informativo Operário – Outubro de 2000 – que publicou excertos da conferência proferida pelo Prof. Plínio Corrêa de Oliveira para sócios e cooperadores da TFP em 7 de fevereiro de 1987.

<sup>52</sup> Como veremos, a TFP não tolera a falta de hierarquia da Teologia da libertação, defende a monarquia e não aceita mulheres como associadas (mulheres só aparecem na revista como exemplos de discipulação e submissão ao marido)

“O camelo anda mais, porém, com um passo de escravo carregado, não desenvolve a **marcha garbosa do leão**. O leão marcha e salta, o camelo anda”.

Nesse enunciado, o leão (símbolo da TFP) é considerado superior ao camelo: não anda “com passo de **escravo** carregado”, mas marcha garbosamente. Novamente encontramos o traço ‘**hierarquia**’ valorizado.

“O leão é entre os animais, o que a rosa é entre as flores. A rosa é **naturalmente rainha (...)** a rosa é **superior indiscutivelmente**”.

“Olhem para o leão, ele é rei. Ele **desfruta como que do direito de ser rei**: ele manda, ele tem a garra do rei, ele impera! É **normal** que ele tivesse a cor do rei (...) um leão de prata, que frustração! Um leão de ouro, que **naturalidade!**”

Nos dois enunciados acima, encontramos o traço “**hierarquia**”: o leão (como a rosa) é **naturalmente rei e superior indiscutivelmente**. A “lógica” da simbologia da TFP é coerente com o que defende verbalmente: as desigualdades são proporcionais, harmônicas, oriundas da própria **natureza humana** e retamente concebidas pela doutrina católica<sup>53</sup>.

“O azul como que repousa junto à vivacidade do ouro. E eu não queria repouso em nosso estandarte, eu queria a luta! E aí estão o símbolo de nosso estandarte, o leão, e as cores: dourado e vermelho”.

O vermelho também é cor simbólica da esquerda e também indica luta. Mas as lutas são diferentes. Uma é a luta dos “leões” para manter a “natural diferença entre os homens”; a outra é a luta “de foice e martelo” para uma maior igualdade social<sup>54</sup>.

<sup>53</sup> Como vemos, a leitura que Catolicismo faz da doutrina católica é **bem diferente** da leitura feita pela chamada esquerda católica. Seguem os Papas do Vaticano I.

<sup>54</sup> Talvez por isso o vermelho venha, na bandeira do PT, com a estrela (esperança ou satélite que está no céu para todos – a verificar) ou, na bandeia do PC do B, com a foice e o martelo (símbolo da ex-URSS) ou ainda, na bandeira do MST, com um mapa do território brasileiro e não com um leão (“o rei dos animais”).

## 1.2. Algumas capas de *Catolicismo*

Analisaremos a seguir duas capas de *Catolicismo* que tematizam o Rock e a esquerda católica. Veremos que apresentam imagens coerentes com os traços do discurso da TFP.

### a) “ ‘Esquerda católica’ incendeia o país” (cf. anexo 6)

Nessa edição<sup>55</sup> de *Catolicismo*, há uma imagem **coerente com o discurso da TFP sobre a “repugnada esquerda católica”**: encontramos a mão de um representante da igreja católica - num dos dedos o anel utilizado por religiosos com o símbolo da eucaristia e um pedaço do braço mostrando o vestuário preto que traz na abotoadura a sigla **CEBs** (Comunidades Eclesiais de Base) - segurando uma foice (símbolo do socialismo) que está fincada sobre o décimo mandamento de Deus ("Não cobiçarás os bens alheios"), estilhaçando a tábua dos mandamentos da Lei de Deus. Como cenário de fundo há alguns **religiosos junto com a esquerda em ação** (passeatas em defesa da reforma agrária) e **em baixo** das tábuas uma chama que sobe avermelhando todo o cenário.

Nos anos 60 e 70, no interior da Igreja Católica, afirmam-se setores mais progressistas e de esquerda, tomando corpo a política que tem como alicerce as Comunidades Eclesiais de Base. “Essas mudanças em setores significativos da alta hierarquia católica, refletindo-se na hegemonia no interior da instituição, representam uma ruptura entre as forças da ditadura, pois a Igreja fora, em 1964, enquanto instituição, um dos importantes patrocinadores do golpe<sup>56</sup>. A guinada acontece não apenas por problemas internos da Igreja Católica no Brasil, mas também como política dos pontificados dos papas João XXIII e Paulo VI<sup>57</sup>: em setembro de 1965 encerra-se em Roma o Concílio Vaticano II, que marca uma mudança importante nas tomadas de posição da Igreja nos planos econômico, social e político; trata-se de uma atualização do conjunto das regras teológicas, políticas e eclesiásticas elaboradas

<sup>55</sup> *Catolicismo*, novembro de 1984

<sup>56</sup> O Vaticano foi um dos primeiros Estados a reconhecer o novo regime, havendo o núncio apostólico apresentado credenciais ao marechal Castelo Branco, imediatamente após sua posse na Presidência, em 11 de abril de 1964.

<sup>57</sup> (tpabramo.org.br - site do PT)

pelo Concílio Vaticano I<sup>58</sup> em 1870, que se viram pouco a pouco postas em questão pela prática social e política (Courtine, 1981: 47).

A TFP tem estreita ligação com a ala mais conservadora da Igreja Católica, com a “doutrina tradicional da Santa Igreja Católica”. Defende a “Civilização Cristã, tal como foi historicamente desenhada e vivida pelos Papas<sup>59</sup>, pelos Santos e pelo católico em geral”, “(civilização cristã) que consagra **a reta desigualdade como um fruto da própria natureza** criada por Deus. Desigualdade esta que, **regida pela justiça e temperada pela caridade**, produziu grandes frutos sociais e facilitou a salvação de número infindável de almas” (*Catolicismo*, agosto/2000).

Em uma edição<sup>60</sup> especial sobre o MST e a esquerda católica, encontramos:

“A atuação do MST tem evoluído de modo preocupante. (...) Diante dessa situação sombria e ameaçadora, que atitude devem tomar os católicos? Apoiar o MST, como os religiosos franciscanos e vários Prelados brasileiros? Ou rejeitar, **em nome da verdadeira doutrina social da Igreja Católica**, esse movimento revolucionário de orientação marxista. **A única opção legítima para os católicos** é, a nosso ver, a segunda”.

Nesse enunciado, o pressuposto é que há uma doutrina católica verdadeira (seguida pela TFP), e uma não verdadeira (seguida pela esquerda católica e simpatizantes); há uma única opção legítima (ser contra o MST), as outras opções não são legítimas.

A falta de hierarquia na igreja é vista de forma negativa pela TFP: É uma “Igreja tribalista”, como é chamada a esquerda católica:

“Tribalismo eclesiástico: A IV Revolução quer reduzir a esfera espiritual ao tribalismo. E o modo de o fazer já se pode bem notar nas correntes de teólogos e canonistas que visam transformar a

---

<sup>58</sup> No Concílio Vaticano I, “Socialismo e comunismo aparecem como empresas *contra a natureza*: O direito à propriedade privada é, com efeito, sancionado pelo direito natural, bem como a hierarquização das classes sociais, submetida à autoridade de um estado governado por príncipes por direito divino. Numa concepção organicista da sociedade como “corpo social” onde as classes sociais – ‘ricos’ e ‘pobres’ – participam da harmonia exatamente como se completam os membros do corpo humano, a luta de classes se vê designada como o mal fundamental” (Courtine, 1981 - cap.48)

<sup>59</sup> Os Papas citados pela TFP são da época do Concílio Vaticano I: como, entre outros, Leão XIII (dizia: “Amái vossos patrões, amai-vos uns aos outros. Quando o peso de vossos rudes trabalhos pesar, fortificai vossa coragem olhando para o céu”; Pio IX (falando sobre o comunismo: “doutrina execrável, destrutiva até mesmo do direito **natural**”).

<sup>60</sup> *Catolicismo*, agosto de 1998.

nobre e óssea rigidez da estrutura eclesiástica, num tecido cartilaginoso , mole e amorfo, de dioceses e paróquias” (Catolicismo, outubro de 2000: p.27).

Para TFP, o “outro mundo” desejado pela esquerda é ateu. Assim, a esquerda católica que está na luta por um “outro mundo” (uma das correntes da esquerda), não teria Deus. Afinal, segundo a TFP, Deus prega a sociedade hierárquica, “as diferenças são naturais”. A expressão “esquerda católica” vem sempre entre aspas, mostrando uma discordância de discurso: para TFP a esquerda tem só “misticismo” e não Deus, sendo inadequado o termo “católica”.

b) **“Plínio Corrêa de Oliveira prevê e denuncia a 4ª revolução”** (cf. anexo 7).

Nessa edição<sup>61</sup> de *Catolicismo*, na capa, há uma figura em coerência com o discurso da TFP sobre o rock , “porta aberta para o satanismo”: no alto, em destaque, está uma imagem de Plínio Corrêa com olhar admoestador; ao lado, em contraste com a “imagem limpa” de Plínio Corrêa, o grupo de rock **Kiss**, numa de suas performances. Esta imagem está toda avermelhada (roupas, cabelo, contorno do corpo) sugerindo algo “satânico”. Em baixo, num cenário todo caótico, “enfumaçado”, um momento de violência de alguma manifestação social.

O sociólogo norte-americano Malcolm Doney<sup>62</sup> vê o Rock como uma “forma artística das mais significativas surgida neste século (...) o Rock é **aferidor das mudanças de atitudes** dos jovens para com o sexo, a autoridade, o gosto, seus contemporâneos e a ética”. Mas, para TFP,

“o fenômeno *rock-and-roll*, como todo acontecimento sócio-cultural **revolucionário**, não nasceu por geração espontânea. Foi **elaborado sob cuidados extremos em laboratórios**, com a **finalidade de tentar quebrar**, através da música, **a estrutura da alma humana** e decretar o **império anárquico dos sentidos** sobre **a inteligência e a vontade**. Essa **animalização** do homem remetê-lo-ia para um estilo de vida tribal, na qual o demônio, adorado por todos, seria o senhor” (Catolicismo, 03/2001)

---

<sup>61</sup> Catolicismo, outubro/2000

<sup>62</sup> Apud catolicismo, agosto/98.

Nesse enunciado, o pressuposto é que colocar os sentidos acima da razão é **animalização**; **nenhum** acontecimento sócio-cultural **revolucionário** nasce de geração espontânea ; é “**elaborado sob cuidados extremos em laboratórios**”

### 1.3. Catálogo de livros

Na *Catolicismo*<sup>63</sup>, há encartes (cf. anexo 7) com sugestões de livros da editora Artpress, que edita, entre outros livros, obras de Plínio Corrêa de Oliveira.

Dentro de uma revista "católica", esperamos, evidentemente, encontrar anúncios de livros sobre a doutrina católica. De fato, encontramos propagandas de livros sobre a bíblia, de livros sobre ‘o santo de cada dia’, livros contando sobre a vida dos santos católicos e de papas (santos e papas selecionados por *Catolicismo*), além de outros livros menos esperados, mas, como veremos, **em completa coerência com o discurso da TFP.**

Vamos analisar alguns títulos (junto com o comentário que os acompanha) para ilustrar nossa análise:

#### a) Livros sobre a vida de papas e Bispos

Os papas biografados são os papas que fizeram parte da Igreja radicalmente conservadora (Pio IX E Pio X).

Há um livro que narra a vida de D. Teófilo Matulionis, “Bispo prisioneiro e **mártir do comunismo** (...) sofreu perseguições brutais por parte do governo comunista russo e passou anos encarcerado”. Como já vimos, o comunismo é abominado pela TFP.

#### b) Livros sobre monarquia e nobreza

---

<sup>63</sup> O catálogo de livros da artpress vem dentro da *Catolicismo*. Analisamos o Catálogo de livros de 2001

É coerente com o discurso da TFP defender a monarquia, afinal, como já vimos, “**hierarquia**” é traço fundamental desse discurso. Encontramos livros como: *A legitimidade monárquica no Brasil; Nobreza e elites tradicionais análogas nas alocuções de Pio XII ao Patriciado e à Nobreza romana; Revivendo o Brasil Império; Parlamentarismo, sim! Mas à brasileira: com Monarca e com Poder Moderador eficaz e paternal.*

Para a TFP:

“entre as várias formas de governo reconhecidas como legítimas pela Santa Igreja – especialmente em documentos de Leão XIII e Pio XII – encontramos além da monarquia e da Democracia, o governo exercido pela Aristocracia, isto é, por uma elite político-social outrora bastante difundida, composta por nobres hereditários. (...) Para que vigore uma autêntica Democracia é necessário que seu elemento humano seja verdadeiro povo e não massa. Prevalendo esta, a Democracia desaparece, dando lugar à sua corrupção que é a demagogia. Infelizmente, os princípios igualitários da Revolução Francesa impostos a vários países deram origem a regimes demagógicos e não a democracias em seu verdadeiro sentido”. (julho/97: p. 18).

O traço “**desigualdade harmônica**” está presente nos discursos da igreja católica citada pela TFP: o “paternalismo”, a “caridade” dos **superiores** e a obediência, fidelidade<sup>64</sup> e reverência dos **empregados**. A “Palavra dos Papas aos trabalhadores” é um dos fundamentos desse discurso:

“Pois da mesma forma que, no corpo humano, os membros, **apesar de sua diversidade**, adaptam-se maravilhosamente um ao outro, de modo a **formar um todo exatamente proporcionado e** que poderia chamar **simétrico**, assim na sociedade as duas classes são **destinadas por natureza a unir-se harmoniosamente e a sustentar-se mutuamente num perfeito equilíbrio**. Elas têm uma imperiosa necessidade uma da outra: não pode haver capital sem trabalho nem trabalho sem capital. A **concordia engendra a ordem e a beleza**; ao contrário, de um **conflito** perpétuo só podem resultar a **confusão e as lutas selvagens**” (Leão XIII, apud Courtine, 1981).

---

<sup>64</sup> Veremos no próximo item numa seção de *Catolicismo* (“Ambientes. Costumes. Civilizações”) um empregado negro elogiado por sua fidelidade à patroa.

“As **desigualdades sociais**, inclusive as **ligadas ao nascimento**, são inevitáveis. A natureza benigna e a benção de Deus à humanidade iluminam e protegem os berços, osculam-nos, porém **não os nivelam**” (Pio XII)

Diz Plínio Corrêa de Oliveira sobre esse trecho:

“Essa frase é magnífica. Deus ama todos os berços, mas **não os nivela**. Ele ama todos os recém-nascidos mas sua benção **não os iguala**. Ele **não deseja que sejam iguais**, Ele **quer a desigualdade** oriunda, inclusive, das **diferenças de estirpe**” (*Catolicismo*, agosto /1998).

c) *O Universo é uma catedral* e *Aprendendo com as abelhas a viver em sociedade*

Esses dois livros, propagandeados por *Catolicismo*, mostram como o traço "**hierarquia**" é importante no discurso da TFP. A seguir o comentário que os acompanha:

“*O Universo é uma catedral* mostra a **ordem** do Universo através de uma **ascensão** em sete horizontes, **progressivamente** mais amplos e mais belos”.

“*Aprendendo com as abelhas a viver em sociedade* traz a melhor lição que as abelhas no dão, que é a lição de sua vida: dedicação, **amor à hierarquia**, união à família, operosidade”.

Como podemos observar, o que é elogiado nos livros é justamente o “amor à **hierarquia**, traço principal da TFP.

#### 1.4. Seção da revista *Catolicismo*: “Costumes . Ambientes . Civilizações”

“Costumes. Ambientes. Civilizações” é uma seção localizada na contracapa de *Catolicismo*, que traz excertos de conferências proferidas por Plínio Corrêa para sócios e cooperadores. Compõe-se de um comentário crítico de obras de arte (quadros, mosaicos, pinturas feitas nos templos, arquitetura dos templos) e sobre pessoas consideradas "modelos", dignas de serem "homenageadas" nas conferências de Plínio Corrêa.

Escolhi algumas dessas conferências para ilustrar como os traços enaltecidos nessas pessoas e como as obras de arte selecionadas para as conferências oferecidas por Plínio

Correa de Oliveira estão, como era de se esperar, em coerência com o discurso da TFP. Veremos que o enunciador desse discurso, ao falar do FSM, ao selecionar obras de arte para uma conferência, ao elogiar pessoas obedece ao mesmo sistema de restrições.

#### a) Obras arquitetônicas:

Em “Costumes. Ambientes. Civilizações”, são selecionadas obras da arquitetura repletas de “irregularidades harmoniosas”, “contrastes harmônicos”. Ao invés de analisarmos essas obras, vamos nos valer da consistente análise feita por Plínio Corrêa de Oliveira, para quem a beleza dessas obras está no contraste, no efeito de harmonia. Analisaremos trechos das conferências sobre “Chenonceaux, o castelo-cisne” (cf. anexo 9); sobre a “Basílica de São Marcos, jóia do estilo bizantino” (cf. anexo 10); e sobre o palácio de Versailles (cf. anexo 11).

Plínio Corrêa falando sobre o “Castelo-cisne”:

“Imaginemos que fosse um castelo construído em terra, e que, em vez de correr um rio debaixo dele, passasse uma **estrada poeirenta comum**, permitindo o **trânsito de carroças, automóveis**. Não é verdade que o castelo perderia pelo menos cinquenta por cento de seu encanto? (...) O castelo é constituído por três elementos distintos. **O primeiro** deles é a ponte com os seus arcos, **em cima da qual** se construiu a ala mais leve do edifício. **O segundo** elemento é o corpo central do castelo. E **por último**, à esquerda, um torreão – que deve ser o que restou de uma velha fortaleza medieval – sólido, atarracado, grande, e que produz a sensação de **estabilidade**, ao último grau. Chama atenção **o contraste** entre os arcos da ponte, tão diáfanos e leves, e a base pesada da parte central. Esse misto de firmeza, de estabilidade e delicadeza forma um **contraste harmônico de qualidades opostas**, que acentua a sedução inerente a essa parte do edifício. **São os três elementos sucessivos que dão encanto ao castelo e explicam sua beleza**”.

Nesse elogio à **arquitetura do castelo**, destacam-se os mesmos traços que a **organização social** deve ter, segundo o discurso da TFP: “hierarquia” (primeiro elemento/sustentação; segundo elemento/corpo central; terceiro elemento/velha fortaleza medieval), e as “desigualdades harmônicas” (contraste entre os arcos leves e a base pesada central –

“contraste harmônico de qualidades opostas”). Além disso, a arquitetura elogiada é um **castelo** e não está numa **“estrada poeirenta comum”**.

Plínio Corrêa falando sobre a Basílica de São Marcos:

“(…) pode-se admirar um detalhe desse conjunto escultural, a beleza dos mármore, bem como, à esquerda, a **imponente tribuna** também marmórea, que data do século XIV. A referida **separação**, constituída pela cruz e pelas imagens de Nosso Senhor Jesus Cristo, dos Evangelistas e dos Doutores da Igreja, marca bem a **distinção entre o sacerdote e os fiéis**, a Igreja Docente e a Igreja Discente. O sacerdote é o ministro de Deus, escolhido pelo Criador para representá-lo perante os fiéis. Ele tem o poder de celebrar a missa e, mediante suas palavras, opera-se a Transubstanciação. Os fiéis não detêm dito poder. Essa **separação tão categórica** é contudo, **estabelecida com amor**. Daí o fato de a Santa Igreja, através da arte sacra, ornar e **embelezar tal distinção**, a qual constitui uma **hierarquia fundamental** instituída pelo Divino Salvador no interior de Seu Corpo Místico”.

Novamente encontramos o traço **“hierarquia”**, que está presente no símbolo da TFP (leão, o rei dos animais); que deve estar presente numa “sociedade sadia”; que deve estar presente na Igreja e nos templos católicos. Um dos motivos de a TFP abominar a esquerda católica é que esta não preza a hierarquia, critica a infabilidade Papal<sup>65</sup>, além de defender mais igualdade na sociedade.

Plínio Correa falando sobre o Palácio de Versailles:

“(…) a primeira coisa interessante de se notar é como o edifício, **em seu conjunto, causa a seguinte impressão: é belo, agradável**. Os jardins exibem uma extraordinária **riqueza de coloridos e formas**. São linhas sinuosas formadas por **flores, folhagens e gramados**, entrecortados por caminhos de

---

<sup>65</sup> “(Não houve nenhuma atualização no processo de inquisição da Igreja) até piorou, porque atualmente, depois do estabelecimento da infabilidade do papa, nenhum réu pode ter direito à defesa, porque não se pode partir do princípio de que a autoridade eclesiástica esteja equivocada. Então, não existe direito à defesa, é o único tribunal do mundo onde isso acontece” (*Caros Amigos*, entrevistando Leonardo Boff)

**pedregulho. Contrastando** com o que os jardins poderiam ter de muito **raso**, notam-se **pontas em ciprestes**, rigorosamente aparados, que se multiplicam por toda a parte. O palácio ostenta em relação aos jardins um **contraste flagrante**. Enquanto estes caracterizam-se pelas sinuosidades, quase o excesso de sinuoso, o edifício é todo constituído de ângulos, quase o excesso de ângulos. **Exatamente esses quase excessos que se tocam descansam a vista, e causam a impressão de harmonia.**” (Catolicismo, 25/10/2001:contra capa da revista)

Nesse elogio à **arquitetura do castelo**, todo o enunciado está estruturado em torno de um dos principais traços que compõem a semântica de base da TFP: **“desigualdade harmônica”** (“O edifício **em seu conjunto**, causa a seguinte impressão: é **belo, agradável**”).

Vejam algumas imagens contrastantes que, no conjunto, causam a impressão de harmonia: flores, folhagens e gramados *versus* pedregulho; jardim “raso” *versus* pontas em ciprestes; palácio (ângulos) *versus* jardins (sinuosidades).

## b) Pintura

*Adoração dos reis magos* (cf. anexo 12): afresco pintado entre 1302 e 1306 por Giotto di Bondone, que se encontra na Capela degli scrovegni-Pádua (Itália)

Plínio Corrêa falando sobre o afresco:

“Os Reis Magos, de acordo com a Tradição, vieram do Oriente trazendo seus presentes para o Menino Jesus. Neste afresco, Nossa Senhora, tendo seu **Divino Filho** no colo, aparece **sentada numa espécie de troneto** colocado **sobre um estradozinho ricamente atapetado, e ricamente vestida. Para receber os Reis**, compreende-se que Ela se **vestiu com aparato**, Atrás de Nossa Senhora aparece. um anjo, São José, santos e outras pessoas do Templo que o autor quis representar. Chama atenção o seguinte: **um dos reis** está adorando o Menino Jesus e osculando seus pés. **Os dois outros monarcas estão tranquilos, comprazidos em oração** diante de Nossa Senhora e do Menino-Deus, vendo seu companheiro .de viagem , seu irmão na realeza, adorar o pequeno infante. E estão contentes com tudo o que se passa, aguardando chegar a vez deles.. Mas **sem impaciência, com a tranquilidade e a serenidade medieval**. Logo atrás dos dois Reis, nota-se um **homem que está freando ou subjugando o camelo**, a fim de que este não crie problemas. **Esse personagem é um animalis homo**,

**sem nada de sobrenatural, de tranqüilo e sereno. É um homem bruto, agitado e prestando atenção em tudo, de nariz pontudo, de olhos saltados e mandão. Está bem à altura de um tratador de camelos”.**

Neste trecho, o traço principal da TFP também está presente: o que é elogiado na pintura tem o traço **‘hierarquia’** e, coerentemente com esse traço, ao comentar a postura de Nossa Senhora, a postura dos reis e a postura do ‘tratador de camelos’, traça-se o *ethos* aprovado pela TFP. Vejamos:

Mesmo descrevendo um grande símbolo de humildade do catolicismo - o nascimento de Jesus numa estrebaria – a TFP consegue selecionar uma pintura que traz o traço **‘hierarquia’**:

- Nossa Senhora “vestida com aparato” sentada “numa espécie de troneto”, o “estradozinho” é “ricamente atapetado”.

- Um dos reis está adorando Jesus e os outros dois - no mesmo nível – aguardam, com tranqüilidade, sua vez de adorá-lo (“**Os dois outros monarcas estão tranqüilos, comprazidos em oração (...)** e estão contentes com tudo o que se passa, aguardando chegar a vez deles. Mas **sem impaciência, com a tranqüilidade e a serenidade medieval**);

- Atrás dos dois Reis, um **homem que está freando ou subjugando o camelo**, e, portanto está abaixo do ‘tratador de camelos’.

Na descrição dos reis, de Nossa Senhora e do ‘tratador de camelos’ encontramos o *ethos* aprovado e o *ethos* rejeitado pelos tefepistas:

“Nossa Senhora, tendo seu **Divino Filho** no colo, aparece **sentada numa espécie de troneto** colocado **sobre um estradozinho ricamente atapetado, e ricamente vestida.**”; “**Os dois outros monarcas estão tranqüilos, comprazidos em oração** diante de Nossa Senhora e do Menino-Deus, vendo seu companheiro .de viagem , seu **irmão na realeza**, adorar o pequeno infante. E estão contentes com tudo o que se passa, aguardando chegar a vez deles.. Mas **sem impaciência, com a tranqüilidade e a serenidade medieval.**

*Ethos* aprovado: “ricamente vestida”, “sentada em um trono”, postura nobre – realeza, serenidade.

“Esse personagem é um **animalis homo, sem nada de sobrenatural, de tranqüilo e sereno.** É um **homem bruto, agitado e prestando atenção em tudo, de nariz pontudo,** de olhos saltados e mandão. **Está bem a altura de um tratador de camelos”**

*Ethos* rejeitado: sem ‘postura nobre’ - é um animalis homo -\_rosto com traços não harmoniosos.

c) Pessoas enaltecidas nas conferências de Plínio Corrêa: baronesa Churchill (cf anexo 13) e Pierre Toussaint (cf. anexo14).

Veremos que os traços destacados nessas pessoas são coerentes com os traços do discurso e com o *ethos* aprovado pela TFP.

- Plínio Corrêa de Oliveira falando sobre a **baronesa** Churchill:

“Reunia todas as graças genuinamente femininas. Sua **educação aristocrática** lhe comunicara um charme evidente. Sua **imponência coexistia** elegantemente com uma **afabilidade** atraente. Apesar de **vistosa**, era sumariamente **discreta**. E **sabia ser inteligente sem em nada disputar a seu brilhante esposo os olhares do público.** No **equilíbrio** de tantas **qualidades opostas**, tudo era *degagé* e nada era *recherche*”. Depois lamentando, indignado, o fato de “essa grande dama” ter morrido na penúria: “Assim é o Estado moderno (...) Justiça é **retribuir a cada qual segundo seus méritos.** E **não é retribuir igualmente** a gênios e mediocridades, heróis e pusilânimes”.

Os traços ‘**hierarquia**’ e ‘**harmonia**’ regem todos os planos do discurso tefepista.

A descrição da baronesa é coerente com o *ethos* da TFP: ela é imponente, vistosa, inteligente e, **ao mesmo tempo**, afável, discreta e não “disputa” com o marido.

Nesse enunciado também encontramos o traço “**hierarquia**” na relação da baronesa com seu esposo: primeiro o “brilhante esposo”, depois a “inteligente” esposa. Além disso, as mulheres (que devem ser genuinamente femininas, afáveis e discretas) não fazem parte da TFP.

Os traços “**desigualdade**” e “**hierarquia**” também estão presentes no enunciado acima: em “Justiça não é retribuir igualmente”, o pressuposto é que **a desigualdade é justa**: “quem de direito” (**baronesa** de educação aristocrática) deve receber uma “retribuição” do Estado; quem for “medíocre” **não deve ter a mesma** retribuição ou não deve ter retribuição.

Plínio Corrêa diz:

“um fator de hostilidade contra as elites tradicionais está no **preconceito revolucionário** que qualquer **desigualdade de berço é contrária à justiça**. Admite-se habitualmente que um homem possa destacar-se pelo seu mérito pessoal. Não se admite, porém, que o fato de proceder de uma **estirpe ilustre** seja para ele um **título especial de honra e influência**”. Cita Pio XII: “As desigualdades sociais, inclusive as ligadas ao nascimento, são inevitáveis. A natureza benigna e a benção de Deus à humanidade iluminam e protegem os berços, osculam-nos, porém não os nivelam”

- Plínio Corrêa falando sobre Pierre Toussaint:

“Como **escravo de católica família de nobres** franceses, proprietária de plantação de cana de açúcar em Saint Pierre (hoje Haiti), Pierre Toussaint **viveu feliz trabalhando na casa de seus donos**, sendo **encorajado por eles** a ler e escrever, devido à sua inteligência e precocidade. Quando o clima da Revolução Francesa atingiu aquela ilha, mudou-se ele **com seus senhores** para Nova York, onde aprendeu a profissão de cabeleireiro, na qual logo se notabilizou, tornando-se o preferido da elite local. Com isso pôde sustentar **sua dona** quando esta perdeu o marido e a fortuna”.

Encontramos nessa “homenagem” a Pierre Toussaint os traços “**hierarquia**” (escravo **fiel** aos senhores **nobres**: “sustentou sua **dona** quando esta perdeu o marido e a fortuna”) e “harmonia” (“viveu **feliz trabalhando** na casa de seus donos”; “**encorajado por eles a ler e escrever**”).

Plínio Corrêa diz:

“As **desigualdades de nascença são desejadas por Deus**, sendo legítimo tanto o **paternalismo** exercido pela nobreza junto a outras classes, quanto sua função de mantenedora dos costumes”.

Como vimos, parece que faz mesmo sentido a noção de Semântica global proposta por Maingueneau, que chama atenção para a necessidade de pensar globalmente a complexidade discursiva (1984:78): “**a lógica de nosso propósito** nos conduz a não restringir apenas ao domínio textual a validade do sistema de restrições semânticas próprias de um discurso”. Para Maingueneau (1984:80), como o enunciado, também o quadro, a obra arquitetônica, a música, estão submetidos por sua prática discursiva a um certo número de condições que definem sua legitimidade.

Veremos a seguir se o Sistema de restrições semânticas dos discursos da esquerda é compatível com a arquitetura selecionada, com as características do tipo de música selecionada, com as características do teatro selecionado.

## **2- Sistema de restrições semânticas globais de discursos da esquerda**

No capítulo anterior, vimos que, como movimento das esquerdas, o FSM tem os traços que são comuns aos vários discursos da esquerda – da mais radical à menos radical.

Os traços semânticos fundamentais encontrados no discurso do FSM, e, por extensão, no das esquerdas, são “**igualdade**” e “**vida**” (“**gente**”, “**cultura**”).

Numa publicação do caderno *Mais da Folha de São Paulo*<sup>66</sup>, “Brevíssimo dicionário de Política”, o verbete “esquerda” foi definido por historiadores, sociólogos e cientistas políticos. Encontramos nas definições a confirmação dos traços da esquerda como os propusemos nesse trabalho, como podemos verificar nos trechos em destaque:

(1) “Originalmente a palavra designava os atores que, durante a Revolução Francesa, defendiam uma radicalização se seus ideais de igualdade e liberdade – os jacobinos em primeiro lugar. Nos séculos seguintes esteve associada à idéia de revolução social. Hoje o termo não possui um sentido claro e

---

<sup>66</sup> *Folha de São Paulo*, 23-02-03.

unívoco na cena política internacional. Pode, no entanto, ser aplicado aos partidos e atores políticos para os quais **a comunidade prevalece sobre o indivíduo (individualismo)** na escolha das prioridades das políticas públicas.

Para eles **a igualdade** se estende, para **além de seu sentido jurídico, para o terreno das oportunidades sociais**. Outra idéia importante é a de que a **participação popular** ampliada é considerada parte essencial da vida política” (Newton Bignotto).

(2) “É de esquerda quem luta por **mais igualdade e liberdade**; a longo prazo, para mim, **quem luta pelo socialismo** (a distinguir do comunismo), sistema em que há Estado, direito e sem dúvida, propriedade privada; mas em que o capital é suprimido ou radicalmente neutralizado” (Rui Fausto).

(3) “Apesar da globalização e do colapso do socialismo, o contraste esquerda-direita continua válido, e o termo “esquerda” pode ser tomado como o favorecimento dos **valores da igualdade e da solidariedade, em vez da ênfase na ordem e eficiência da economia capitalista**, que seria própria da ‘direita” (Fábio Wanderley Reis).

(4) “Associada à causa republicana e depois ao socialismo revolucionário e ao estadismo, a esquerda pode hoje definir-se como posição política defensora dos **interesses dos pobres, excluídos e marginalizados**, em nome dos **ideais de justiça e crescente igualdade** e, para ser liberal-democrática, de direitos em constantes expansão ou atualização” (João Almino).

Como vemos, nas várias definições de “esquerda”, encontramos os traços: **“igualdade”, “vida” (“gente”)**, presentes no discurso do FSM.

Para tentar ilustrar a hipótese de uma “semântica global” desse discurso, materializado **em vários gêneros e em vários sistemas semióticos**, vamos analisar o discurso de pessoas entrevistadas pela revista *Caros Amigos*. Todas têm um histórico de ligação com a esquerda, um comprometimento com o social.

Na arquitetura, analisaremos o discurso de Paulo Mendes da Rocha e veremos que a arquitetura urbana que ele seleciona e a que ele rejeita são compatíveis com os traços de esquerda.

No teatro, analisaremos o discurso de Augusto Boal e veremos que o teatro que ele faz, que ele defende é compatível com os traços de esquerda.

Na música, analisaremos o discurso de Tom Zé e veremos que o tipo de música que ele faz, o público que ele busca são compatíveis com os traços de esquerda.

Da igreja, analisaremos o discurso de Dom Pedro Casaldáliga e de Leonardo Boff e veremos que o cristianismo que eles defendem têm os traços da esquerda.

Na fotografia, analisaremos os trabalhos de Tiago Santana e de Américo Vermelho, e veremos que os temas selecionados são compatíveis com os traços da esquerda.

## 2.1. Arquitetura

Paulo Mendes da Rocha é apresentado por Caros Amigos como: “arquiteto que une à técnica uma visão cósmica, espiritual, política do homem”. Seu passado político é comentado rapidamente: “nunca tive carteira nem fui militante, porque nunca quis. Mas passei mal também, fui cassado duas vezes. Primeiro, numa lista, demitido da USP, aposentado pelo AI-5. E quinze dias depois fui cassado de novo, quer dizer, saiu publicado no *Diário Oficial*, pelo AI-5, com praticamente a mesma lista”. A seguir, veremos trechos da entrevista concedida a *Caros Amigos* e procuraremos mostrar que o tipo de arquitetura urbana que Paulo Mendes da Rocha seleciona e a que ele rejeita são compatíveis com os traços de esquerda.

(1)Arquitetura da cidade de S.Paulo:

(a) ‘São Paulo não tem nada de fenômeno urbano, ela metodicamente se torna horrível pela especulação imobiliária, pela exploração de tudo como mercadoria. Você quer ver uma evidente virtude da natureza destruída pelo mercado e tida entre nós como supremo bem? O que a Ligth fez em São Paulo. Construir uma barragem hidrelétrica de 700 metros sobre o mar, sugar a água do Tietê através do Pinheiro, inverter tudo, jogar essa água lá pra baixo para produzir 800.000 quilowatts é uma besteira que não tem tamanho. Não se produz 1 quilowatt com água que não seja para beber depois, porque **senão é perder a virtude da água.**

(b) “No caso de uma cidade como São Paulo, viadutos, pontes, túneis, você vê que eles não têm nenhuma vontade de beleza. É uma estratégia puramente funcional, o tráfego passa mais depressa e são obras mal projetadas, malfeitas, não rendem nada. Túneis absurdos, porque é melhor entupir tudo de automóvel, que eles não andem, do que fazer um túnel. Era melhor fazer **mais redes de metrô.** Incentivar o tráfego de automóvel, transformar a cidade num autorama fantástico, não adianta nada.

Depois, quanto mais você imaginar o tráfego de automóveis de modo expedito, por cima de construções de estruturas urbanas antigas, mais você tem que pensar que o que fica por baixo é um vazio, um desastre. (...) O melhor é constatar que **o automóvel não é o transporte adequado** e arrumar outro tipo de transporte.”

Em (a), São Paulo é avaliada negativamente (“São Paulo não tem nada de fenômeno urbano, ela metodicamente se torna horrível”) devido à exploração de tudo como mercadoria, até a natureza (água). Verifica-se a presença dos traços **‘+vida’/ ‘-mercadoria’**.

Em (b), há uma crítica á arquitetura de São Paulo, avaliada negativamente (“não têm nenhuma vontade de beleza”), comparada a um “autorama fantástico” (viadutos, pontes, túneis “absurdos”) que passa por cima de construções de estruturas urbanas antigas e devasta tudo (“o que fica por baixo é um vazio, um desastre”). Condena o “autorama” que se tornou São Paulo e condena o que causou essa “arquitetura”: o automóvel, que é um meio de transporte individual/individualista. Como alternativa, propõe mais redes de metrô, que é um meio de transporte coletivo. Encontramos, então, o traço **“-hierarquia/+igualdade”**.

## (2) Espaço Público

– ‘Essa é uma questão mais particular, porque tudo é público. A idéia de espaço já envolve o público. Não há **espaço privado**. O conceito de espaço contém a dimensão pública, uma dimensão pública de seja o que for. Não há espaço privado, é público se é espaço’.

Em (2) encontramos a concepção de espaço público que, para Paulo Mendes da Rocha, é uma “tautologia” porque a noção de espaço contém a noção de público: “não há espaço privado (individualismo), é público (coletivo) se é espaço” . Há, então, o traço **“+ igualdade/- hierarquia”**.

### (3) Concepção de cidade:

- ‘Depois, essa Ligth botou um bonde, fez a linha ir para os arrabaldes, que não valiam nada, comprou tudo, loteou e vendeu **esses bairros horríveis que se dizem exclusivamente residenciais**. Como se você pudesse exclusivamente residir. “O senhor está fazendo o quê?” “Estou residindo...” Não tem sentido nenhum. (...) A cidade por si é o lugar absoluto para **conviver**. Havendo a cidade, você não precisa destacar muito o que é praça, o que é parque. O **povo**, com sua ação, inaugura o lugar. (...) A minha idéia de dizer que a **praça é do povo**, como o céu é do condor, é que ele ocupa a praça quando quiser.

(...) E cadê o bar? A alegria dos homens... A grande questão que também está envolvida em tudo isso, **nessa má disposição espacial**, é reproduzir e manter a aflição da população, porque é mais fácil dominar, submeter uma população aflita. O camarada que sabe que vai levar duas horas para voltar pra casa sai do trabalho como um cachorro correndo pra entrar nas filas, é diferente do camarada que desce e diz: “Bom, de cinco em cinco minutos, passa o metrô, vou até a esquina encontrar com meus amigos, e tomo um chope”. E conversa, troca idéias, a cidade é o lugar da serenidade da troca de idéias, que é a **dimensão pública** justamente da experiência tornada projeto. Ele não volta pra casa, telefona, chama a mulher pra jantar ali e, depois, vão ao cinema, voltam no último metrô, coisas assim. Você fica dono do seu espaço, cria novos espaços porque é dono do seu tempo’.

A concepção de cidade de Paulo Mendes da Rocha inclui a noção de coletividade (Traço: ‘**-individualismo**’/ ‘**+gente**’): “a cidade por si é o lugar absoluto para conviver”, todos os diferentes vivendo juntos. Em “A minha idéia de dizer que a praça é do povo (Traço: ‘**+ igualdade**’), como o céu é do condor, é que ele ocupa a praça quando quiser”, há uma comparação: praça/céu; povo/condor cujo elemento comum é a de autonomia: a cidade, a praça é de todos e todos têm o direito de ocupar quando quiser. Condena, portanto, os bairros “exclusivamente” residenciais, em que não pode circular livremente quem quiser (“bairros horríveis que se dizem exclusivamente residenciais”). Condena também os “subúrbios de pobres”, os condomínios e shoppings, como veremos adiante.

### (4) Cidade: lugar para todos morarem de modo igual

‘O Niemeyer vai fazer 100 anos, está com 94, 95 anos. Viu um século todo. Olha quanta coisa. E esse artista, a dimensão dessa visão artística não começou de um modo para acabar de outro. As obras dele estão aí. **Realiza velhos e antigos sonhos**. Realizar sonhos antigos é o que o homem tem a fazer, e a

**cidade é um dos mais antigos sonhos do gênero humano, um lugar para todos morarem de modo igual.'**

Confirmando sua concepção de cidade, elogia Niemeyer, que idealizou Brasília, cujo plano tem os traços da arquitetura urbana defendida por Paulo Mendes: casas iguais, com quintais voltados para uma praça comum, comércio próximo ([Niemeyer] Realiza velhos e antigos sonhos. Realizar sonhos antigos é o que o homem tem a fazer, e a cidade é um dos mais antigos sonhos do gênero humano, um lugar para todos morarem de modo igual). Encontramos na arquitetura urbana defendida por Paulo Mendes e executada por Niemeyer os traços **“+ igualdade/ - hierarquia”**.

(5) Arquitetura Urbana elogiada

“O prédio exemplar, para você não pensar que são quimeras, feitas em São Paulo, seria o Conjunto Nacional, que **realiza o espaço do pedestre, livrarias, cinemas, teatros, cafés** etc. O Copan é habitação popular e também embaixo é comércio, cinema, teatro etc., **senão você não realiza a cidade.**”

Ainda de acordo com sua concepção de cidade, há em (5) um elogio ao Copam em São Paulo, que tem casas e comércio próximos, opondo-se a “exclusivamente residencial”. Para Paulo Mendes, para ser cidade, tem de haver convivência, coletividade e não “coisa isolada”.

Podemos confirmar essa concepção de arquitetura urbana em (6), no elogio a certas correntes da arquitetura: “A corrente interessante que há na arquitetura é mesmo advinda dessa consciência de que o espaço da cidade é a questão”; “A cidade são eventos efetivos da população”.

**(6) Correntes interessantes surgindo na arquitetura**

‘A **corrente interessante** que há na arquitetura é mesmo advinda dessa consciência de que o **espaço da cidade é a questão**. Que o **edifício como coisa isolada em si pode destruir a cidade**. (...) Acredito que se devia olhar as **razões da cidade** e principalmente a evidência dos malefícios que produzem o seu desastre, por exemplo, a questão do tráfego. Essa **desorganização de bairros “exclusivamente residenciais”** que só revelam justamente o que é a manifestação do horror. Assim que a liberdade e o **espaço democrático** se estabelecem na cidade, a classe dominante foge. Quando o metrô entrou, o pessoal abandonou aquilo. Portanto, a idéia de que a cidade degenera é porque ela é abandonada, rejeitada. Você não constrói uma cidade com “arquiteturas”... Não adianta enfeitar a cidade. **A cidade são eventos efetivos da população**: teatros, cinemas freqüentados etc. Quem não conhece ou não aceita como virtude descer do elevador – suponhamos, para imaginar um espaço fisicamente configurado, a rua São Luiz – e a pé vai ao teatro da Aliança Francesa ou ao teatro do Edifício Itália, dez, vinte teatros a pé, depois escolhe o restante onde quer jantar? Ou desce domingo e vai comprar o jornal na banca? Ou você prefere ir morar num bairro estritamente residencial, cercado de uma trupe de polícia particular armada até os dentes e cachorros amestrados, para ficar tomando banho na sua piscina particular? É uma coisa meio idiota do ponto de vista do que seja civilização contemporânea, **você não estar com os outros**’.

Em 6, os traços reivindicados para uma arquitetura urbana são: **“+igualdade/-hierarquia”**. Há uma rejeição ao “edifício como coisa isolada”, aos “bairros exclusivamente residenciais”. E há uma reivindicação, pedindo mais espaço para “as questões da cidade”, com o espaço democrático para “estar com os outros”.

Em (7), temos a condenação a condomínios, o que está de acordo com a concepção de cidade defendida em (4) e (5).

#### (7) Condomínios-Alphaville

‘Já deu errado. **É uma coisa idiota, custa muito caro essa vida, tem que pagar guarda, segurança, condomínio, uma coisa idiota, e desmantela com a idéia da cidade, mas principalmente produz gerações de imbecis**. Acho que os meninos que vivem, estudam, se formam e crescem nesse lugares vão acabar comendo em praça de alimentação distribuída por caminhões com favos de aveia, de sucrilhos, granola.

Ou seja, o cara vem até o *shopping*, compra no *shopping*, volta pra Alphaville, de carro com vidro blindado é um mundo de terror, eles **vivem em cápsulas**, parece coisas de filme de ficção científica.

**Uma degenerescência é a transformação da cultura e do indivíduo** também, porque Alphaville é fruto do medo, o *shopping* é fruto do medo e da **individualidade, uma coisa de nenhuma solidariedade, é só pensando no indivíduo.**'

Para Paulo Mendes, uma das causas do desmantelamento das cidades é o crescimento de condomínios, que são, portanto, condenados. (“É uma coisa idiota, custa muito caro essa vida, tem que pagar guarda, segurança, condomínio, uma coisa idiota, e desmantela com a idéia da cidade”).

Essa separação, esse distanciamento condomínio/cidade é criticado (“o cara vem até o *shopping*, compra no *shopping*, volta pra Alphaville, de carro com vidro blindado é um mundo de terror, eles vivem em cápsulas, parece coisas de filme de ficção científica.”) e nessa crítica temos a condenação a esse distanciamento, a esse individualismo, a essa diferenciação entre os que estão na cidade convivendo e os que estão “em cápsulas”. Encontramos, então, o traço “+ **igualdade/ - hierarquia**”.

#### **(8) shopping centers.**

‘[shopping centers ] É um **desmantelamento**. É outro **instrumento contra a cidade**. Você tirar da cidade a novidade do comércio. Você vê esses bairros exclusivamente residenciais e a idéia de liberdade da cidade. Se você se puser na esquina da avenida Ipiranga com a rua São Luís e ficar o dia inteiro lá, depois mesmo se sentar na sarjeta e ler um livro, não acontece nada. Se você for lá para esses bairros tidos como exclusivamente residenciais, no Morumbi e coisa assim e ficar em pé na esquina dez minutos, vêm quatro jagunços armados perguntar o que você está fazendo ali. E, se você disser que não está fazendo nada, o cara já pega um celular e acha que é um perigo ao vivo o cara não esta fazendo nada. Parece bobagem, mas é **um absurdo incrível**. A cidade é por si, ao se fazer, **democrática**. Ela não tem desenho, a não ser sendo democrática. Ela é de todos, inclusive, numa desgraça sem dúvida nenhuma, você vê que se pode dormir no meio da rua.

(...) O *shopping*, o confinamento de qualquer tipo de atividade, do ponto de vista da idéia da cidade, é negativo. Ele pressupõe, **favorece a discriminação**, é fácil você dizer quem entra e quem não entra num centro de compras hermeticamente fechado, com ar-condicionado e tudo aquilo. Ao passo que a rua é do povo. A cidade do centro de compras fechado é uma aberração’.

Outra causa do desmantelamento das cidades, para Paulo Mendes, são os shoppings. Eles são, portanto, condenados porque “desmantelam” o comércio, deixam tudo vazio e “geram” os bairros residenciais que acabam com a democracia, que é um valor da cidade (“[a cidade] Ela é de todos, inclusive, numa desgraça sem dúvida nenhuma, você vê que se pode dormir no meio da rua.”). Em “Ele (o shopping) pressupõe, favorece a discriminação, é fácil você dizer quem entra e quem não entra num centro de compras hermeticamente fechado, com ar-condicionado e tudo aquilo. Ao passo que a rua é do povo”, encontramos na crítica feita o traço “+ **igualdade/ -hierarquia**”.

**(9) - Planejamento da cidade: ricos *versus* pobres**

‘Tentar não espalhar a cidade dessa maneira **idiossincrática e tola de que a casa do pobre tem que ficar no subúrbio, no arrabalde.**

É que essa casa tem que estar nas áreas centrais, que já têm rede de esgoto, águas pluviais, telefonia, iluminação, escolas, hospitais, transportes e trabalho. No mundo inteiro há essa preocupação e algumas iniciativas nessa direção: recuperar prédios abandonados e velhos para habitação moderna, porque toda habitação nós devíamos dizer que é popular. Mais ou menos, **todos moramos em habitação popular.** Porque precisa pensar o seguinte: não é possível fazer uma água potável popular, mais ou menos potável. Não é possível fazer um quilowatt popular, já imaginou um quilowatt meio mambembe, que pisca pra lá e pra cá, dá curto-circuito... Não é possível fazer um avião mambembe, um avião de Segunda. Você consegue é comprimir todo mundo doze horas amarrando, mas o avião é um só. Portanto, o êxito do empreendimento é que dá a qualidade do empreendimento. E, no caso da casa, ela é necessariamente popular. Nem se imagina uma rede de esgoto popular. É impossível. Então, é tão **grotesca** essa **diferenciação tola** que você acaba descobrindo que não é possível distinguir desse modo as virtudes da técnica.’

Em (9), há explicitamente a condenação da separação entre (coisas de) pobres *versus* (coisas de) ricos: “é tão grotesca essa diferenciação tola que você acaba descobrindo que não é possível distinguir desse modo as virtudes da técnica. Encontramos, então o traço “+ **igualdade/ - hierarquia**”.

**(10) relação, na realização de uma obra, com os operários**

‘Nós todos [arquitetos] necessariamente freqüentamos essa **divisão bastante sórdida** até o ponto de uma extrema pobreza. Esse operário da construção civil que chega às 7 horas da manhã para trabalhar, você não sabe de onde eles vêm, porque construções estão em toda parte. Onde está a obra, ele tem que se deslocar para lá. É outra condição terrível da **indústria da construção**. Mas não há de ser só com medidas de caráter social que você resolverá esses problemas. Você também tem técnica, máquinas, e vai melhorando pouco a pouco a condição do operário. Até outro dia, você construía carregando concreto, em rampa de tábua, com carrinho mão, hoje você bombeia concreto etc. É uma condição que está aí, mas o que dá **lucro** para a especulação imobiliária, em grande parte, é o quanto é barata a mão-de-obra, porque o operário da construção civil não ganha nada. Então, a especulação de tudo isso, no fundo, é uma prevalência da **exploração do homem pelo homem**’.

Em (10) a “indústria da construção” é condenada (“a especulação. de tudo isso, no fundo, é uma prevalência da exploração do homem pelo homem”), como também é condenada (“sórdida”) a condição dos operários numa obra: defende a melhoria social e técnica dos operários de obras. Encontramos, então, valorizado os traços “- mercadoria/+gente.”

## 2.2. Teatro

Augusto Boal é o criador do Teatro do Oprimido, apresentado por *Caros Amigos* como “método conscientizador adotado já em setenta países, mas ignorado por este Brasil de hoje.” *Caros Amigos* acrescenta: “Pudera, é um país obcecado pelo “mercado”, por que iria se interessar pelo oprimido ou por alguém como Augusto Boal?”

A seguir, analisaremos trechos da entrevista concedida a *Caros Amigos* e procuraremos mostrar que o tipo de teatro que Augusto Boal faz é compatível com os traços de esquerda: protagonista e platéia juntos; na rua, de graça. Nos trechos seguintes Augusto Boal fala sobre seu teatro:

### (1) Platéia e protagonistas juntos

**Augusto Boal** – ‘No teatro do Oprimido tem uma parte, a mais conhecida, que é o Teatro Fórum. No Teatro Fórum, você apresenta uma cena com um problema, depois reapresenta a mesma cena e o **espectador substitui o protagonista**, e improvisa soluções. Um segundo espectador, um terceiro, um quinto ou um décimo podem entrar em cena, mudar tudo e tentar, nesse combate com os personagens em cena, ver soluções. Esse é mais conhecido. Tem o Teatro Invisível, em que você prepara uma cena e vai para o supermercado, a rua, o metrô, ou dentro de um ônibus, e representa a cena a não fala a ninguém que é teatro. **Todo mundo vê uma cena, mas pensa que é uma coisa espontânea, e então participa disso**, essas formas são as mais conhecidas.’

Em (1), quando se fala do Teatro do Oprimido e do Teatro Fórum, há a valorização da participação do espectador, que é colocado no mesmo nível do protagonista. Não existe a separação platéia, expectador/ator, protagonista: no Teatro do Oprimido, o expectador entra na cena e no Teatro Invisível, o expectador também entra em cena, mesmo sem saber. Não temos atores no palco e platéia assistindo. Temos atores na rua - como veremos em (2) e expectadores entre eles, participando. Podemos identificar o traço “**-hierarquia, +igualdade**” nesse tipo de teatro, portanto.

## (2) Diálogo, Teatro feito na rua

Sérgio de Souza – ‘Como você poderia definir o que é Teatro do Oprimido?’

Augusto Boal – ‘Oprimido, pra nós, é que em toda relação humana devia ter **diálogo**. Quer dizer, homens e mulheres deviam dialogar. Brancos e negros deviam dialogar. Hemisfério norte e hemisfério sul deviam dialogar. Mas todo diálogo se converte em monólogo. Então é verdade, sim, que os homens oprimem as mulheres, que os brancos oprimem os negros: no hemisfério norte, então nem se fala. O Brasil, no ano passado, pagou 84 milhões de dólares de interesse da dívida externa e gastou 10 ou 12 com educação, 8 ou 10 com saúde. O que é isso se não é maior pressão do mundo? **Existem opressões de todos os tipos. Em todas deveriam existir o diálogo**, mas ele cede lugar a um monólogo. Então, quando você é **despossuído do direito de falar, do direito de ter a sua personalidade, do direito de ser**, isso é o oprimido. Ano passado, a gente tinha vários grupos, e eu vivo dizendo pra eles que eles são teatro, mesmo que não façam teatro, porque ser teatro é você trazer em você o ator, porque você age, então você é um ator. Mas você é observador da suas ações. O gato, mesmo olhando no espelho, não descobre que aquela imagem é dele. E a gente, mesmo não tendo um espelho, sabe como é que está. A gente está vendo mesmo não tendo espelho, não é isso? Então eu falava: “Vocês são teatro, mesmo que não façam. Mas vocês também fazem teatro”. Aí, um dia, eles chegaram pra mim e disseram: “Escuta, você vive falando pra gente que a gente faz teatro, que a gente é teatro, mas a gente

**só representa na rua, no Aterro do Flamengo, e nunca dentro de um teatro.** Então vamos fazer dentro de um teatro”. Eu não queria porque achava que não seria necessário. Mas eles insistiram tanto, então vamos fazer.’

Ao tentar definir o teatro do Oprimido, Boal mostra que um traço necessário para as relações humanas é o diálogo. Diálogo implica troca de idéias e para isso ser possível é necessário que os dois lados tenham voz, ou então o diálogo se converte em monólogo. Encontramos aí o traço “**+igualdade/-hierarquia**”. Boal condena essa não igualdade que converte o diálogo em monólogo e despersonaliza as pessoas (“quando você é despossuído do direito de falar, do direito de ter a sua personalidade, do direito de ser, isso é o oprimido”), novamente encontramos o traço ‘**+gente**’.

O teatro do Oprimido dá voz aos oprimidos, o teatro é feito na rua com todos participando. Não há palco e platéia. Encontramos nesse tipo de teatro o traço “**+igualdade/-hierarquia**”.

### (3) Experiência do Teatro Oprimido com o pessoal de favela

Sérgio de Souza – ‘Teatro com Pessoal de favela?’

Augusto Boal – ‘De **favela, empregadas domésticas**, grupos em geral. Temáticos ou de comunidade. Eles queriam que a pessoa, mesmo que não tivesse dinheiro, fosse na bilheteria pegar o ingresso. Cumprir o ritual. Aí, rasgado o ingresso, entra, senta e depois sobe o pano. Aí fizemos no Teatro Glória, foi ótimo, maravilhoso. No Domingo, último dia, as empregadas domésticas se apresentaram. Um sucesso, todo mundo gostou e tal, vieram me dizer que uma delas estava chorando. Fui ver: “Por que você chora se está tudo indo tão bem”? Então ela me contou uma coisa maravilhosa. Falou que era empregada doméstica. E, **como empregada doméstica era ensinada a ser invisível**, porque tinha de cuidar da crianças, dar banho, preparar, levar pro carro que vinha buscar pra ir pra escola etc. E quem fez isso foi a empregada doméstica que ninguém deve ver. Agora, a comida: a comida é feita na cozinha, a comida vem pra mesa, os pratos vão embora, são lavados, quem é que fez? A empregada invisível, quer dizer, ela não existe. E ela tinha de ser surda e muda porque, se num jantar tem pessoas conversando, ela não pode dizer: “Não, não concordo com você. Eu acho que...”. A empregada não ouve nada e não fala. Aí, ela disse: “E hoje à tarde, quando eu estava ensaiando, tinha um homem me pregando um microfone de lapela e dizendo: “Olha, fala bem forte porque a tua voz tem de ir até lá em cima, até a última fila do balcão. Então, você fala forte!” Eu, que sou muda, de repente tinha um microfone pra que todo mundo me ouvisse. Eu, que sou invisível, tinha um cara que falava: “Vem

mais pra cá, porque a luz vai pegar você aqui e eu quero ver que cor e tal”. Eu, que era invisível, tem um cara me iluminando pra que todo mundo me veja. Muda e surda, todo mundo está cuidando de mim pra que eu exista. E o genial é que, na hora em que eu estava representando, fiquei muito emocionada, porque na platéia estava a família, pra quem eu trabalho, no escuro. Me vendo e me ouvindo”. Aí falei: “Então, você deveria ficar feliz!” Ela disse que foi “realmente a primeira vez que eles viram meu corpo, ouviram a minha voz e entenderam o que eu penso”. Perguntei: “E por que você chorou?” ela falou: “**É porque, quando voltei pro camarim, olhei pro espelho e vi uma mulher**”. **Eu disse: “Claro que você viu uma mulher, você olhou no espelho!” E ela: “Mas antes eu olhava no espelho e via uma empregada doméstica. E agora, pela primeira vez, olhei e vi uma mulher**”. **Achei aquilo extraordinário!** ‘

O Teatro do Oprimido se compromete com os que não têm voz. Conta-se em (3) a experiência de Boal trabalhando com pessoal de favela, empregadas domésticas, e a narração de uma oprimida, passando a ter voz, passando a ser gente e não mercadoria, robô dos patrões: “Eu, que sou muda, de repente tinha um microfone pra que todo mundo me ouvisse. Eu, que sou invisível, tinha um cara que falava: “Vem mais pra cá, porque a luz vai pegar você aqui e eu quero ver que cor e tal”. Eu, que era invisível, tem um cara me iluminando pra que todo mundo me veja. Muda e surda, todo mundo está cuidando de mim pra que eu exista. E o genial é que, na hora em que eu estava representando, fiquei muito emocionada, porque na platéia estava a família, pra quem eu trabalho, no escuro. Me vendo e me ouvindo”. Encontramos nesse enunciado os traços: “**+gente/ -mercadoria; +igualdade/ -hierarquia**”

### 2.3. Música

Tom Zé é apresentado por *Caros Amigos* como: “um espetáculo de criatividade, música, inteligência, muito humor e, **principalmente, superbrasileiro**”. Na análise a seguir, veremos que o que a revista considera “**superbrasileiro**” e o que Tom Zé considera sua raiz, inspiração para suas músicas, é muito diferente do que a TFP considera

brasileiro<sup>67</sup>. Como veremos, o tipo de música que ele faz, os compositores que admira, o público que ele busca são compatíveis com os traços de esquerda. Nos trechos seguintes temos Tom Zé falando sobre sua música e sua vida:

(1) Tipo de composição: traços populares e não eruditos

Tom Zé – ‘A **nata da vanguarda** européia de música estava lá me ensinando enquanto o Brasil morria de fome. Muito bem, começo – passei por tudo isso, mas gosto de dizer assim: o que é que eu componho? Toda vez que sento pra compor, eu **quero fazer aquela música que ouvi lá na Fonte de Natação**.

José Arbex Jr. – Um sujeito que vem numa entrevista, cita toda a história da música desde a Idade Média, dá uma aula de estrutura melódica não é intelectual?

Tom Zé – Desculpe, parece que estou querendo ser humilde, não é? O que eu quero defender é que tem outro tipo de inteligência que eu persigo, que é uma **inteligência que não é cartesiana, nem mede níveis de QI**. Eu venho aqui como um antiintelectual, como uma coisa qualquer, que não tem nome ainda (*risos gerais*), mas fico observando coisas.

(...) Eu acho que é importante trazer isso, para poder argumentar que **eu não vivo como intelectual**. Eu passei a ter, também, os recursos da capacidade de ler e de receber informações pela leitura. Mas, antes, eu fui treinado em outra coisa. **E a coisa que eu treinei antes está mais em mim do que a que aprendi depois**. Os meus elos aos oito anos são mais fortes do que dos oito anos prá cá. Quem sabe es estaria fazendo outra coisa? Vamos fazer uma brincadeira? Eu, depois dos oito anos, **estudei música, estudei dodecafonía, estudei politonalidade, serialismo, o pós-moderno da escola de Viena, estudei tudo isso como bolsista**, como cê-dê-efe filho da mãe. E eu **não fiz nada disso. Não faço, não me interessa**. Eu acho que isso já foi feito, já acabou. De todo modo, acho que é um argumento interessante sobre isso de eu não ser intelectual. Não é que eu ache que é vergonha. Eu gostaria muito de ser.’

Em (1), Tom Zé fala sobre sua música: apesar de ter estudado com “a nata da vanguarda”, quando compõe busca não os traços da “nata”, mas os traços ouvidos na Fonte da Nação, busca a música de sua região e não da “nata da vanguarda européia”. Encontramos no discurso de Tom Zé sobre sua música a valorização não do erudito, mas do popular, acessível a todos: traço ‘- hierarquia’/ ‘+ igualdade’.

<sup>67</sup> Na seção “Brasil Brasileiro, Brasil real” de *Catolicismo*, encontramos, por exemplo, elogios a “hábitos nobres” ainda presentes na cultura brasileira.

(2) Público alvo:

‘Desculpe, eu quero falar de uma coisa importante. Vamos ver se sou capaz. A empregada lá em casa, **Agostinha**; os empregados da farmácia; os **amigos** do ponto de taxi, converso com essas **pessoas, essas pessoas todas são meu público-alvo**. Porque o tipo de inteligência a que me refiro e **que procuro na minha música** não é uma inteligência cartesiana, que a universidade ensina. **As pessoas do povo têm uma inteligência que a gente ignora, uma inteligência não-cartesiana, não-aristotélica. Eu trabalho pra elas**. Tanto que fui cantar no festival Abril Pro Rock onde só tinha moleques de dezoito anos, semi-analfabetos, meninos empregados de sorveteria, mocinhas que trabalham em casa de família e todo mundo se lavou de rir. Por quê? Minha música não mudou, eu não fiz nenhuma concessão: cantei *Nave Maria*, cantei *O Dólar Moeda Falsa*’.

Em (2), Tom Zé delimita ‘ seu público: a empregada de sua casa (e dá o nome dela: **Agostinha**); os empregados da farmácia; os **amigos** do ponto de táxi. Pessoas não com uma inteligência cartesiana, “**mas com uma inteligência que a gente ignora, uma inteligência não-cartesiana, não-aristotélica**”. Como vimos, sua música valoriza o popular e não o erudito, e seu público é o povo e não os “eruditos” (“Porque o tipo de inteligência **que procuro na minha música não é uma inteligência cartesiana, que a universidade ensina**”). Encontramos aí o traço “**+igualdade/ -hierarquia**”.

(3) Músico que admira:

‘Zé Miguel Wisnick é meu amigo, Zé Miguel é **um intelectual no bom sentido**. Porque Zé Miguel é uma **pessoa humilde, que fala para todos**. ‘

Em (3), vemos que ‘ Tom Zé valoriza em Wisnick sua humildade, “falar para todos”. Encontramos a valorização do músico que toca para todos, e não só para um elite, para “os eruditos”. Há, então, o traço “**+igualdade/ -hierarquia**”.

## 2.4. Igreja

- Dom Pedro Casaldáliga

Dom Pedro Casaldáliga é apresentado assim por *Caros Amigos*: “Ele é um mito. Escolheu a vida heróica e a defesa dos mais pobres nos confins da Amazônia, por isso foi preso, presenciou a tortura e o assassinato, sofreu cinco processos de expulsão do país, foi jurado de morte, escapou de tocaias, respondeu a inquérito militar, um núncio e um arcebispo recomendaram que fosse expulso da Igreja por ser ‘subversivo’. Nasceu na Catalumba e está há trinta anos no Brasil, no mesmo palácio episcopal – uma casinha de adobe caiada de branco - de sua prelazia<sup>68</sup> de São Felix do Araguaia, no sertão do Mato Grosso. Guerrilheiro desarmado, crítico intransigente do latifúndio e do neoliberalismo”

A seguir, veremos trechos selecionados da entrevista concedida a *Caros Amigos* e procuraremos mostrar que o tipo de cristianismo que ele defende tem os traços da esquerda. Nos trechos seguintes, Dom Pedro Casaldáliga fala sobre sua posição em relação a Igreja Católica. Como veremos, *Catolicismo*, com sua semântica, não tem como aceitar a “esquerda católica”, já que os traços são incompatíveis:

(1) Posição sobre a Hierarquia na igreja:

Roberto Freire – ‘**A hierarquia da Igreja é muito semelhante à hierarquia do Império**’.

Dom Pedro Casaldáliga – ‘E os títulos. Por exemplo, **eu acho ridículo chamar de “excelência”, “excelentíssimo”**. Se alguém me chama de excelência, acho que estão gozando de mim. (*risos*) Como também não chamo o papa de Santíssimo Padre.

(...) **Quanto mais poder perde a Igreja, mais dignidade e autoridade ganha(- hierarquia)**.. Evidentemente temos que ter uma certa infra-estrutura para trabalhar; tudo bem, somos humanos. Agora, **o poder, a força, a prepotência**. Por isso **gostaria que o papa não fosse chefe de Estado**, que o Vaticano fosse um reduto e tudo bem. O papa tem dois mil, três mil funcionários, poderia ter duzentos e bastava, e dava mais folga e mais corda às igrejas particulares, às conferências episcopais. Isso será um dia. Nós reclamamos agora de falta de sacerdotes. **A mulher vai ser sacerdote, e bispo também, e papa. Não tem nada na fé cristã que impeça isso**’.

---

<sup>68</sup> diocese de poucos recursos, na linguagem eclesiástica

Em (1), Dom Pedro Casaldáliga posiciona-se contrariamente à hierarquia e aos títulos na igreja (“eu acho ridículo chamar de ‘excelência’, ‘excelentíssimo’ ”). Em “Quanto mais poder perde a Igreja, mais dignidade e autoridade ganha”, o pressuposto é que a Igreja com muito poder, na lente da esquerda católica, tem menos dignidade e autoridade. Dom Pedro Casaldáliga condena o poder, a força, a prepotência e, em decorrência disso, o fato de o papa ser chefe de Estado. Ainda em (1), condena o fato de a Igreja Católica excluir a mulher de sua hierarquia. Traço presente: “- **hierarquia/+igualdade**”.

(2) posição em relação à Teologia da libertação:

Ricardo Kotscho – ‘Quais são as perspectivas da Teoria da Libertação, hoje,?’

**Dom Pedro Casaldáliga** – ‘O problema não está na Teologia da Libertação, está nas realidades que ela detecta e **denuncia**. Em última instância, ela é a teologia cristã. É a sistematização do pensamento acerca de Deus, da **relação da humanidade com Deus**. Mas é a teologia cristã a partir da realidade da América Latina, cheia de opressões, de cativo, nas perspectivas do pobre, do oprimido, do marginalizado, contando com tudo o que na América Latina significa cativo. **Não é só na pobreza individualizada, é a pobreza estruturada, também é o colonialismo**’.

Em (2), o cristianismo que Dom Pedro defende é o cristianismo ligado aos oprimidos. Se a Teologia da Libertação está do lado dos oprimidos é porque há o cristianismo que não está do lado dos oprimidos, mas dos que oprimem. A teologia da Libertação, para ele, significa “teologia cristã (sistematização do pensamento acerca de Deus, da **relação da humanidade com Deus**) a partir da realidade da América Latina, cheia de opressões, de cativo, **nas perspectivas do pobre, do oprimido, do marginalizado**, contando com tudo o que na América Latina significa cativo”. Encontramos aí o traço “-**hierarquia/+igualdade**”.

(3) Sistema político que defende:

**Dom Pedro Casaldáliga** – ‘Acho que o capitalismo neoliberal, **não pode ser democrático**, por definição. Não pode, não pode. O Ignacio Ramonet, no livro *O Mundo sem Rumo*, diz: “Estamos chegando cada vez mais à conclusão de que realmente o neoliberalismo é o fim da democracia”. Entendendo por democracia não apenas uma democracia eleitoreira, depositar o voto na hora H.,

**entendendo por democracia uma democracia cultural, social, política, econômica.** Quanto à propriedade privada, estou de acordo, desde que não seja privatista, e menos ainda privadora. Numa CPI na década de 70, me perguntava um deputado católico, não me lembro quem é, até com certa sinceridade: “Então o senhor é contra a propriedade?” Eu respondi: “Não, não sou contra a propriedade, se você pode ter trinta ou quarenta camisas e todo mundo pelo menos dez ou quinze. Agora, se você tem cinquenta camisas e cinquenta milhões não tem nenhuma, aí sou contra’.

Para Dom Pedro Casaldáliga, capitalismo neoliberal e democracia são **conceitos incompatíveis**. Se democracia, para ele, é democracia cultural, social, política, econômica, então no neoliberalismo não existem esses valores, condena, pois, o neoliberalismo. Encontramos, então, o traço **“+igualdade/-hierarquia”**.

Em “Quanto à propriedade privada, estou de acordo, desde que não seja privatista, e menos ainda privadora”, o pressuposto é que há a propriedade privada que priva a vida e dessa ele é contra. Como veremos, a esquerda católica se coloca do lado dos “sem-terra”, enquanto a direita católica abomina. Encontramos, então, o traço **“+igualdade/-hierarquia”**.

(4) Defende uma igreja compromissada com o social:

**‘Precisamos resolver o problema da terra, da comida, da educação, da comunidade** etc. Talvez o nosso pecado seja pensarmos primeiro politicamente e só depois socialmente. Devemos fazer o contrário, pensar primeiro socioeconomicamente, e depois politicamente. De vez em quando me perguntam: “Então o senhor é a favor do socialismo?” “Sim”. “De que tipo de socialismo?” **“Eu quero que se socialize a terra, até certa medida; a saúde, a educação, as comunidades, as oportunidades de lazer, eu quero que se socialize o universo, se socialize a vida.** “Por exemplo, quando falávamos o que falam os sem-terra, éramos comunistas, e a própria Igreja às vezes nos condenava. Hoje o próprio Vaticano está vendo. Estou plenamente convencido de que não há paz no mundo até que não haja realmente **distribuição de terra, distribuição de renda e distribuição de ciência**. Por que o Brasil não poderia ter um limite para a propriedade da terra? A fazenda Suiá-Missu, lá no Mato Grosso, começou com o Ariosto da Riva com um milhão de hectares. O que fizeram? Desmataram, desmataram, desmataram. Na época da repressão mais violenta, eu cobrei do pessoal do SNI que me mostrassem uma fazenda em toda a Amazônia Legal que, primeiro, respeitasse a lei de desmate; segundo, que produzisse o que deveria produzir. E que empregasse os braços que se supunha deveria

empregar. Nenhuma fazenda! (...) Eu acredito no Deus da vida, acredito no **Deus da fraternidade universal**, acredito no Deus da justiça, acredito no Deus da liberdade’.

Em (4), Dom Pedro Casaldáliga fala sobre o tipo de cristianismo que defende: “Eu acredito no Deus da vida, acredito no **Deus da fraternidade universal**, acredito no Deus da justiça, acredito no Deus da liberdade”. A igreja que ele defende é uma igreja engajada nos problemas sociais: “**Precisamos resolver o problema da terra, da comida, da educação, da comunidade**” e defende o socialismo que é definido por ele em: “**Eu quero que se socialize a terra, até certa medida; a saúde, a educação, as comunidade, as oportunidades de lazer, eu quero que se socialize o universo, se socialize a vida.**” Encontramos nesse cristianismo o traço “+ igualdade/-hierarquia.”

**A seguir, analisaremos trechos da entrevista de um outro nome ligado a esquerda católica.**

-. Leonardo Boff

Leonardo Boff é apresentado por Caros Amigos como “O teólogo brasileiro que fez Roma tremer. A crítica arrasadora do Vaticano. A proposta construtiva, de uma nova Igreja”.

Nos trechos seguintes, Leonardo Boff fala sobre a igreja em que ele acredita e de sua posição em relação à hierarquia na igreja católica: tentaremos mostrar que o cristianismo que Boff defende também tem os traços da esquerda.

(1) Igreja que Boff defende: sem hierarquia

**Leonardo Boff** – ‘Uma frase que sempre guardo dele (pai de L. Boff) é: “A Igreja Católica vive daquilo que Jesus não quis”. Isto é, **poder, instituição, aparato**, e dizia: “A referência nossa tem de ser a Bíblia, porque ela é a palavra de Jesus, **lá você não vê poder, não vê nada disso**”

(...) atualmente, depois de estabelecimento da infalibilidade do papa, nenhum réu pode ter direito a defesa, porque não se pode partir do princípio de que a **autoridade eclesiástica** esteja equivocada. Então, não existe direito à defesa, é o único tribunal do mundo onde isso acontece.

(...)é o **arbítrio do príncipe**, que é o papa, que quer assim, do cardeal, que quer é assim, você está entregue a eles.

(...) E na Igreja nós temos um poder altamente autoritário, no *cânon* que fala dos poderes do papa e um **poder absoluto, ilimitado, universal, sobre cada cristão, sobre toda a Igreja**, e infalível, se você risca papa e bota Deus, vale. Ele atribui a si característica divinas. Então é um poder que se chama em teologia *totatus dictatus papa*, “ditadura do papa”, expressão latina que se criou no século 14: é o *dictatus papa* – bem traduzido literalmente traduzido, “a ditadura do papa”. Então é essa perspectiva de um **poder altamente centralizado, piramidal e totalitário**’.

Em (1), Boff defende a igreja de que ele faz parte, por oposição à igreja que o condenou. Em “A Igreja Católica vive daquilo que Jesus não quis, isto é, **poder, instituição, aparato**” e “A referência nossa tem de ser a Bíblia, porque ela é a palavra de Jesus, **lá você não vê poder, não vê nada disso**”: o texto contrapõe a Igreja Católica tradicional (poder, instituição, aparato) à Teologia da libertação (não vê poder, não vê nada disso). Boff condena, pois, a **hierarquia** na igreja católica: condena o poder do papa (infalibilidade papal, “um poder absoluto, ilimitado, universal, sobre cada cristão, sobre toda a Igreja”), comparada ao arbítrio do príncipe. Essa crítica é uma condenação da hierarquia, coerente com o traço “**-hierarquia/ + igualdade**”.

(2) Posição em relação a teologia da libertação:

(2-a) ‘Eu fui vítima de um processo mais amplo que o Vaticano montou contra a CNBB. Eles pegaram a mim, que era assessor da CNBB, ajudava a fazer os documentos etc., pra atingir a CNBB, especialmente a Teologia da Libertação, **esse diálogo da Igreja com a sociedade, com a pobreza**, e atingir as comunidades eclesiais de base, que este papa não aceita, porque ele acha que é um desvio fundamental na unidade, porque não tem eucaristia, **não tem a hierarquia**, que são **estruturas fundamentais da Igreja institucional**.

(...) **Tem de sentir na pele uma experiência de pobreza**. Porque daí nasce a teologia como o grito dos pobres”. E aí eu entro já nisso, que a Teologia da Libertação é um grande esforço **de um lado dos cristãos de fazer do Evangelho e da fé cristã um favor de mobilização social**.

A chave pra mim, da Teologia da Libertação é o seu método, sabe?, que a maioria esquece nessa discussão, que é sempre arrancar não de uma encíclica, de uma página da Bíblia, de um credo qualquer da tradição, **mas a partir dos desafios da realidade** – quais são as **questões que os pobres levantam**, que o Brasil suscita hoje. As comunidades de base com seus **movimentos sociais por casa, por terra, por saúde, por alfabetização**, arrancar disso e, junto com a organização do povo, com a consciência que ele vai desenvolvendo, dizer como os cristãos podem dar um primeiro impulso nisso, o cristianismo como força que dá clareza, que dá motivação pra gente se empenhar pela **justiça, pela transformação**, porque a gente é herdeiro de alguém que foi prisioneiro político, e que morreu na cruz e não velho na cama, que é Jesus’.

Em (2-a), Leonardo Boff define o que é a Teologia da Libertação: “diálogo da Igreja **com a sociedade, com a pobreza**”; “teologia como o **grito dos pobres**”; “grande esforço de um lado dos cristãos de fazer do Evangelho e da fé cristã um favor de **mobilização social**” “o cristianismo como **força que dá clareza**, que dá motivação pra gente se empenhar pela **justiça, pela transformação**”.

Durante o texto, para definir a Teologia da Libertação, Boff parte da Igreja Tradicional: a Teologia da Libertação é o que não é a Igreja Tradicional.

A igreja em que ele acredita não tem **a hierarquia**, que são **estruturas fundamentais da Igreja institucional**. Encontramos, então, Igreja institucional, tradicional (**estruturas fundamentais: eucaristia e hierarquia**; baseada, guiada por encíclicas, páginas da Bíblia, “de um credo qualquer da tradição”) *versus* Teologia da Libertação/CEBs (**não tem a hierarquia**; parte dos desafios da realidade das **questões que os pobres levantam**). Encontramos, na igreja defendida por Boff, fortemente, os traços “-**hierarquia/ + igualdade**”.

Em (3), abaixo, esse recurso também será utilizado:

(3) Igreja tradicional *versus* Igreja teologia da libertação

**Leonardo Boff** – ‘Eu acho que a Igreja hoje é uma Igreja partida, dividida, e que há dois modelos em conflito, que é o da **Igreja- instituição, da Igreja-hierarquia, da Igreja-poder**, que se estrutura em papa, cardeais, bispos, dioceses, paróquias, e que se reproduz com muita dificuldade, porque há cada vez menos padres para manter a reprodução dessa Igreja. Junto dela está surgindo um **outro tipo de**

**igreja**, que eu chamaria Igreja-rede-de-comunidades, que está assentada **não no poder**, mas **na vida**. Isto é, o **diálogo fé/vida**. Nas comunidades, nas associações de moradores, grupos que vivem a fé nos seus encontros e que têm sua força no arquétipo cristão, não na instituição, nas suas tradições, mas o cristianismo como uma instância de esperança, tendo como **referência comum a Bíblia, e aberta para a sociedade**. Mas não a sociedade portadora de poder e decisão, o pacto velho, quer dizer, a Igreja poder religioso se associa se com poder civil. **Então é Igreja com as classes emergentes, com os destituídos, pobres, marginalizados, excluídos**, que são a grande maioria. Então está se dando pra mim, aí, um novo pacto do cristianismo, no sentido dos primórdios, que era feito de escravos, de portuários, de destituídos, de soldados, e nós estamos vivendo esse tipo de cristianismo, que tem hoje uma dimensão mundial. Muito forte na África, na Ásia, muito forte no Primeiro Mundo, você vai na Alemanha, Itália, Estados Unidos, está cheio de grupos e comunidades de Terceiro Mundo, de mulheres, de ecologia, que têm como referência a **perspectiva libertária do cristianismo**. A outra é o cristianismo da reprodução e é ocidental. É o produto da cultura ocidental, de tal forma que não dá pra fazer a **história do poder do Ocidente, reis e príncipes, sem fazer simultaneamente a história da Igreja**'.

Para Boff, há dois modelos de igreja em conflito: de um lado, a **Igreja-instituição, Igreja-hierarquia, Igreja-poder**, que se estrutura em papa, cardeais, bispos, dioceses, paróquias; baseia-se nas suas tradições; é ligada à sociedade portadora de poder, “o pacto velho, quer dizer, a Igreja poder religioso se associa se com poder civil; produto da cultura ocidental, de tal forma que não dá pra fazer a história do poder do Ocidente, reis e príncipes, sem fazer simultaneamente a história da Igreja”; **de outro, outro tipo de igreja: “Igreja-rede-de-comunidades”, que está assentada na vida; “diálogo fé/vida”; “igreja que tem sua força no arquétipo cristão tendo como referência comum a Bíblia, e aberta para a sociedade, classes emergentes, destituídos, pobres, marginalizados, excluídos, que são a grande maioria”; igreja com “perspectiva libertária do cristianismo”**.

Como vemos, o cristianismo defendido por Boff tem os traços do discurso da esquerda: **“(+gente)+igualdade/-hierarquia”**.

## 2.5. Fotografia

Quando um fotógrafo inicia seu trabalho, tem um longo processo de decisões a tomar: o enquadramento, a expressão da pessoa, a luz, a sombra, que tipo de fotografia (jornalística, documental) vai fazer. Analisaremos a seguir dois trabalhos fotográficos: o primeiro, de Tiago Santana (Cf. anexo 15), e o segundo, de Américo Vermelho (Cf. anexo 16), ambos publicados no espaço “Ensaio Fotográfico” de *Caros Amigos*.

- Tiago Santana

Tiago Santana é apresentado por *Caros Amigos* (junho/1997:p.24-25) como “Sócio-fundador do banco de imagens *Tempo d’Imagens*, em Fortaleza. Desenvolve, desde 1990, trabalho pessoal de documentação das manifestações populares do Nordeste brasileiro e nos últimos anos tem se dedicado às romarias a Juazeiro do Norte”.

Nas fotos que fazem parte do ensaio fotográfico (cf. anexo 15) encontramos o tema da religiosidade: documentação das peregrinações. Como diz Tiago Santana, seu objetivo ‘não é dar conta da festa em toda sua complexidade, mas apostar na multiculturalidade e captar as várias festas com seus desdobramentos e detalhes’. O tema do trabalho de Tiago Santana é compatível com um dos traços da esquerda: **“gente” (“cultura”)**. A foto 1, do ângulo que foi tirada, coloca os homens no mesmo nível e como se tivessem o mesmo tamanho que uma grande imagem de Padre Cícero. A foto 2 mostra uma grande escultura de padre Cícero e um homem escalando-a, buscando chegar no **topo** da escultura. . Novamente, encontramos o traço **‘hierarquia’** sendo rejeitado.

- Américo Vermelho

Américo Vermelho apresenta algumas fotos (cf. anexo 16) de seu projeto “presença norte-americana no Brasil”, em *Caros Amigos* (fevereiro/1998:p.20-21). Sua temática escolhida é coerente com a semântica da esquerda: valorização da cultura brasileira/crítica à invasão da cultura norte-americana. As fotos mostram o quanto da cultura e hábitos dos

americanos estão presentes nos mais variados aspectos do nosso dia-a-dia: Na foto 1, tirada em Salvador, uma placa em primeiro plano indica “orixá’s center”, ao fundo a cidade de Salvador. Na foto 2, em primeiro plano, está uma placa indicando “golfinhos de Miami”, ao fundo, bem apagados, quase uma sombra, vêm-se os morros da cidade do Rio de Janeiro. Na foto 3, em primeiro plano está uma escultura de Marylin Monroe, e ao fundo, coqueiros diante de uma danceteria carioca. Em todas as fotos há uma evidente crítica da marcante presença da cultura e da língua norte-americanas no Brasil.

Os dois ensaios analisados, valorizam a cultura brasileira, o que é coerente com um dos traços principais da esquerda: “+ gente” (“+ cultura”).

Como pudemos verificar, a identidade de um discurso não é somente uma questão de vocabulário ou de proposições, mas depende de uma **coerência global** que integra **múltiplas dimensões textuais**. Conforme vimos no cap. 3, e pudemos confirmar nos textos analisados, a semântica que rege o discurso se caracteriza por um sistema de restrições ao qual estão submetidos igualmente todos os planos deste discurso.

A análise do **sistema de restrições globais** do discurso da TFP mostrou que ele se encontra organizado em torno dos traços “**hierarquia**” e “**desigualdades harmônicas**”.

A análise do **sistema de restrições globais** do discurso das esquerdas mostrou que eles se encontram organizados em torno do traço “+ **igualdade**” e “+ **gente**”.

Como pudemos verificar, parece fazer sentido o que propõe Maingueneau: o discurso é uma *prática intersemiótica*. Enunciar um discurso implica “saber” as regras desse discurso, ler o discurso antagonista a partir da grade semântica do “leitor” (fazendo dele um simulacro), ter o *ethos* desse discurso (modo de falar, modo de se vestir) e selecionar a produção, pictórica, musical, arquitetural compatível com os traços semânticos da formação discursiva, recusando a totalidade do Outro discurso. Assim, podemos dizer que “a **especificidade** de um discurso se apóia sobre **todas as suas dimensões**”.



## Considerações Finais

Diante do que vimos, não restam dúvidas de que uma teoria como a de Maingueneau (1984) dá conta de explicar as razões pelas quais como um mesmo acontecimento pode ser lido de formas tão diferentes. Vimos o FSM ser lido a partir de duas semânticas muito diferentes, resultando, assim, em leituras distintas.

Confirmou-se nesse trabalho a tese de Maingueneau (1984) sobre o primado do interdiscurso sobre o discurso, uma vez que fica claro que os discursos analisados “não nasceram de um retorno às próprias coisas, mas da transformação de outros discursos e, portanto, a unidade pertinente para a análise não é o discurso isolado, mas o espaço discursivo no qual ele se constitui, o interdiscurso” (1984:9).

Os discursos analisados são verdadeiramente antagonistas, e a controvérsia existente entre eles é regida pelas regras da interincompreensão que levam às construções dos simulacros. Assim, o FSM não conhece o seu Outro (FEM), mas apenas o simulacro que constrói dele; a TFP não conhece seus Outros (FSM e FEM), mas o simulacro que constrói deles.

Vimos que os discursos (no caso, o discurso do FSM e o discurso da TFP) estão sempre marcando, através da sua semântica de base, a sua posição e a posição do seu outro. A partir daquilo que o discurso assume, ou seja, de sua semântica de base, é possível encontrar aquilo que nega; a partir daquilo que ele “reivindica” para si (“qualidades”), podemos encontrar aquilo que atribui ao discurso oposto (“defeitos”). Assim, inclusive, um pequeno conjunto de seqüências discursivas é suficiente para a identificação da estrutura semântica específica de um discurso.

Analisando a controvérsia entre os discursos estudados, confirmamos que Maingueneau (1997:125) tem razão em afirmar que para os discursos, “é preciso desqualificar o adversário, custe o que custar, porque ele é constituído exatamente do mesmo que nós, mas deformado, invertido, conseqüentemente, insuportável”.

Num corpus bem marcado ideologicamente, como é o caso do corpus selecionado para este estudo (TFP, esquerdas-FSM), a proposta de Maingueneau (1984) se mostrou

bastante produtiva. Seria interessante verificar se, com outro tipo de corpus, a teoria mostra a mesma eficiência. É o que pretendo fazer ao estudar diversas modalidades de textos irônicos.

## Referências Bibliográficas

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Caderno de Estudos Lingüísticos*, Campinas, n,19, p.25-42, 1990.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de M. Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo, Hucitec. 1979.

\_\_\_\_\_. *Problemas da poética de Dostoievski*. Tradução Paulo Bezerra.

BARROS, D.L.P. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: Barros, DLP & Fiorim, J.L. (orgs.) *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994. p. 1-9.

BRANDÃO, H.H.N. (1998) *Introdução à Análise do Discurso*. 7ª. Ed. Campinas, SP:Ed. da UNICAMP. (série Pesquisas)

Campinas, SP: Pontes, 1999.

CLARK, K. E HOLQUIST, M. *Mikhail Bakhtin*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1998.

COURTINE, J.J. Analyse du discours politique: le discours communiste adressé aux chrétiens. *Languages*, n.62. Paris: Larousse, 1981. Tradução de Sírio Possenti (Em processo de edição em Língua Portuguesa)

DUCROT, O. *O Dizer e o Dito*. Campinas: Pontes, 1987.

MAINGUENEAU, D. *Genèse du discours*. Bruxelles: Pierre Mardaga, 1984. Tradução de Sírio Possenti (Em processo de edição em Língua Portuguesa)

\_\_\_\_\_. *Novas tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Fontes & Editora da UNICAMP, 1987.

\_\_\_\_\_. *Os termos-chave da Análise do Discurso*. Tradução de Maria Adelaide P.Coelho da Silva. Lisboa, Gradiva, 1997.

MOURA, O. *As idéias católicas no Brasil: direções do pensamento católico do Brasil no século XX*. São Paulo, SP: Paulinas, 1978.

ORLANDI, E. P. *Análise do discurso. Princípios e procedimentos.*

POSSENTI, S. *Simulacro e interdiscurso em Slogans.* GEL, 2001

RICHARD, P. *Morte das Cristandades e nascimento da Igreja: análise histórica e interpretação teológica da igreja na América Latina.* São Paulo, SP: Paulinas, 1984.  
Rio de Janeiro, Florence Universitária. 1981

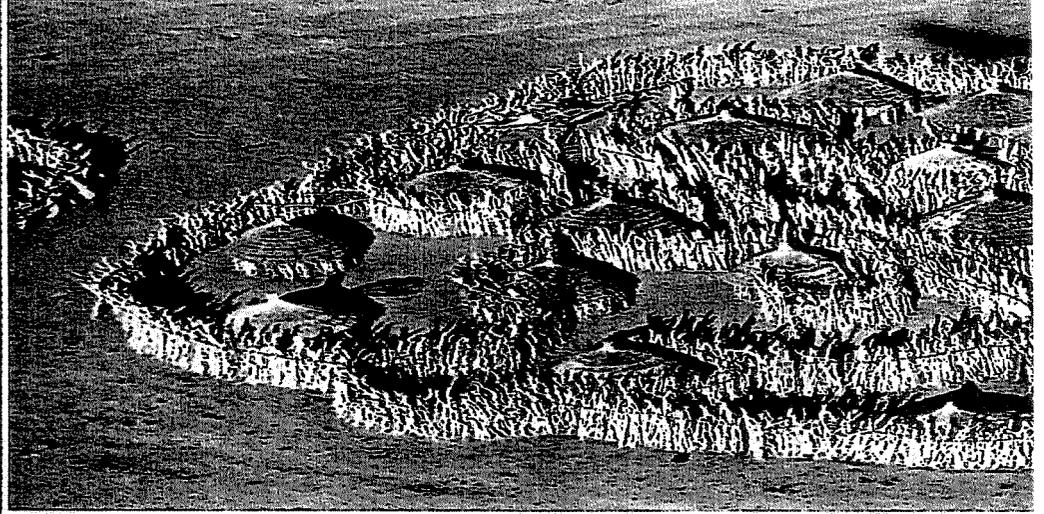
PÊCHEUX, M.. A Análise automática do discurso (1969). In GADET, F. & HAK, T. (orgs) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux.* Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

PÊCHEUX, M (1983) A análise de discurso: três épocas. In GADET, F. & HAK, T. (orgs) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux.* Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

PÊCHEUX, M. & FUCHS.C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975) . In GADET, F. & HAK, T. (orgs) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux.* Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

## ANEXOS

## ANEXO 1

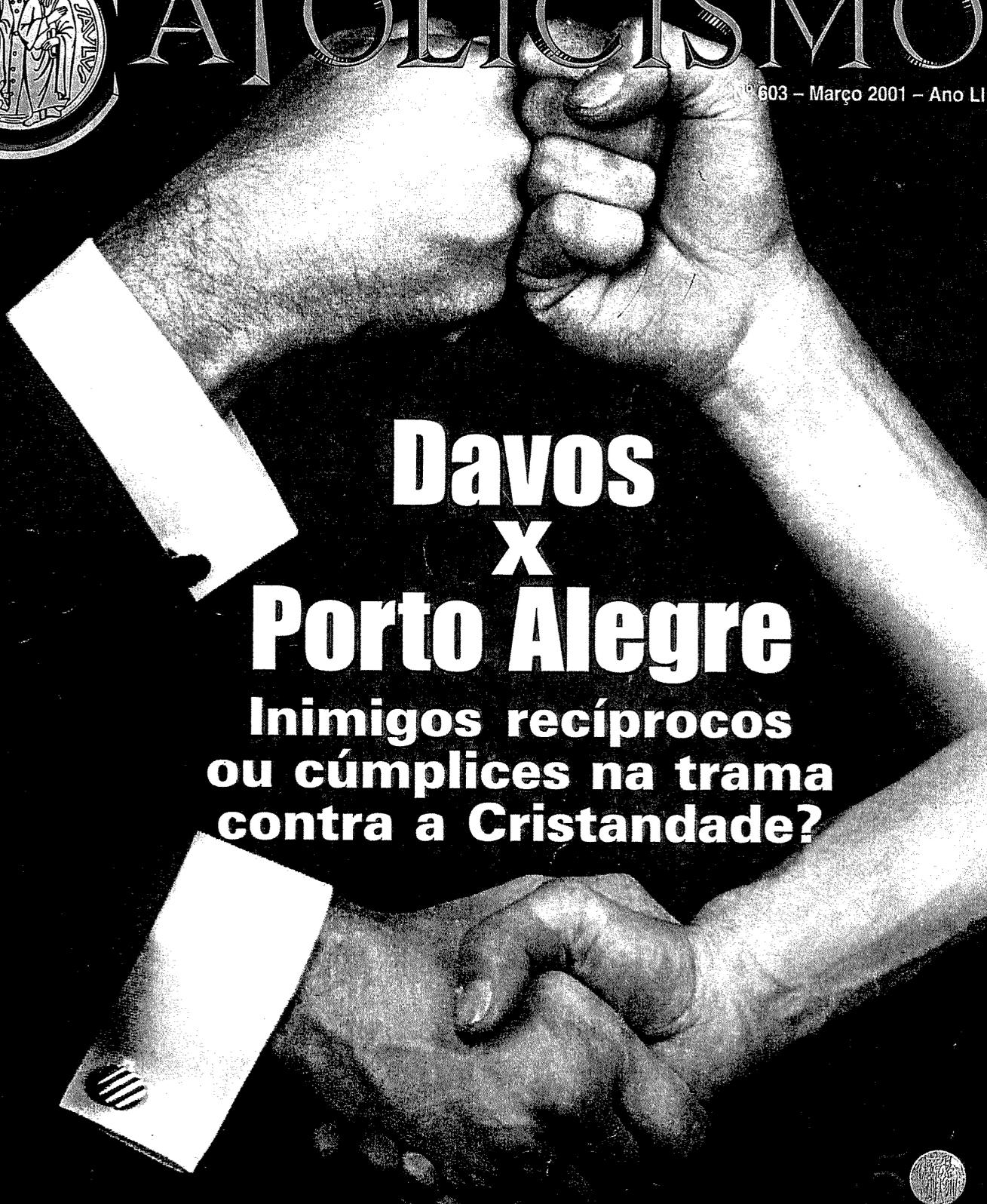


*Um católico verdadeiro pode ver nas fotos ao lado um exemplo de aperfeiçoamento nos campos espiritual e temporal, para o qual deveria rumar a humanidade? Contudo, para clérigos progressistas, é nessa vida tribal, com seus costumes bárbaros, que se encontrará — de modo absurdo — a luz que iluminará os séculos futuros!*



# CATOLICISMO

603 - Março 2001 - Ano LI



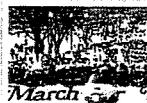
## Davos X Porto Alegre

Inimigos recíprocos  
ou cúmplices na trama  
contra a Cristandade?



50 ANOS  
1951  
2001

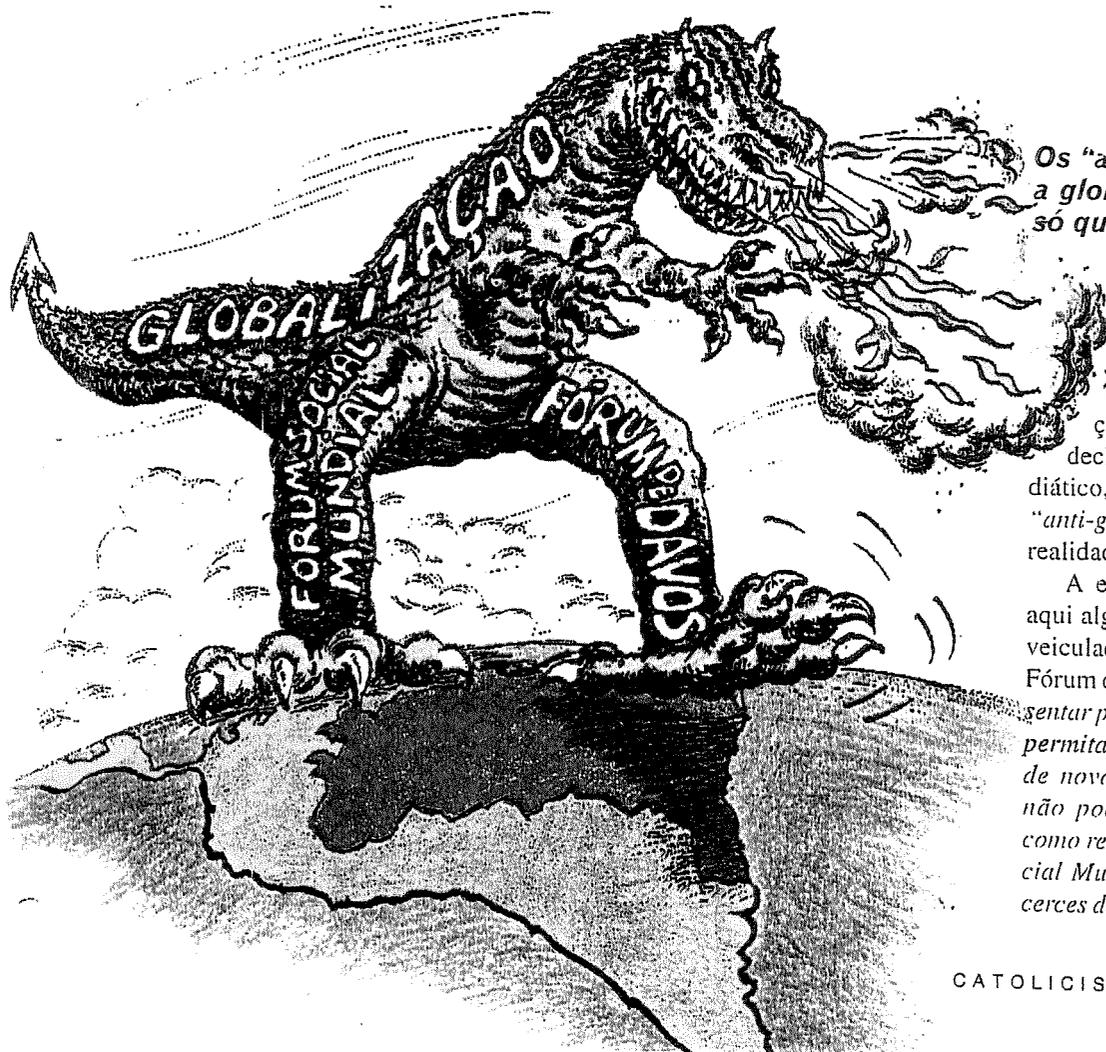
Nossa Senhora da Ponte,  
Padroeira de Sorocaba



EUA:  
TFP contra o aborto

## ANEXO 02

## ANEXO 03



Os "anti-  
a globalizaç.  
só que à moda u-

Do lado dos "anti-  
zação" — cujas metas e obje-  
tivos são amplamente docu-  
mentados pelos dois artigos pu-  
blicados sobre o tema, nesta edi-  
ção — aparece, em numerosas  
declarações, o quanto o rótulo me-  
diático, e à primeira vista simpático, de  
"anti-globalização" não corresponde à  
realidade.

A esse propósito convém aduzir  
aqui alguns significativos comentários  
veiculados pela imprensa francesa: O  
Fórum de Porto Alegre pretende "apre-  
sentar propostas teóricas e práticas que  
permitam visualizar uma globalização  
de novo tipo", "numa iniciativa que  
não pode deixar de ser qualificada  
como revolucionária"; e "o Fórum So-  
cial Mundial irá tentar lançar os ali-  
cerces de uma outra globalização", tan-

## ANEXO 04

## ANEXO 05

# Em Curitiba: brado de alerta da TFP

O manifesto da TFP "Ante o caos crescente, apelo da TFP às elites nacionais — Para onde vai o Brasil do Terceiro Milênio?", lançado na capital paulista em outubro último, foi largamente divulgado também no Paraná. Somente na capital deste Estado, em um dia de campanha, 27 sócios e cooperadores da TFP distribuíram 18.000 exemplares do manifesto.

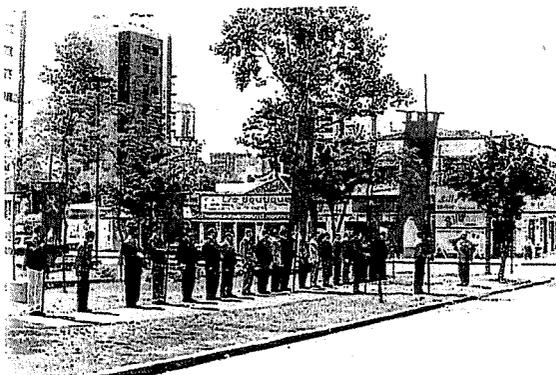
Segundo os participantes da campanha, a acolhida ao "Apelo da TFP" foi excelente entre os curitibanos. Era comum ouvir deles

o pedido: "Voltem sempre, a TFP aqui precisa atuar ainda mais, para esclarecer o público".

Em tal Apelo a TFP alerta: Ou há um despertar moral, e todas as forças vivas e sadias da nação levantam-se para combater o crescente caos, ou entraremos no século XXI numa situação ainda mais tumultuada e de conseqüências desastrosas\*.

Em tal Apelo a TFP alerta: Ou há um despertar moral, e todas as forças vivas e sadias da nação levantam-se para combater o crescente caos, ou entraremos no século XXI numa situação ainda mais tumultuada e de conseqüências desastrosas\*.

\* *Catolicismo*, em sua edição de novembro p.p., publicou a íntegra do referido manifesto, bem como reportagem sobre a campanha da TFP desenvolvida na capital paulista.



Acima, à direita, fac-símile da "Folha do Paraná", 27-1-2001, jornal que publicou prestigiosa notícia sobre a campanha.

As demais ilustrações da página constituem cenas da campanha, fotografadas em locais diversos da cidade.

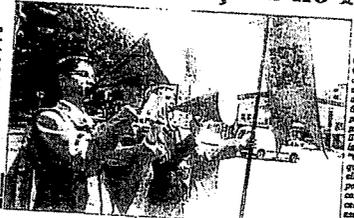
## TRADIÇÃO

### TFP inicia manifestações no PR

Por **Wladimir De Curitiba**

Um grupo formado por elite integrada da Sociedade Brasileira de Direito da Tradição, Família e Propriedade (TFP), assumiu o nome de Legião Católica, em Curitiba, em defesa da tradição familiar, propriedade privada e livre iniciativa. Com o lema "Para onde vai o Brasil do Terceiro Milênio?" as manifestações dizem serem necessárias que "O Brasil não pode ser o campeão da secularização, nem do caos e imoralidade. A sociedade está em nome comum".

Em seguida, os membros da TFP entregaram formalmente aos motoristas em que participam as manifestações em Curitiba e a TFP por e-mail ou correio. A manifestação ocorreu em Curitiba, no bairro de Santa Felicidade, no centro da cidade. A primeira pergunta do formulário é sobre o Movimento Terra (MST). Os membros em locais públicos pela me-



O grupo, em Curitiba, durante ato em defesa da tradição familiar, propriedade privada e livre iniciativa. "Queremos que se efetue as propriedades e causas que estão o nome país".

principalmente fôrmulas que levaram ao caos brasileiro. De acordo com o gestor de imprensa da TFP, Francisco Machado, a manifestação está ocorrendo em mais de 300 cidades do Brasil. "Queremos que se

A TFP foi criada em junho de 1960 pelo professor Filipe Corrêa de Oliveira, em São Paulo. Líder católico, Oliveira trabalhou por quatro décadas em prol da preservação da tradição. O professor atuou por mais de 40 anos em atividades de ensino e pesquisa. Ele escreveu que tais reações provocaram a dispersão da TFP em mais de 28 países.

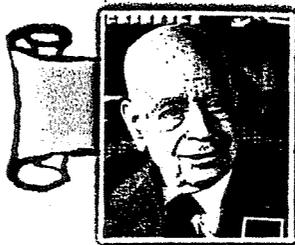
Folha de Curitiba

setembro de 2001



Foto: Lian, Augusto Franco





## Dr. Plínio: que saudades!

Continuamos publicando extratos de conferências e artigos, assim como aspectos da vida do eminente pensador e líder católico, Prof. Plínio Corrêa de Oliveira, falecido a 3 de outubro de 1995.

# O leão, símbolo da TFP

Plínio Corrêa de Oliveira

**E** escolhi o leão para o estandarte da TFP, porque o leão sempre me lembrou um princípio do qual sou muito cioso, do qual faço muita questão em todos os assuntos: o princípio da legitimidade. Que o poder, a influência, a sabedoria, a glória estejam em mãos de quem de direito. Esse seria um modo muito resumido de definir o princípio da legitimidade.

### **Rosa: rainha das flores**

Ora, é evidente que o leão é, entre os animais, o que a rosa é entre as flores. A rosa é naturalmente rainha. Coloquem uma rosa, verdadeiramente bonita, no meio de qualquer outra espécie de flores, mesmo entre nossas orquídeas, tantas vezes lindas... A rosa ofusca todas essas espécies, inclusive as orquídeas. A rosa é superior indiscutivelmente.

### **Leão: rei dos animais**

Coloquem um leão entre todos os outros animais... Estes se eclipsam. O elefante é maior, mas... que massa bruta. vil. O camelo anda mais, porém, com um passo de escravo carregado, não desenvolve a marcha garbosa do leão. O leão marcha e salta, o camelo anda. Considerem a ra-



posa: ela é esperta, mas é frágil: quando a esperteza não lhe dá resultado, ela está perdida. Considerem todos os outros animais: eles possuem alguma qualidade eminente, mas não apresentam aquele conjunto de qualidades mediante as quais o leão é o leão. Olhem para o leão, ele é rei. Ele desfruta como que do direito de ser rei: ele manda, ele tem a garra do rei, ele impera! Era normal que ele tivesse a cor do rei. O colorido próprio para as coisas régias é o áureo. Um leão de prata, que frustração! Um leão de ouro, que naturalidade!

### **Vermelho, símbolo da luta**

Assim sendo, colocar azul ou vermelho em nosso estandarte, como fundo para o leão dourado? Artisticamente falando, o ouro é mais bonito sobre o azul do que sobre o vermelho. Mas o azul como que repousa junto à vivacidade do ouro. E eu não queria repouso em nosso estandarte, eu queria a luta! E aí estão o símbolo de nosso estandarte, o leão, e as cores: dourado e vermelho<sup>4</sup>.

(4) Excertos da conferência proferida pelo Prof. Plínio Corrêa de Oliveira para sócios e cooperadores da TFP em 7 de fevereiro de 1987, sem revisão do autor

Edição resumida



# CATOLICISMO

N.º 406-407 — Out.-Nov. de 1984 — Ano XXXIV

Diretor: Paulo Corrêa de Brito-Filho



**"ESQUERDA CATOLICA"  
INCENDEIA O PAÍS  
BRASIL EM REVOLUÇÃO?**

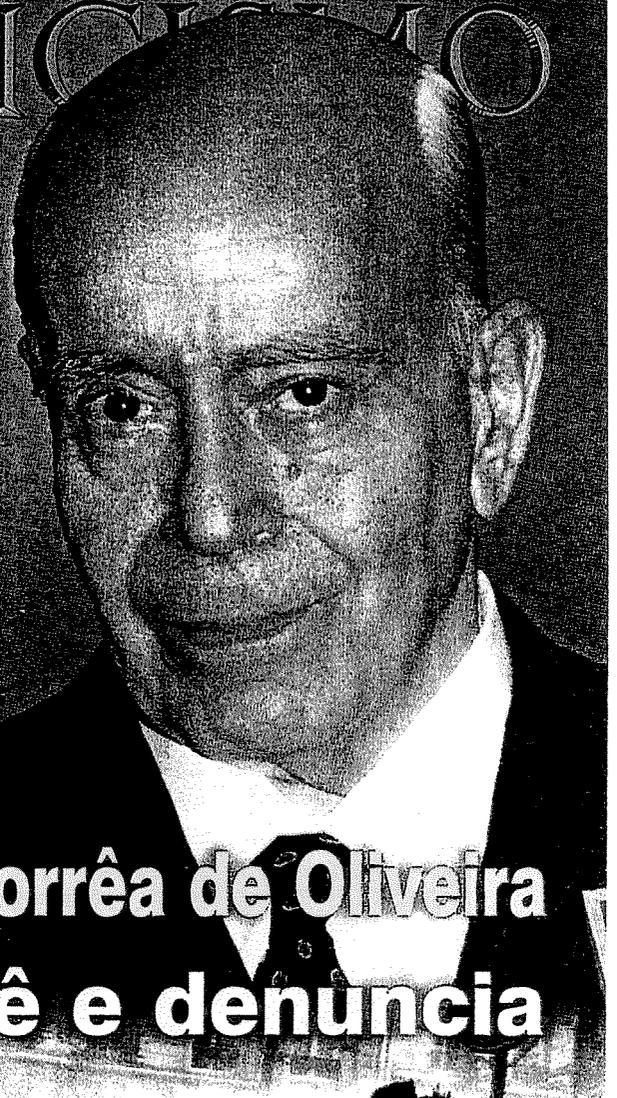
## ANEXO 06

## ANEXO 07



# CATOLICISMO

Nº 598 - Outubro 2000 - Ano L



**Plínio Corrêa de Oliveira  
prevê e denuncia**



# A 4ª REVOLUÇÃO

Homenagem no 5º aniversário do seu falecimento

# Catálogo de livros 2001

Vidas dos Santos Espiritualidade

Nossa Senhora ANJOS  
 Doutrina Católica



Arte & Psicologia  
 Cultura  
 História Entretenimento



*Bom livro:  
 um amigo sempre presente!*

## ANEXO 08

## ANEXO 09



# Castelo-cisne

PLÍNIO CORRÊA DE OLIVEIRA

*Chenonceaux: castelo considerado uma das "jóias" do Vale do Loire, França, construído sobre as bases de um antigo moinho no rio Cher, afluente do Loire, entre 1515 e 1522. Anos depois, por volta de 1560, a Rainha Catarina de Médicis mandou edificar a galeria sobre a ponte.*

A impressão que o castelo de Chenonceaux causa, à primeira vista, é de entusiasmo!

Qual é a razão pela qual ele produz esse sentimento?

Imaginemos que fosse um castelo construído em terra, e que, em vez de correr um rio debaixo dele, passasse uma estrada poeirenta comum, permitindo o trânsito de carroças, automóveis, etc., etc. Não é verdade que o castelo perderia pelo menos cinquenta por cento de seu encanto?

Com isso, fica claro o que seu construtor explorou para produzir essa sensação de inebriamento. Foi uma obra baseada no seguinte princípio: todas as coisas que se refletem na água ganham em beleza.

Tem-se uma sensação paradisíaca vendo as águas do rio fluírem tão plácidas, marcadas pelo azul do céu, e o castelo que nelas se reflete reproduzindo a imagem de si mesmo.

Vê-se que a maior beleza do castelo consiste na concretização dessa idéia originalíssima de construir uma parte dele sobre uma ponte. E isso de maneira tal, que ele, por assim dizer, parece um cis-

ne em cima da água. Esse é um castelo-cisne. Ele flutua sobre a água como se fosse uma fantasia, uma coisa irreal, um sonho!

\* \* \*

Por outro lado, quanta harmonia foi posta, segundo o espírito francês, nessa portentosa obra de arquitetura.

O castelo é constituído por três elementos distintos. O primeiro deles é a ponte com os seus arcos, em cima da qual se construiu a ala mais leve do edifício. O segundo elemento é o corpo central do castelo. E por último, à esquerda, um torreão — que deve ser o que restou de uma velha fortaleza medieval — sólido, atarracado, grande, e que produz a sensação de estabilidade, ao último grau.

Chama a atenção o contraste entre os arcos da ponte, tão diáfanos e leves, e a base pesada da parte central. Esse misto de firmeza, de estabilidade e delicadeza forma um contraste harmônico de qualidades opostas, que acentua a sedução inerente a essa parte do edifício.

São os três elementos sucessivos que dão encanto ao castelo e explicam sua beleza.

Ao fundo, nota-se um jardim esplêndido. Um quadrilátero apresenta desenhos e vegetação lindíssimos, com aquela grama esmeraldina da Europa que aqui não se conhece.

Tal jardim é arranjado e "penteado" de tal maneira, que não o pode ser mais. Para compensar o extremo do arranjado, há ao seu lado uma arborização "despenteada", puramente silvestre, que completa plenamente o panorama.

Em outros termos, tudo o que parece espontâneo foi estudado com uma sagacidade extraordinária, para provocar um efeito de conjunto. Mas com tal perfeição, que a noção de harmonia nasce sem que a maior parte das pessoas consiga explicitá-la.

O sumo da harmonia consiste exatamente em que não se possa precisar, à primeira vista, no que ela consiste, exigindo muita atenção para a definir ...

Excertos de conferência proferida pelo Prof. Plínio Corrêa de Oliveira para sócios e cooperadores da TFP, em 2 de janeiro de 1969. Sem revisão do autor.

Nota: ver também matéria já publicada em *Catolicismo* sobre esse tema, na edição de outubro de 1989.

## Basílica de São Marcos: jóia do estilo bizantino

*Plínio Corrêa de Oliveira*

A fotografia 1 desta seção apresenta uma visão interna da nave central da célebre Basílica de São Marcos, em Veneza, num horário favorável, em que ela está inteiramente vazia.

É preciso familiarizar-se com o estilo desse templo religioso: o bizantino\*. Sua planta tem a for-



ma da chamada cruz grega, isto é, cruz cujas quatro extremidades ou braços têm a mesma extensão.

A idéia da cruz, do sacrifício, da morte, e, portanto da Redenção infinitamente preciosa de Nosso Senhor Jesus Cristo, fica simbolizada artisticamente de modo muito adequado pela disposição da nave central, das naves laterais e suas respectivas cúpulas.

Logo no primeiro pla-

no da fotografia, novamente o símbolo máximo do Cristianismo: uma imensa cruz, suspensa por uma longa corrente, ao centro da cúpula que serve de cobertura para a parte inicial da nave central.

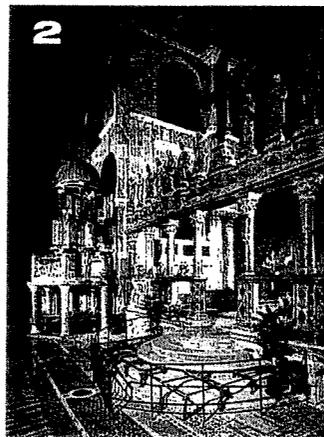
O piso do interior da Basílica é formado por artísticos mosaicos, cujos desenhos geométricos, podem ser parcialmente observados na fotografia.

Essa foi tirada na mencionada parte inicial, portanto sob a cúpula que lhe serve de teto. Tal recinto é separado por um arco do espaço central da Basílica — o centro da planta em forma de cruz grega —, que tem a cúpula maior como cobertura. Tal recinto é, por sua vez, separado de uma terceira área da nave central por uma viga constituída de mármore policromados, sustentada por oito colunas, sobre a qual vê-se uma grande cruz de bronze dourada, ao centro, ladeada pelas imagens do Divino Redentor, dos Evangelistas e dos Doutores da Igreja.

Na fotografia 2, pode-se admirar um detalhe desse conjunto escultural, a beleza dos mármore, bem como, à esquerda, a imponente tribuna também marmórea, que data do século XIV.

A referida separação, constituída pela cruz e pelas imagens de Nosso Senhor Jesus Cristo, dos Evangelistas e dos Doutores da Igreja, marca bem a distinção entre o sacerdote e os fiéis, a Igreja Docente e a Igreja Discente.

O sacerdote é o ministro de Deus, escolhido pelo Criador para representá-Lo perante os fiéis. Ele tem o poder de celebrar a Missa e, mediante suas palavras, opera-se a Transubstanciação.



Os fiéis não detêm dito poder. Essa separação tão categórica é, contudo, estabelecida com amor. Daí o fato de a Santa Igreja, através da arte sacra, ornar e embelezar tal distinção, a qual constitui uma hierarquia fundamental instituída pelo Divino Salvador no interior de Seu Corpo Místico.

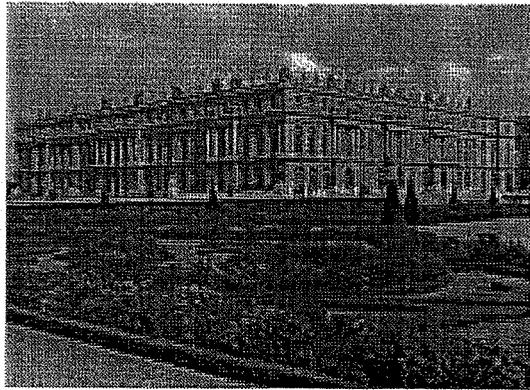
Por fim, pode-se observar, na fotografia 1, um segundo arco sobre o aludido conjunto escultural, que separa o centro da Basílica de outro recinto da nave central, recoberto por uma terceira cúpula. Nesse espaço encontra-se o altar-mor, que está coroado por um baldaquino de cor escura, apoiado sobre quatro colunas de alabastro oriental, também visível na fotografia.

\* O estilo bizantino, originado de uma combinação de elementos da arte greco-romana e de influências orientais, tomou sua fisionomia específica no século VI DC, no reinado de Justiniano, soberano do Império Romano do Oriente.

Excertos de conferência pronunciada pelo Prof. Plínio Corrêa de Oliveira para sócios e cooperadores da TFP, na capital paulista, em 7-12-88. Sem revisão do autor.

## ANEXO 10

## ANEXO 11



**Versailles**

## ANEXO 12

## ANEXO 13

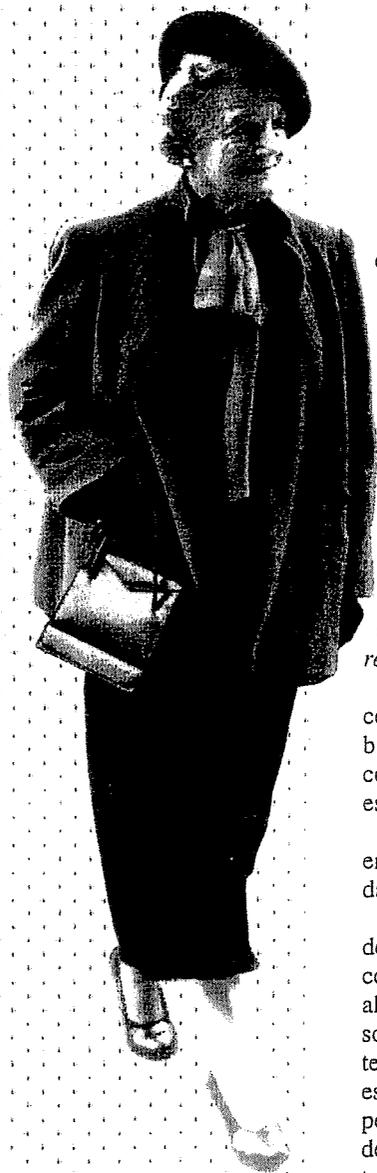


• Afresco pintado entre 1302 e 1306, por Giotto di Bondone, que se encontra na Capela degli Scrovegni - Pádua (Itália).

# A Baronesa

# e a Passionária

*Plínio Corrêa de Oliveira*



Grande de rosto e de porte, com um não-sei-quê de nobremente aquilino no olhar e no perfil. Lady Churchill reunia entretanto todas as graças genuinamente femininas. Sua educação aristocrática lhe comunicara um charme evidente. Sua impô-nência coexistia elegantemente com uma afabilidade atraente. Apesar de vistosa, era sumamente discreta. E sabia ser inteligente sem em nada disputar a seu brilhante esposo os olhares do público. No equilíbrio de tantas qualidades quase opostas, tudo era *degagé* [natural] e nada era *recherché* [afetado].

Na semana que finda, li portanto com emoção a notícia de que falecera a baronesa Churchill (Elizabeth II lhe concedera este título após a morte do esposo).

Não posso ocultar, porém, que a essa emoção se associou um espanto rapidamente transformado em indignação.

A "Folha de S. Paulo" foi o jornal de nossa cidade que mais dados publicou sobre a vida de Lady Churchill. Realçou-lhe a perfeita união com o esposo, a íntima cooperação até na obra intelectual deste, e acabou por revelar que essa grande dama terminara sua vida na penúria, obrigada, para saldar seus modestos gastos, a vender até quadros pintados pelo falecido *premier*.

Assim é o Estado moderno. No início do século XVIII, John Churchill ganhou para a Inglaterra várias batalhas. Por isto, foi elevado a Duque de Malborough e dotado com os abundantes recursos que lhe permitiram construir o magnífico castelo de Blenheim, mansão até hoje de um de seus descendentes. No século XX, a glória de John Churchill foi superada por um inglês da estirpe dele, isto é, por

Winston, que não fez nada mais nem menos do que salvar a Inglaterra. E sua esposa morre na penúria!

Estou presentindo à distância algum leitor socialista que uiva: "*estamos na época da igualdade e da justiça social!*"

Não disponho de mais espaço para responder a esta objeção, modelo perfeito de tolice. Justiça é retribuir a cada qual segundo seus

méritos. E não é retribuir igualmente a gênios e mediocridades, heróis e pusilânimes, homens beneméritos ou egoístarrões. E se a viúva de um operário tem o direito a uma pensão correspondente ao honesto trabalho prestado por seu marido, não vejo por onde a viúva de um homem genial e benemérito não tenha direito a um *status* correspondente ao serviço de seu esposo, que salvou a pátria.

Mas estou persuadido de que meu argumento não modificará o modo de pensar de socialistas e comunistas. Em via de regra, eles acham justo que a Passionária, a fera do comunismo espanhol nos idos do *Alzamiento* esteja hoje gozando dos confortáveis subsídios de deputado às Cortes de seu país. No exercício de um mandato para qual sua velhice não lhe dá força, sua cultura não lhe dá títulos, e seu passado não lhe dá direito. E acham justo também que uma das maiores damas de nosso século morra na penúria...

Excertos do artigo *A Baronesa e a Passionária*, do Prof. Plínio Corrêa de Oliveira, publicado na "Folha de S. Paulo" em 19 de dezembro de 1977.



Dolores Ibarruri - a Passionária

• AMBIENTES •  
• CIVILIZAÇÕES •  
• COSTUMES •

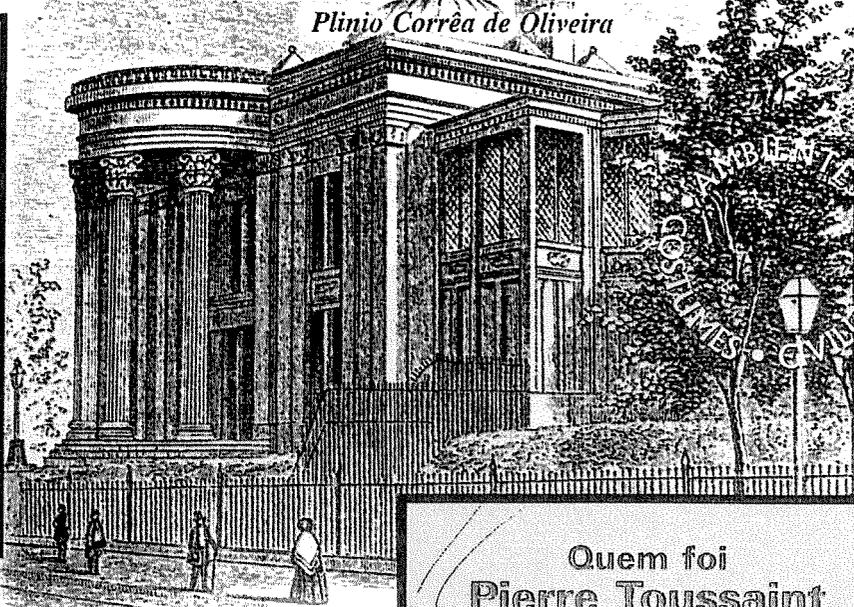
## ANEXO 14

## ANEXO 15

# PIERRE TOUSSAINT



Plínio Corrêa de Oliveira



## Quem foi Pierre Toussaint

Como escravo de católica família de nobres franceses, proprietária de plantação de cana de açúcar em Saint Pierre (hoje Haiti), Pierre Toussaint viveu feliz trabalhando na casa de seus donos, sendo encorajado por eles a ler e escrever, devido à sua inteligência e precocidade.

Quando o clima da Revolução Francesa atingiu aquela ilha, mudou-se ele com seus senhores para Nova York, onde aprendeu a profissão de cabelereiro, na qual logo se notabilizou, tornando-se o preferido da elite local. Com isso pôde sustentar sua dona quando esta perdeu o marido e a fortuna.

*“Pierre Toussaint foi admirado pela aristocracia protestante branca de Nova York que o tratava como um igual, confiava [-lhe suas preocupações] e se aconselhava com ele”* (Christian Tyler, *A fábrica de Santos de João Paulo II*, “Financial Times”, apud “Gazeta Mercantil” 14/15 março/ 1998).

Casado aos 45 anos com uma escrava que resgatara, Toussaint morreu octogenário, em 30-6-1853, sendo enterrado na igreja de Saint Peter, que ajudou a construir e frequentou durante sessenta anos, até sua morte.

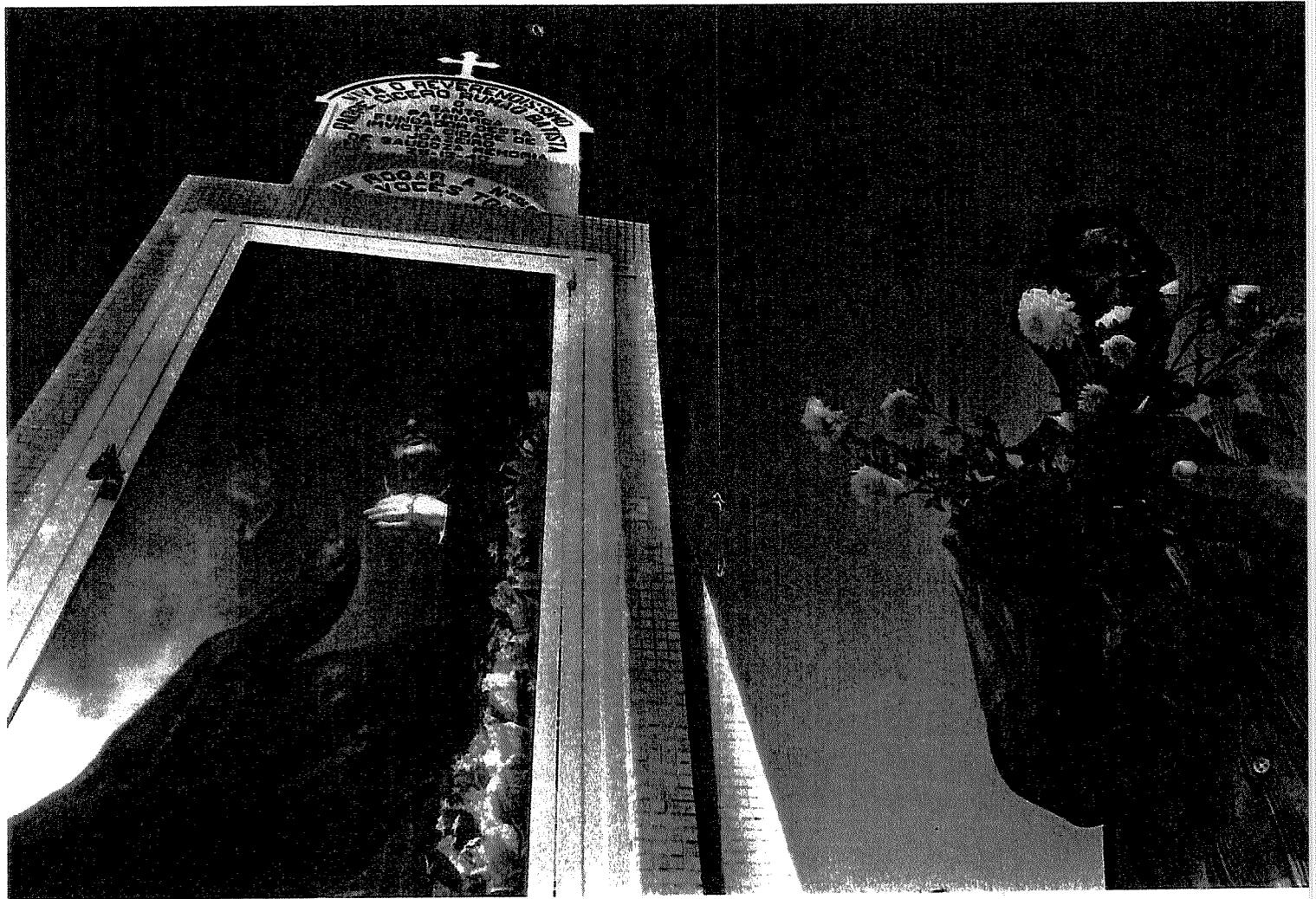
A fotografia acima apresenta-nos Pierre Toussaint, negro, na expressão mais categórica da palavra: cujo processo de beatificação foi iniciado em Roma, no ano de 1989.

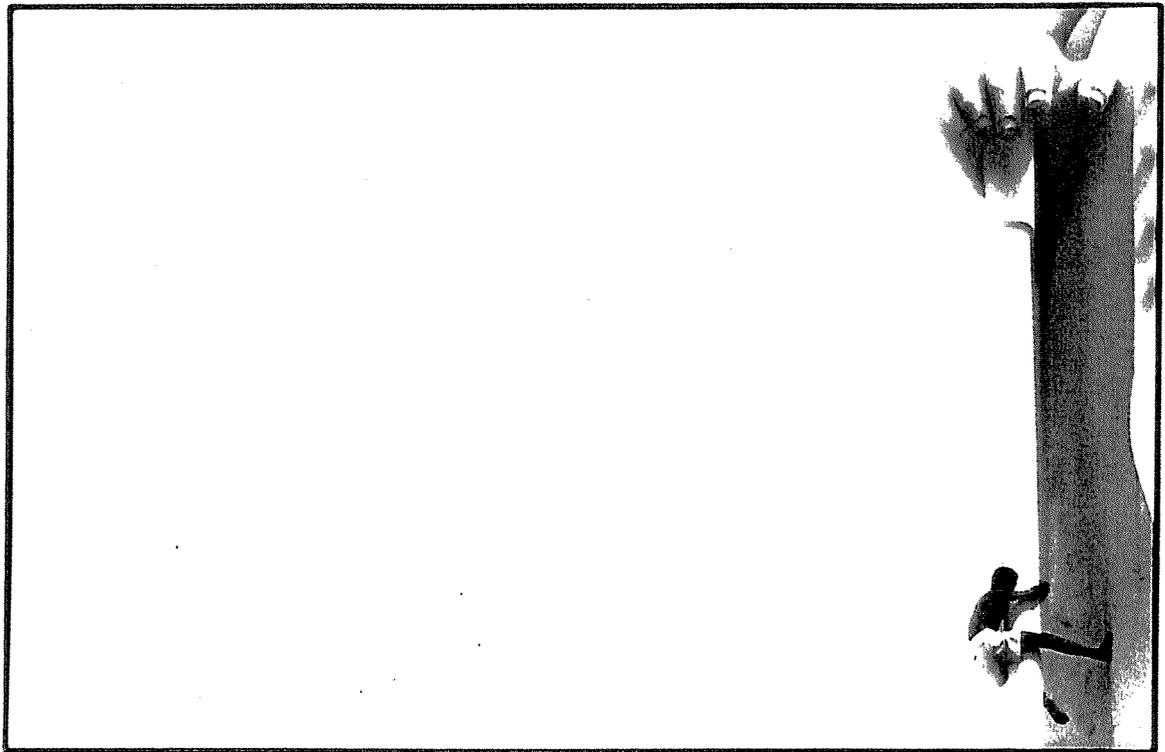
Esse homem tão humilde, entretanto que senso de dignidade revela! Ele comporta-se como muitos ricos não o fazem. Se Toussaint figurasse no meio de pessoas do *jet set*, ou seja, do núcleo internacional dos ricos entre os ricos, sendo branco e com tal porte, diriam que sua atitude refletiria pretensão e aristocratismo insuportáveis. Não é verdade.

Ele é um filho de Deus cômico de sua dignidade, com a segurança própria das pessoas que têm fé e lógica, sabendo onde pisam, aonde vão, conscientes do que dizem. É um homem certo e seguro, de olhar firme, cabeça ereta, porte digno e que conhece o caminho que deve seguir: o caminho do Céu.

Direi uma coisa que talvez cause espanto. Ele provavelmente teve que lutar contra a moleza, contra o ilogismo e ambigüidade das atitudes. Evidentemente, a energia, a lógica, a força da fé, a clareza das atitudes incluem-se nas características de sua *luz primordial*, ou seja, aquele conjunto de determinadas virtudes divinas que cada homem é chamado particularmente a amar e praticar. Portanto, os vícios capitais e pendores especialmente maus de Pierre Toussaint orientavam-se em sentido contrário. Sua fisionomia é, até certo ponto, a de um vencedor, mas dignificado, porque venceu-se a si próprio.

Excertos da conferência proferida pelo Prof. Plínio Corrêa de Oliveira para sócios e cooperadores da TFP em 21 de maio de 1991. Sem revisão do autor.

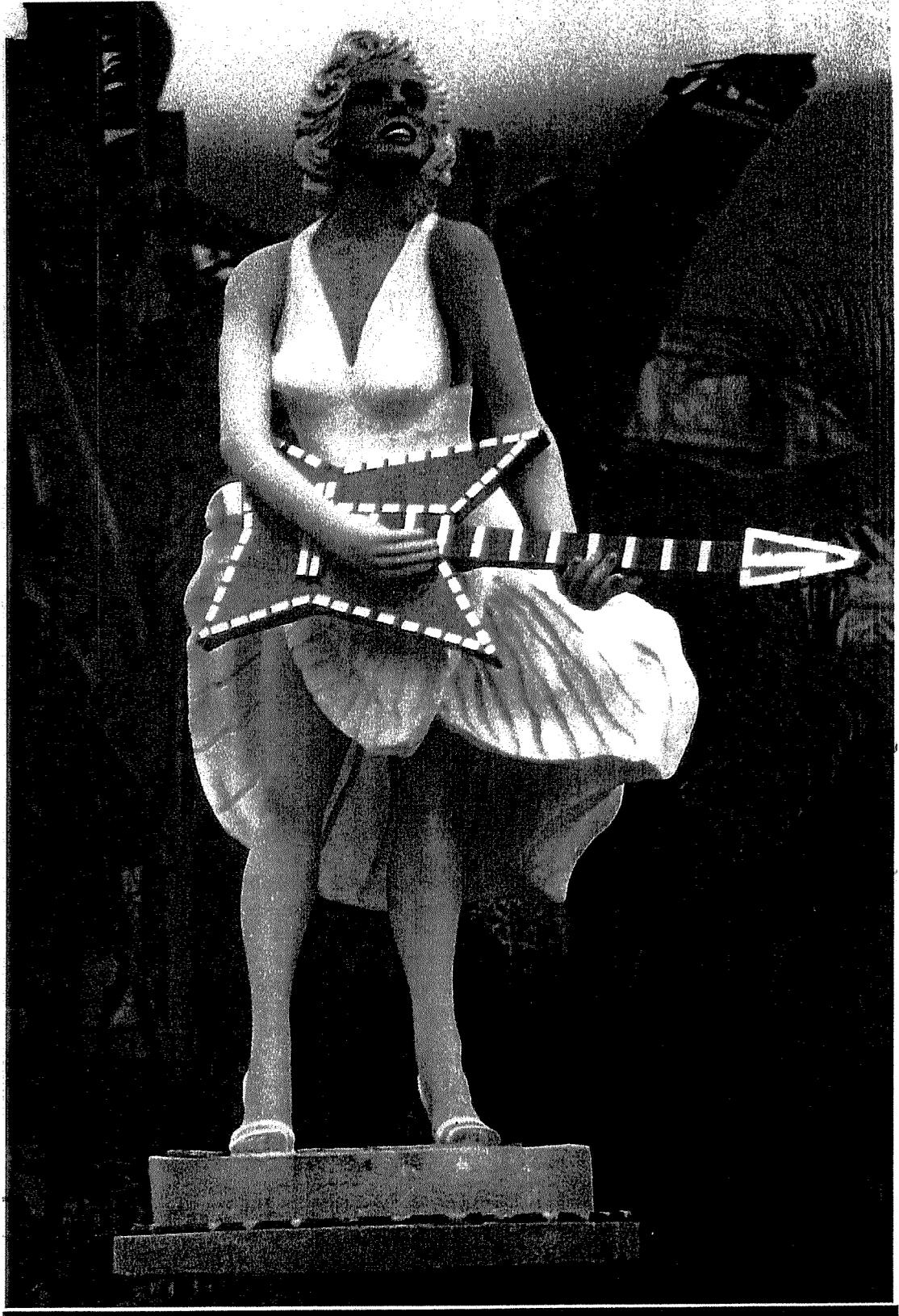




## ANEXO 16







UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL  
SEÇÃO CIRCULANTE